

SORAIA BARBOZA BOTELHO DO NASCIMENTO

**A CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES FRENTE À
FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O USO DAS
NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO NO QUOTIDIANO ESCOLAR**

Orientadora: Prof.^a Doutora Maria Eduarda Margarido Pires

Escola Superior de Educação Almeida Garret

**Lisboa
2017**

SORAIA BARBOZA BOTELHO DO NASCIMENTO

**A CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES FRENTE À
FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O USO DAS
NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO NO QUOTIDIANO ESCOLAR**

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação no Curso de Mestrado em Ciências da Educação, na especialização de Administração Escolar, conferido pela Escola Superior de Educação Almeida Garret.

Orientadora: Prof.^a Doutora Maria Eduarda Margarido Pires

Coorientadora: Prof.^a Doutora Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Escola Superior de Educação Almeida Garret

**Lisboa
2017**

SORAIA BARBOZA BOTELHO DO NASCIMENTO

**A CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES FRENTE À
FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O USO DAS
NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO NO COTIDIANO ESCOLAR**

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação Almeida Garret para
obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação na área de especialização em
Administração Escolar

Aprovada em _____

Prof.^a Dr.^a Anabela Baptista Silva - Presidente

Prof. Dr. Luis Sousa - Arguente

Prof^a Doutora Maria Eduarda Margarido Pires – Orientadora

Prof^a Doutora Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida – Coorientadora

Lisboa

2017

Talvez não seja muito importante o que a vida faz connosco; importante, sim, é o que cada um de nós faz com a vida. Não hesito em dizer-vos que a certeza é a distância mais curta para a ignorância.

António Nóvoa.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação ao meu querido filho, **Luís Caio Botelho**, pelo incentivo nos meus projetos e por ser a razão de muitas das minhas conquistas.

A minha mãe, **Lusinete Barbosa**, por acreditar em meus sonhos e por me ajudar nos momentos de maiores dificuldades.

Ao meu pai, **Oswaldo Botelho**, (*in memoriam*) pelo exemplo em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao meu DEUS pela constante presença em meu viver me guiando em meio às dificuldades e provações.

À Professora Doutora Maria Eduarda Margarido Pires, orientadora desta dissertação, pela contribuição com o aprimoramento deste trabalho.

À Professora Doutora Maria das Graças Ataíde de Almeida, coorientadora desta dissertação, por sua incansável dedicação aos propósitos da Educação e por seu compromisso permanente em guiar cada um de seus alunos pelos caminhos da construção do saber.

A todos os professores, nossos mestres, por nos oportunizar importantes momentos de crescimento acadêmico.

Ao ESEAG, pela oportunidade de efetivação do curso de mestrado.

A todos os colegas de turma, em especial ao Luiz Gonzaga, Sandra Firmino, Nélcio Fonseca, pelos compartilhamentos cognitivos e afetividade nos momentos de grandes dificuldades renovando minhas forças para trilhar o caminho sem desistir.

A todos os professores que abriram mão de seu tempo com paciência e disposição para participar desta investigação.

A minha acolhedora família pelo apoio e pela compreensão nos momentos em que não estive presente.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram com a realização deste trabalho.

RESUMO

No processo de ensino, inclusive o profissional, a utilização dos recursos didáticos visa enriquecer a prática pedagógica docente convergindo para a melhor compreensão do conteúdo trabalhado no desenvolvimento da capacitação do discente. Desta forma, este estudo teve como objetivo geral analisar o uso que os docentes fazem das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) no quotidiano escolar e a relação do uso das NTICs com a formação continuada específica para o uso das NTICs. Trata-se de uma pesquisa realizada do tipo estudo de caso, descritiva com abordagem qualitativa através de entrevista semiestruturada com os docentes de uma Instituição de Ensino Superior em Pernambuco que atuam na formação de professores.

Palavras-Chave: Novas Tecnologias. Quotidiano Escolar. Formação Continuada.

ABSTRACT

In the teaching process, including the professional one, the use of didactic resources aims to enrich the teaching pedagogical practice converging to better understand the content worked on the development of the student's training. The purpose of this study was to analyze the use of New Information and Communication Technologies (NICTs) by the teachers in daily school life and the relationship between the use of NICTs and teacher' specific training for using NICTs. It's about a study-case, descriptive research with a qualitative approach through a semi-structured interview with the teachers of a Higher Education Institution in Pernambuco who work in teacher education.

Keywords: New Technologies. Continuing Education. Everyday School.

ÍNDICE GERAL

Introdução	11
Capítulo I. Novas Tecnologias de Informação e Comunicação	14
1.1. Contextualização histórica	15
1.2. O uso das Novas Tecnologias da Informação e de Comunicação como ferramentas metodológicas facilitadoras da aprendizagem e a transposição didática	24
Capítulo II. Cotidiano Escolar	32
2.1. Cotidiano: conceitos e definições.....	33
2.2. O Cotidiano Escolar e a pesquisa etnográfica	36
Capítulo III. Formação Continua de Professores.....	40
3.1. Formação Continuada: conceitos e fundamentos	41
3.2. Formação Continuada em NTIC's: um compromisso político dos governantes e do professor	49
Capítulo IV. A Trajetória Metodológica.....	58
4.1. Objetivos	59
4.1.1. Objetivo Geral	59
4.1.2. Objetivos Específicos	59
4.2. Hipóteses	59
4.3. Tipo de Pesquisa.....	59
4.4. <i>Lócus</i> da Pesquisa	60
4.5. Sujeitos da Pesquisa	61
4.6. Instrumentos para a Coleta de Dados.....	61
4.6.1. Técnica das Entrevistas	61
4.7. Procedimentos da Pesquisa	62
4.8. Procedimento de Análise dos Dados	62
4.8.1. Análise de Discurso (AD).....	62
Capítulo V. Apresentação e Discussão dos Resultados.....	64
5.1. Apresentação e discussão dos resultados obtidos através do instrumento qualitativo	65
5.2. Identificação pessoal e profissional dos docentes	65
5.3. Formação Discursiva: Concepções dos docentes acerca da Formação Continuada para o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's).....	67
5.4. Formação Discursiva: Acesso e utilização das NTIC's no cotidiano docente	75
5.5. Formação Discursiva: Dificuldades na adequação didática frente ao uso das NTIC's	83
Conclusão	95

Referências Bibliográficas	98
Webgrafia	101
Legislação	102
Apêndices	I
Apêndice I. Carta de autorização para pesquisa de campo	II
Apêndice II. Guião de entrevista	III
Apêndice III. Respostas transcritas da entrevista com o docente D1	IV
Apêndice IV. Respostas transcritas da entrevista com o docente D2	VIII
Apêndice V. Respostas transcritas da entrevista com o docente D3	XI
Apêndice VI. Respostas transcritas da entrevista com o docente D4	XVI
Apêndice VII. Respostas transcritas da entrevista com o docente D5	XIX
Apêndice VIII. Respostas transcritas da entrevista com o docente D6	XXII
Apêndice IX. Respostas transcritas da entrevista com o docente D7	XXV
Apêndice X. Respostas transcritas da entrevista com o docente D8	XXVIII

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Apresentação de excertos das entrevistas dos docentes agrupados na FD na “Concepções dos docentes acerca da Formação Continuada para o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC’s)”	68
Quadro 2. Apresentação de excertos das entrevistas dos docentes agrupados na FD “Acesso e utilização das NTIC’s no cotidiano docente”	75
Quadro 3. Apresentação de excertos das entrevistas dos docentes agrupados na FD “Dificuldades na adequação didática e as NTIC’s”	84

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Identificação pessoal e profissional dos docentes participantes da pesquisa.....	65
---	----

INTRODUÇÃO

Atualmente muito se tem questionado sobre a formação inicial e a formação continuada dos docentes no que se refere ao uso da tecnologia como recurso facilitador no fazer docente frente ao seu cotidiano escolar. Frequentemente pesquisadores e especialistas da área refletem acerca de tais questões relacionando os recursos tecnológicos, as diferentes maneiras e os aparatos introduzidos no contexto de sala de aula como ferramentas metodológicas de ensino que gera, ou não, uma resposta satisfatória ao que se almeja alcançar no uso, e com o uso, de tais tecnologias.

O dicionário virtual, Michaelis (2005), apresenta tecnologia como sendo um “tratado das artes em geral”, um “conjunto dos processos especiais relativos a uma determinada arte ou indústria” ou ainda uma “linguagem peculiar a um ramo determinado do conhecimento, teórico ou prático” e por fim, a “aplicação dos conhecimentos científicos à produção em geral”. Daí pode-se entender a tecnologia como algo indispensável à sociedade humana, uma vez que esta gera a partir das suas próprias necessidades todo e qualquer conhecimento por meio do uso de diferentes técnicas buscando aperfeiçoar seus fazeres, ou ainda, buscando soluções para suas problemáticas.

Diante da importância da tecnologia para a sociedade, foi percebida a necessidade de uma pesquisa focada na Formação Continuada de professores para o uso adequado das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), no Cotidiano Escolar. Outro parâmetro de relevância da pesquisa refere-se ao fato de que na atual realidade escolar o uso das NTIC's, por parte dos alunos, já é tido como uma realidade cotidiana, gerando para a escola um desafio em sua adequação para um novo perfil de professores que precisam estar aptos a dominar o uso das NTIC's como forma de interagir com seu público.

O meio acadêmico vem mostrando os resultados de suas investigações acerca das formações continuadas dos professores para o uso das NTIC's através dissertações e teses. Percebendo a grande relevância do assunto para o atual momento histórico, a pesquisa em questão buscou respaldo em: Serra (2009) “Contribuições das TIC no ensino e aprendizagem de ciências: tendências e desafios”; afirma que a formação continuada nas NTIC's, em particular o uso da internet, dá subsídios na capacitação do professor, pois promove a reflexão na ação, favorece o diálogo ou a troca de experiências, seja na utilização de *software* para navegação autônoma ou para envio de informações por correio eletrônico, para pesquisas, construção de páginas da *web* como suporte para utilização dos recursos informacionais.

Lourenço (2012) explica em sua dissertação “O "Estado da Arte" da produção de teses e dissertações sobre games - entendidos como forma de comunicação - no banco de

dados Capes realizadas entre 1987 e 2010”, que para se entender os diferentes papéis das tecnologias, o surgimento e expansão dos games dentro da cultura da sociedade contemporânea, conectada e em rede, é preciso fazer um resgate contextual do ritmo de vida socioeconômico da humanidade no intuito de compreender que a humanidade vive um momento de transformação paradigmática, marcado por incertezas, mudanças, inquietudes e vislumbres sobre uma “nova era” que se instaurou na segunda metade do século XX, com a disseminação das NTIC’s advindas de um período de pós-guerra, esta última vetora de vastos avanços tecnológicos ocorridos da necessidade de estratégias usada em um período de turbulências e incertezas.

O pesquisador argumenta que diante um cenário de transformação, rupturas e surgimentos de novos paradigmas, o sentido de comunidade se transforma do mesmo modo que as formas de controle político-social. O pesquisador afirma ainda que a relação espaço-tempo é realinhada diante dessas tecnologias, o que permite ao indivíduo ser ubíquo, ou seja, conectar-se instantaneamente a qualquer outro sujeito pelos novos aparelhos tecnológicos, estando em vários lugares ao mesmo tempo. E isso, amplia as formas de influências ideológico-filosóficas dando ao sujeito a compreensão de que a tecnologia facilita uma extensão físico-natural (Lourenço, 2012).

Posto isso, esta pesquisa teve como questão de partida saber: que uso os docentes fazem das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação no cotidiano escolar e que relação as NTICs têm com a formação continuada específica dos docentes? A pesquisa deu ênfase ao processo de assimilação e uso adequado das NTIC’s pelo professor no cotidiano escolar de uma Instituição de Ensino Superior Privado que atua na formação de docentes, esta tarefa compõe-se em um complexo fazer.

Tal complexidade balizou-se do não saber se de fato a Instituição que foi o *lôcus* de pesquisa, disponibilizaria ao seu corpo docente formação continuada específica para o uso das NTIC’s. Outros questionamentos suscitados nesta pesquisa incluem: Averiguando-se a inexistência da formação continuada em NTIC’s, quais as possíveis consequências frente à aprendizagem do corpo docente? Caso haja a formação continuada em NTIC’s, será ela um recurso facilitador no processo de ensino e aprendizagem? E ainda, a Instituição disponibiliza as NTIC’s atendendo às expectativas dos alunos? E por fim, existindo a formação continuada, seria ela suficiente para desenvolver as competências e habilidades necessárias nos professores deixando-os seguros em seus fazeres docentes?

Diante disso, buscou-se apoio nos referendados autores que pesquisam as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação: Lévy, (2010); Coscarelli, (2006); Moran, Masetto, Behrens, (2012); Xavier, (2009) e Braga(2001), assim como em Ferreira et al (2005); Gonçalves et al (2012); Vitorino (2011); Souto (2013) que abordam a formação

continuada de professores; quanto aos Saberes Docente nos reportaremos aos escritos de Pimenta (2009) e seguiremos o pensar de Piaget (1992); Vygotsky (1992); Wallon (1992); Vygotsky (1995) e Wallon (1996) que são os principais teóricos a discorrem com profundidade sobre o processo de aprendizagem e aprendizagem.

Para embasarmos a pesquisa elegemos as seguintes Formações Discursivas: as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's) como meio facilitador do processo de ensino e aprendizagem; a Formação Continuada de Professores e por fim o Cotidiano Escolar. Assim a questão de partida foi analisar o uso que os docentes fazem das NTIC's no cotidiano escolar e a relação da formação continuada específica para o uso das NTICs. Para tanto, trabalhamos a partir de uma discussão entre os teóricos das categorias, procurando assim entender o nível de discussão acerca dessa temática, e assim, contribuir com sugestões sobre as potencialidades e dificuldades que o uso das NTIC's tem experimentado e publicado. Esta dissertação foi organizada em introdução, cinco capítulos e as considerações finais.

No primeiro capítulo, "Novas Tecnologias de Informação e Comunicação", é apresentado o contexto histórico acerca do tema e o uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação como ferramentas metodológicas enquanto facilitadoras da aprendizagem e a transposição didática.

No segundo capítulo, "Cotidiano Escolar", faz-se referência aos conceitos e definições de cotidiano escolar analisando estudos que apresentam o uso das NTIC's no processo diário na sala de aula como recursos didáticos pedagógicos facilitadores do aprendizado.

No terceiro capítulo, "Formação continuada de professores", apresenta-se o conceito de Formação Continuada e seus sinônimos e as implicações da formação continuada para a melhoria da qualidade da educação e do ensino na Educação Superior.

No quarto capítulo, "Desenvolvimento da Pesquisa", descrevemos o percurso metodológico descrevendo todos os aspectos relacionados aos sujeitos pesquisados e o *lôcus* da pesquisa, bem como os instrumentos utilizados para coleta dos dados e a análise dos mesmos.

No quinto e último capítulo, "Apresentação e Discussão dos Dados", estão representadas a análise dos dados, empregando como aporte metodológico a análise dos discursos com base nos autores, nas leituras e nas teorias que dão suporte científico a esta pesquisa.

Por fim, apresentam-se as "Considerações Finais", reforçando os pontos significativos da pesquisa. Além de serem destacadas as principais reflexões foi possível fazer uma comparação entre os objetivos e os resultados após a pesquisa empírica.

CAPÍTULO I. NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

1.1. Contextualização histórica

Após um período, denominado oral, no qual a sociedade caminhava por necessárias e periódicas repetições de proposições em voz alta como principal meio de não deixar desaparecer as representações verbais, numa sociedade “sem escrita, portanto sem escola” (Coscarelli, 2006, p.14), veio a tecnologia da escrita trazer para a sociedade uma situação nova, pois os poderes não estavam mais nas palavras ditas, até então vulneráveis, e sim na possibilidade de uso de uma técnica que separou fisicamente o emissor do receptor da mensagem.

Essa separação entre o autor e a obra trouxe consigo a introdução de comentários postos nos textos por aqueles que os escrevia, fato que provocou acúmulo de informações extra nas obras dos autores a partir de notas escritas na própria obra como forma de levar ao leitor o sentido do que se desejava dizer com o uso da palavra sem a presença física do autor.

Para Coscarelli (2006, p.14), com esse distanciamento entre o leitor e a obra, com a impossibilidade de interação no contexto, para a criação de um hipertexto, surgiu a necessidade de notas e comentários elucidativos sobre os manuscritos que, após gerações, acumulavam interpretações numerosas em suas margens. Ao romper a condição de visão e audição da obra no mesmo momento em que se dava, mudou-se o significado semântico e o código visual e criou-se a acumulação dos saberes dando liberdade a memória humana que até então desempenhava o papel de guardiã da informação.

Com o advento da escrita um novo fato contribuiu significativamente para a perenidade do saber, a invenção da imprensa, por Gutenberg, em 1455. O surgimento da imprensa possibilitou a comunicação e associação de textos formando o livro que “começaram a ser impressos sem os acréscimos interpretativos introduzidos pelos copistas” (Coscarelli, 2006, p.15). O livro chega ao leitor livre de interpretações particulares dos escreventes como ocorria até então.

Vivemos hoje uma realidade muito mais avançada tecnologicamente devido ao advento dos equipamentos de informática e da internet o que possibilitou surgir um espaço de comunicação diferenciado no que consiste a interação dos saberes a partir do que se denomina ciberespaço. A autora Coscarelli (2006, p.16) adverte que chegamos a uma realidade na qual “o ciberespaço abre uma nova forma de comunicação com a chegada dos microprocessadores usados nos computadores pessoais: o caminho da interatividade, da relação simultânea do local com o não local, do regional com o planetário”.

Essa dinâmica nas relações trazidas pelos recursos disponíveis na atual tecnologia muda a forma de interação entre as partes envolvidas no processo comunicativo. O fator

tempo passa a ser um aspecto que ora se apresenta como um coadjuvante nessas relações ora como aspecto indispensável para se considerar um meio efetivo de facilitação de relações e soluções de problemas vivenciados entre as pessoas.

Outro aspecto a ser observado refere-se ao quantitativo de informações disposto através dos meios tecnológicos, pois a partir da utilização dos bancos de dados é possível ter acesso a uma quantidade quase que ilimitada de informações, isso porque os bancos de dados, a acumulação e a conservação da informação são apenas uma das faces que a computação oferece, neste caso específico, podendo ser considerada como uma continuidade do trabalho realizado pela escrita.

Percebe-se então que há uma semelhança do período atual com o oral uma vez que a distância entre o autor e a obra pode ser vista apenas como física, pois mesmo que essa distância seja planetária é possível resguardar as manifestações da linguagem verbal e visual utilizando-se os recursos tecnológicos de som e imagem computacional.

Para Lévy (1999, p.17) o ciberespaço é definido como “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, “assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”.

As tecnologias são conceituadas por Lévy (2010, p. 22) como “produtos de uma sociedade e de uma cultura”. Porém, o autor ressalta que é apenas conceitual a distinção entre cultura, sociedade e técnica, pois não existe nenhum autor nem “causa” considerada independente que corresponda a tecnologia. Levy reforça ainda que as verdadeiras relações, portanto, não são criadas entre “a” tecnologia (que seria da ordem da causa) e “a” cultura (que sabia os aspectos), mas sim evite um grande número de valores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas.

Portanto, é o fazer humano que gera, produz, define, modifica, aperfeiçoa e inova as tecnologias a partir de suas ideias e representações participando ativamente dos processos sociais e culturas da humanidade.

As relações de forças originadas pelo uso das técnicas são percebidas de acordo com o seu uso em cada época. Nessa perspectiva Lévy (2010, p.23) explica que “as máquinas a vapor escravizaram os operários das indústrias têxteis do século XIX, enquanto os computadores pessoais aumentaram a capacidade de agir e de comunicar dos indivíduos durante os anos 80 de nosso século”.

Intuímos que a partir desses novos recursos tecnológicos, acontecem mudanças profundas, pois não é apenas a distância entre o autor e a obra que se alterou, mas sim a ação do receptor que pode alimentar o espaço por ser ele agora também autor nesse

espaço. Esse novo meio comum gerado a partir da interligação de recursos tecnológicos gera mudanças.

As Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC's) atualmente, une e difunde os recursos da informática, da telecomunicação e dos audiovisuais. Essa articulação gera produtos informacionais, os quais apresentam a possibilidade de comunicação e de interação em tempo real entre sujeitos que podem estar bem perto ou muito distante um do outro por intermédio da linguagem digital.

Analisar a tecnologia de informação e comunicação frente à construção do conhecimento escolar/acadêmico constitui-se deliberadamente imprescindível para a percepção dos aspectos que se apresentam no fazer educacional. Diversas são as bases científicas que discorrem acerca do tema (Lévy, 2010; Coscarelli, 2006; Moran, Masetto, Behrens, 2012; Xavier, 2009; Braga, 2001) e que contribuem para o aprofundamento nos estudos a respeito.

No que consiste a imposição tecnológica em seus usos cotidianos educacionais, Moran (2012) destaca como o maior desafio entre o ensino e a educação de qualidade a necessidade de se integrar todas as dimensões do ser humano na utilização dessa tecnologia. Diz ainda que para se atingir essa integração entre o ensino e a educação de qualidade frente às dimensões do ser humano é necessário lembrar que:

“[...] precisamos de pessoas que façam essa integração em si mesmas no que concerne aos aspectos sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico, que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social, que expressem nas suas palavras e ações que estão sempre evoluindo, mudando avançando” (Moran, 2012, p.15).

Na fala do autor é possível perceber o importante papel que o ser humano desempenha frente ao uso da tecnologia nas suas ações diárias. Uma vez que a tecnologia é dependente da própria atitude do ser humano de incorpora-la ou não em seus afazeres, em suas falas, em seus atos e em suas ações. Dependente da aceitação de mudanças por parte dos que desejam dela fazer uso, pois sua evolução e avanços geram constantes mudanças.

Ainda para Moran (2012), algumas variáveis concorrem para o ensino de qualidade, a saber:

- Uma organização inovadora, aberta, dinâmica, com o projeto pedagógico coerente, aberto, participativo; com infraestrutura adequada, atualizada, confortável; tecnologias acessíveis, rápidas e renovadas.
- Uma organização que congregue docentes bem preparados intelectual, emocional, comunicacional e eticamente; bem remunerados, motivados e com

boas condições profissionais, e onde haja circunstâncias favoráveis a uma relação efetiva com os alunos que facilite conhecê-los, acompanhá-los, orientá-los.

- Uma organização que tenha alunos motivados, preparados intelectual e emocionalmente, com capacidade de gerenciamento pessoal e grupal.

De acordo com as variáveis citadas pelo autor podemos perceber o importante papel da tecnologia no que consiste ao fazer pedagógico de qualidade. Segundo Moran (2012) na sociedade urbana existe um tipo de conhecimento polivalente, que responde a solicitações imprevisíveis, rápidas e que exige capacidade de adaptação e flexibilidade. E outro que precisa de tempo para compreender. A respeito desses tipos de conhecimentos:

“Há um tipo de conhecimento que exige respostas rápidas, imediatas, que combinamos com outro tipo mais reflexivo, demorado, analítico, por meio do qual precisamos de tempo e concentração para compreender um assunto. Na maior parte das situações do dia a dia utilizamos um tipo de conhecimento polivalente, de resposta rápida, tipo “vapt-vupt”, um conhecimento que precisa responder a solicitações imprevisíveis que exigem soluções imediatas” (Moran, 2012, p.20).

Da fala do autor podemos perceber que existem dois tipos de conhecimentos e que cada tipo de conhecimento exige formas diferentes de ações que são necessárias para lidar com o processamento do pensamento no ato de resposta. Tal ação exige do ser humano uma capacidade determinada de adequação a cada situação que se apresente. E que esse tipo de conhecimento é denominado conhecimento “multimídico”. Nesse sentido, na sociedade urbana esse tipo de conhecimento “multimídico” – generalista e menos profundo – é cada vez mais importante e exige uma capacidade de adaptação e flexibilidade muito grande. O ritmo alucinante da televisão, utilizando vários canais sensoriais e linguagens simultaneamente, favorece esse tipo de conhecimento de assimilação imediata (Moran, 2012).

De acordo com o autor, a sociedade atual gera uma demanda por respostas instantâneas e resultados imediatos. Fazendo com que haja uma necessária adaptação dos que vivem em sociedade para se adaptar a essa demanda. Porém, essa adaptação não chega a transformar o conhecimento em um conhecimento efetivo e profundo. É preciso se preocupar com a voracidade da informação em detrimento de parâmetros qualitativos que servem como base para a construção efetiva do conhecimento. A questão que se impõe é a da equidade entre a quantidade disponível de informações nos meios multimidiáticos versus a efetiva construção do saber. É inquestionável a contribuição da tecnologia para a disseminação da informação. Todavia, faz-se necessário refletir sobre o papel da educação frente a constituição dos saberes.

Sobre a ação da educação, Moran nos trás que:

“Uma das tarefas principais da educação é ajudar a desenvolver tanto o conhecimento de resposta imediata como o de longo prazo; tanto o que está ligado a múltiplos estímulos sensoriais como o que caminha em ritmos mais lentos, que exige pesquisa mais detalhada, e tem de passar por decantação, revisão, reformulação. Muitos dados, muita informação não significa necessariamente mais e melhor conhecimento. O conhecimento torna-se produtivo se o integramos em uma visão ética pessoal, transformando-o em sabedoria, em saber pensar para agir melhor” (Moran, 2012, p.22).

Encontra-se na fala do autor uma exposição do que podemos denominar preocupação com a efetiva ação de educar frente aos aparatos tecnológicos que precisam ser usados de maneira a contribuir com a formação individual que esteja balizada em ética pessoal capaz de transformar informação em ação. Pois a tecnologia pode ser usada em sua capacidade inovadora, dinâmica, participativa, atualizada, etc., para gerar nos indivíduos capazes de se tornarem cidadãos honestos, capazes de se integrar a essa nova sociedade tecnológica de forma sustentável.

Segundo Moran “As tecnologias nos ajudam a realizar o que já fazemos ou desejamos. Se somos pessoas abertas, elas nos ajudam a ampliar a nossa comunicação; se somos fechados, ajudam a nos controlar mais” (Moran, 2012, p. 27). Como pode ser visto a tecnologia pode potencializar aspectos de natureza implícita do ser humano. As tecnologias devem ser integradas de forma inovadora para que possam ter um efeito importante no contexto escolar. O autor expõe que aprendemos quando relacionamos, integramos. Uma parte importante da aprendizagem acontece quando conseguimos integrar todas as tecnologias, as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas, corporais.

Desta feita, é importante observar que para que se produza a educação de qualidade é importante que haja a integração dos recursos disponíveis. O professor tem um grande leque de opções metodológica, de possibilidades de organizar sua comunicação com os alunos, de introduzir um tema, de trabalhar com os alunos presencial e virtualmente, de avaliá-los. Em se tratando dos tipos de aparatos tecnológicos existentes na atual sociedade frente a sua utilização, Corrêa afirma que:

“[...] os recursos tecnológicos são mutáveis e o sujeito é quem determina o uso que fazemos desses recursos. Essas intenções se referem aos paradigmas educacionais e comunicacionais presentes na escolha e na utilização dos diferentes recursos tecnológicos” (Corrêa, 2006, p.43).

Como cita a autora, os recursos que podem ser usado na educação são mutáveis e seu uso depende do intuito de quem irá utilizá-los e dos modelos educacionais em que estão inseridos os sujeitos da ação que podem estar inseridos ou ainda delimitados, voluntária ou involuntariamente, em um contexto de transmissão ou construção do saber.

Sendo necessário enxergar a própria prática como forma de se buscar alcançar de fato a prática do discurso que se operacionaliza.

Em relação à perspectiva comportamentalista da transmissão da informação Corrêa (2006) alerta-nos para o fato de que normalmente, consideramos que somos imunes a essa perspectiva, mas creio que é muito difícil enxergar a nossa própria prática, de modo que continuamos, com boa intenção, transmitindo um discurso crítico para nossos alunos – uma visão avançada, até mesmo construtivista, mas ainda por meio de uma prática transmissiva. Sabemos que não é fácil essa coerência, porque a cultura nos constitui como sujeitos sociais. Nossa maneira de pensar, interagir e sentir conduz nosso olhar, nossa percepção e, muitas vezes, não percebemos nossa prática.

Quando o professor está na sua práxis docente ele leva consigo suas questões de caráter social e isso faz com que muitas vezes ele tenha uma percepção equivocada de seu próprio fazer. Em outras palavras podemos dizer que é necessário que ele possa refletir a ação praticada para não proferir um discurso diferente que, apesar de toda e qualquer boa intenção, esteja na contra mão da ação vivenciada no seu fazer diário.

Em outras palavras, podemos dizer que não basta o docente crer que ele seja inune a uma prática atrelada ao modelo de educação behaviorista, pois ele próprio deve exercer cotidianamente o exercício de autoavaliação a partir de uma análise crítico-reflexo, pois só assim o mesmo poderá promover a articulação de elementos antagônicos, quebrando paradigmas e promovendo ao seu alunado a possibilidade e o espaço para a construção do conhecimento.

As inovações tecnológicas e as tecnologias usadas em sala de aula nos remetem também a um pensar do processo acerca do acesso às tecnologias em relação à inclusão ou exclusão social. Nesse sentido, quando falamos que com as inovações tecnológicas estamos aprofundando os processos de exclusão social, estamos dizendo que o uso, as opções tecnológicas que fazemos retratam um modo de ver e de querer estar no mundo, de querer ou não estar em relação com o outro, de se posicionar a favor da inclusão ou da exclusão social (Coscarelli et al, 2006).

Como podemos observar na fala da autora a decisão de uso dos recursos tecnológicos passa por fatores de natureza pessoal, crítica ou não, e retrata o modo de ver o mundo e de se relacionar no mundo. A decisão de optar por determinado aparato tecnológico, de interagir ou não com os outros, independe da tecnologia por si só, pois ela é dependente dos desejos da forma como se dará o seu uso.

Em relação aos parâmetros da utilização da tecnologia no contexto escolar, Corrêa (apud Coscarelli et al.) diz que:

“Devemos construir uma nova articulação entre tecnologia e educação – aquilo que chamaríamos de uma visão crítica, apesar do desgaste da palavra “crítica” – ou seja, compreender a tecnologia para além do mero artefato, recuperando sua dimensão humana e social. As tecnologias que favorecem o acesso à informação e aos canais de comunicação não são, por si mesmas, educativas, pois para isso, dependem de uma proposta educativa que as utilize enquanto mediação para uma determinada prática educativa” (Corrêa, 2006, p. 47)

Ou seja, para que de fato haja a utilização significativa dos recursos tecnológicos em sala de aula, é necessário que o docente tenha conhecimento e acesso a mesma, como também, que ele esteja preparado para adotar uma nova postura, isto é, mudar sua práxis, adequando as técnicas metodológicas de ensino e sua didática, pois não adianta ter em mãos os mais novos e variados aparatos tecnológicos, se o professor continua a desenvolver a velha e ultrapassada metodologia de ensino que apenas possibilita o acúmulo de informação e não a construção do saber por parte do aprendiz.

A cultura escolar é extremamente individualista – cada profissional deve fazer-se por si mesmo -, o que consiste apenas numa linguagem mais atual para a antiga meritocracia. No dia-a-dia do trabalho, cada um deve garantir a sua sala de aula, a sua pesquisa, o seu projeto, a sua unidade de trabalho. Estamos permanentemente isolados. Deveras, a cultura escolar/cultura da escola parece estar ancorada nos paradigmas do interesse da obrigação¹, isso porque os profissionais, em sua maioria isolam-se em seus afazeres docentes individuais, não dando importância a reciprocidade social e aos vínculos afetivos, muito menos, a possibilidade de um trabalho coletivo multidisciplinar, por isso, Corrêa (2006, p. 49) nos fala que “o nosso grande desafio ainda é por meio das novas tecnologias de informação e comunicação e/ou novas estratégias de ensino/aprendizagem, possibilitar a formação e a inclusão social”, pois o uso das NTICs quando feito com responsabilidade e compromisso com um ensino de qualidade e inclusivo, acontece sob a égide do paradigma da solidariedade² primando por um aprendizado que mobiliza saberes a partir da criatividade, da cooperação e da ética.

Os bancos de dados, a acumulação e a conservação da informação são apenas uma das faces que a computação oferece, neste caso específico, podendo ser considerada como uma continuidade do trabalho realizado pela escrita.

¹ **Paradigma do interesse:** funda-se na concepção de que os objetivos pessoais devem ser priorizados sobre os coletivos, daí advindo a noção de indivíduo como uma célula à parte da sociedade e, de sociedade, como a soma dos indivíduos. Tendo esse fundamento como suporte de sua argumentação, o paradigma do interesse referenda o individualismo utilitarista. **Paradigma da obrigação:** desenvolve-se simultaneamente ao paradigma do interesse, como forma de resistência aos valores individualistas e de manutenção de uma tradição autoritária e/ou paternista. Esta vertente do projeto de modernidade consagra o culto ao poder centralizado, na medida em que o respeito às regras e os costumes deve prevalecer sobre a liberdade individual (Pernambuco, 2008, p. 21 - 22).

² **Paradigma da solidariedade:** [...] a solidariedade é aqui compreendida como a reciprocidade entre grupos e atores sociais; numa relação de intersubjetividade; o vínculo social, como a aliança a favor da comunicação; e a cidadania, como o ‘direito a ter direito’ (Pernambuco, 2008, p.23).

Percebe-se então que há uma semelhança do período atual com o oral uma vez que a distância entre o autor e a obra pode ser vista apenas como física, pois mesmo que essa distância seja planetária é possível resguardar as manifestações da linguagem verbal e visual utilizando-se os recursos tecnológicos de som e imagem computacional.

Para Lévy (1999, p.17) o ciberespaço é definido como “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, “assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”. Intuímos que a partir desses novos recursos tecnológicos, acontecem mudanças profundas, pois não é apenas a distância entre o autor e a obra que se alterou, mas sim a ação do receptor que pode alimentar o espaço por ser ele agora também autor nesse espaço. Esse novo meio comum gerado a partir da interligação de recursos tecnológicos gera mudanças.

É possível perceber que os efeitos do uso das tecnologias se apresentam de maneira deferente em cada momento. Todavia não se pode instituir a elas as mudanças culturais ou sociais. A utilização das novas tecnologias de comunicação na atualidade é de interação entre indivíduos, sociedades e culturas. A tecnologia a serviço da educação especificamente no contexto socioeconômico brasileiro vinculou-se a interesses econômicos e, segundo Oliveira é necessário lembrar que a importância dada a esse advento surgiu a partir das reivindicações sociais por uma saúde e educação de qualidade, assim, analisar a tecnologia de informação e comunicação frente ao processo de formação escolar constitui-se deliberadamente imprescindível para a percepção dos aspectos que se apresentam no fazer educacional. Diversas são as bases científicas que discorrem acerca do tema (Lévy, 2010; Coscarelli, 2006; Moran, Masetto, Behrens, 2012; Xavier, 2009; Braga, 2001) e que contribuem para o aprofundamento nos estudos a respeito.

Atualmente muito se tem questionado sobre a qualidade da educação, assim como também, sobre a formação inicial e a formação continuada dos docentes e, em meio a esses questionamentos o termo “tecnologia na educação” vem sendo frequentemente utilizado por pesquisadores e especialistas da área no que diz respeito à reflexão acerca de tais questões, todavia, acreditamos que a garantia da educação de qualidade não se remeta unicamente ao uso ou não dos recursos tecnológicos, pois não é o novo, o diferente, o não usual que faz a diferença, mas sim, a maneira como a tecnologia e seus aparatos são introduzidos no contexto de sala de aula (como ferramentas metodológicas de ensino) que gera ou não uma resposta satisfatória ao que se almeja alcançar com o uso de tais aparatos.

Ainda há um outro equívoco, pois no senso comum, acredita-se que a tecnologia só está a serviço da educação quando a mesma é utilizada exclusivamente na sala de aula,

isso é uma ideia errônea, uma vez que, professor e aluno pode manipular a tecnologia e suas ferramentas em prol da construção do conhecimento em qualquer lugar que não necessariamente a sala de aula e o seio escolar, contudo, como em dias hodiernos temos um número cada vez maior de alunos com acesso a diversos e distintos aparelhos tecnológicos, além disso, fazendo uso em plenas aulas, é quase que inevitável fazer a interrelação entre o processo de ensino e a utilização da tecnologia como um recurso favorável ao desenvolvimento sócio-cognitivo do aprendiz. No tocante a isso, Moran esclarece que:

“O professor é um pesquisador em serviço. Aprende com a prática e a pesquisa e ensina a partir do que aprende. Realiza-se aprendendo-pesquisando-ensinando-aprendendo. O seu papel é fundamentalmente o de orientador/mediador. Orientador/mediador intelectual – Informa, ajuda a escolher as informações mais importantes, trabalha para que elas se tornem significativas para o aluno” (Moran, 2012, p.30).

Desta feita, compreende-se que o diferencial que pode gerar um resultado satisfatório na educação não está no uso das NTICs, mais sim no como se faz uso das mesmas no contexto da sala de aula, por essa razão se torna indispensável o investimento governamental em programas de formação continuada específicas em NTICs, pois assim ficará mais fácil e aceitável para o docente desenvolver atividades, planos de aulas, sequências didáticas e projetos didáticos que tenham a tecnologia e seus aparatos como recursos e ferramentas metodológicas.

Outro teórico que vem a contribuir com essa perspectiva é Mercado e de acordo com suas palavras:

“As novas tecnologias e o aumento exponencial da informação levam a uma nova organização de trabalho, em que se faz necessário: a imprescindível especialização dos saberes; a colaboração transdisciplinar e interdisciplinar, o fácil acesso à informação e a consideração do conhecimento como um valor precioso, de utilidade na vida econômica. Diante disso, um novo paradigma está surgindo na educação e o papel do professor frente às novas tecnologias. Com as novas tecnologias pode-se desenvolver um conjunto de atividades com interesse didático-pedagógico [...]” (Mercado, 2002, p. 11).

Por tanto, na visão de Mercado, o momento histórico social vem demandando não só uma nova postura mercadológica mais também um rompimento com o pensamento arcaico (este que acredita ser incompatível a imbricação entre a tecnologia e a educação) e que o avanço ou não em relação ao uso das NTIC's na educação revela-se por meio dos objetivos que se tem ao se desenvolver um plano de aula, um projeto didático ou uma sequência didática.

1.2. O uso das Novas Tecnologias da Informação e de Comunicação como ferramentas metodológicas facilitadoras da aprendizagem e a transposição didática

A educação brasileira tem objetivos prioritários e um deles é “educar para a comunicação”, porém para esse objetivo ser alcançado, faz-se necessário a aquisição de instrumentos que diminuam as limitações tanto do sistema escolar quanto da prática docente. No processo de ensino e de aprendizagem existem vários pontos específicos que contribuem ou não para a aquisição do conhecimento por parte do aprendiz e, quando falamos da importância das NTIC's como possíveis ferramentas metodológicas facilitadoras da aprendizagem não podemos deixá-los de fora.

Entre muitos caminhos para a construção do saber do estudante destacamos a “transposição didática” como sendo um dos mais importantes fatores contribuinte de tal conquista, principalmente quando se trata do trabalho docente com as NTIC's, pois não é tão simples como possa parecer, isso porque esse tipo de trabalho requer um trato pedagógico muito mais esquematizado e minucioso para que de fato as NTIC's sejam ferramentas metodológicas facilitadoras da aprendizagem.

O teórico que embasa nosso escrito acerca do uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação como ferramentas metodológicas facilitadoras da aprendizagem e a transposição didática é Almeida (2007) e ao decorrer de sua obra sobre a transposição didática, esse estudioso apresenta e evidencia a importância de alguns pontos que estão entrelaçados a transposição didática, são: o ambiente educativo; as competências; as habilidades pedagógicas; a contextualização e a interdisciplinaridade.

Almeida começa sua obra apresentando a “transposição didática” como um de seus temas de pesquisa, revelando que:

“Embora tenhamos percebido o termo transposição didática mais recentemente, pelo trabalho de Philippe Perrenoud (1993), que o define como a essência do ensinar, ou seja, *a ação de fabricar artesanalmente os saberes, tornando-os ensináveis, exercitáveis e passíveis de avaliação no quadro de uma turma, de um ano, de um horário, de um sistema de comunicação e trabalho*, é sabido que o termo foi introduzido pelo sociólogo Michel Verret, em 1975, e depois aprofundado e apresentado mais encorpado por Yves Chevallard, pensador e educador francês. Em seu livro, *La transposition Didactique: du savoir savant au savoir enseigné* (Educations La Pensée Sauvage, 1998), Yves Chevallard amplia o conceito e diz que a transposição didática é composta por três partes distintas: o *savoir savant* (saber do sábio), que no caso é o saber elaborado pelos cientistas; o *savoir a enseigner* (saber a ensinar), que no caso é a parte específica aos professores e que está diretamente relacionada à didática e à prática de condução de sala de aula; e por último o *savoir enseigné* (saber ensinado), aquele que foi absorvido pelo aluno mediante as adaptações e as transposições feitas pelos cientistas e pelos professores” (Almeida, 2007, pp. 09-10).

Desta feita, percebe-se a partir dessa revelação feita por Almeida que, embora o termo “transposição didática” seja relativamente novo no seio educacional, ela (a transposição didática) sempre fez e fará parte do contexto da produção do conhecimento formal e informal, quer que seja como “saber do sábio”, “saber a ensinar” ou como “saber ensinado”.

Ainda nessa linha, de acordo com a Base Curricular Comum para as Redes Públicas de Ensino de Pernambuco – BCC, há dois momentos distintos, porém interligados da transposição didática que são o momento da transposição didática externa e o momento da transposição didática interna, logo:

“A primeira toma como referência as transformações, inclusões e exclusões sofridas pelos objetos de conhecimento desde o momento de sua produção, até o momento em que eles chegam à porta das escolas. Atuando, de certa forma, em uma esfera exterior à escola (mas sempre como resposta a demandas dela), o produto dessa transposição didática se materializa, em sua maior parte, pelos livros didáticos e pelas orientações curriculares, como o presente documento. Por outro lado, a transposição didática interna se apresenta, por sua própria natureza, no interior da escola, e, mais particularmente, em cada uma de nossas salas de aula. É o momento em que cada professora vai transformar os conhecimentos que lhes foram designados para serem ensinados em objetos de conhecimento efetivamente ensinados. As escolhas efetuadas pelo professor é que determinam, de certa maneira, a qualidade das aprendizagens realizadas pelos alunos” (Pernambuco, 2008, p. 60-61).

Desta forma, podemos dizer que, assim como o livro didático e os documentos oficiais que regem e orientam a prática pedagógica são considerados elementos temporais dando a ideia de transposição didática externa, as NTIC's também podem ser consideradas como um desses momentos, isso porque, ao ser incorporada a escola como possível resposta as necessidades e demandas da mesma, elas passam a, de certa maneira, ser ferramentas orientadoras do fazer docente.

Do mesmo modo, elas também podem ser inclusas na ideia de transposição didática interna, uma vez que, os conhecimentos adquiridos pelo docente no que diz respeito ao uso das NTIC's podem ser “ensinados em objetos de conhecimento efetivamente ensinados” (idem), sobretudo, quando falamos da transposição didática no Ensino Superior, pois os graduandos devem saber usar as mais diversas tecnologias, a prova é tanta, que na maioria dos cursos, a componente curricular “Informática na Educação” é obrigatória, principalmente nas Universidades Federais.

Nessa perspectiva, Almeida (2007, p.10) fala que “para que o ensino de um determinado elemento de saber seja possível, esse deverá ter sofrido certas deformações que o tornem apto para ser ensinado”. Por isso acrescentamos a ideia de que não é diferente com as NTIC's, já que quando incorporadas no contexto escolar e, especialmente, na sala de aula, essas devem ser previamente trabalhadas, pensando-se sobre quais as

melhores possibilidades de aproveitamento do uso delas como instrumentos facilitadores da aprendizagem, pois as mesmas não podem e nem devem ser usadas meramente por capricho docente, este deverá ser imbuído de conhecimentos tácitos acerca das NTIC's a fim de torna-las um dos elementos ou dos momentos da transposição didática.

É salutar dizer que é necessário situarmos a transposição didática no ambiente educativo:

“Nenhum sistema de ensino, nenhum método de ensino conseguiu provar que ele pode existir em si só próprio. Ou seja, jamais os livros, as apostilas, os computadores e os relatórios conseguirão educar, construir uma experiência verdadeira em relação à escola. Todos esses elementos são importantes para a construção do processo educativo. No entanto, sozinhos eles não querem dizer nada. Sozinhos eles perdem força, diluem-se, desaparecem, Isso quer dizer que, qualquer que seja o material, ele é equivalente ao *hardware* e, portanto, há necessidade, para a sua efetiva utilização, de um elemento equivalente ao *software*. É o *software* que irá dar vida a todo o processo. É o software que humaniza os objetos e os deixa à disposição, a serviço da interação, eu é onde realmente se dá a educação, na imbricação homem-objeto-meio” (Almeida, 2007, p. 27).

Almeida evidencia nessas palavras a importância que se tem o docente e sua atuação pedagógica, todo e qualquer elemento educativo só terá o devido valor “educativo” na medida em que esse profissional da educação venha a usufruir dos mesmos com responsabilidade, ética, competência e habilidades em esmiuçar o conhecimento até o deformá-lo, (torna-lo acessível, assimilável ao processo de aprendizagem do estudante), por isso a importância da constância no processo de formação desse docente, pois ele também deve seguir com os estudos ao longo de sua vida profissional e pessoal.

Um ambiente educador não é apenas o ambiente da sala de aula ou da própria escola, existe vários outros espaços que podem ser ou tornassem ambientes educadores. Alguns são educadores por natureza (Museu, Zoológico, Galeria de Artes entre outros), outros passam a ser a partir da visão, da concepção e dos objetivos educacionais desenvolvidos pela escola e pelo docente (Cinema, Mangue, Rua, Bairro, Cidade, etc.), isso dependendo dos conteúdos a serem ministrados e dos objetivos traçados. Por acreditar nisso, Almeida esclarece que:

“Os recursos, assim como as estruturas físicas, necessitam de uma harmonização [...]. Uma sala de aula precisa ser um organismo vivo, precisa ter conflitos, precisa ter negociações, precisa ter clima de aprendizagem. [...] Em se tratando de transposição didática é fundamental pensar que ela acontece, em grande parte, com base em um ambiente educador. Há os chamados ambientes alfabetizadores, que são aqueles onde tudo se constitui em aprendizagem para a leitura e a escrita. Nesses ambientes a escrita tem de estar a serviço da comunidade ali envolvida. Escreve-se e lê-se com determinadas finalidades. [...] Por isso, um ambiente educativo pode ser um supermercado, onde o professor leva seus alunos, pode ser um bosque, pode ser um laboratório, pode ser um *shopping*, pode ser uma sala de aula ou pode ser simplesmente a própria cidade ou o campo. Mas para a existência de um ambiente educativo é necessário que o professor saiba reconhecer cada potencialidade daquele espaço. É preciso fazer uma visita técnica ao local, percorrê-lo por completo com olhar técnico, com olhar explorador. Só assim será possível perceber quanto pode ser absorvido dali e qual é a melhor abordagem para que essa absorção aconteça. Isso é transposição didática” (Almeida, 2007, p.29).

De acordo com o autor acima citado, qualquer ambiente poder vir a ser um ambiente educador, entretanto, isso dependerá muito do docente, de suas experiências, de sua concepção de educação, de sociedade e de homem, pois todo e qualquer ação pedagógica é imbuída de muitos conceitos, sentidos e significados.

Não será diferente quando for considerado pelo docente como ambiente educador um ambiente virtual por exemplo, pois o mesmo terá que ter um olhar crítico sobre esse ambiente, tendo em vista o que o mesmo proporcionará ao estudante como via de construção do conhecimento, traçando objetivos a serem alcançados, desenvolvendo ferramenta de avaliação, pois todo trabalho pedagógico requer sistematização e planejamento bem definidos, a depender dos conteúdos, assuntos e objetivos que se tem com tais atividades por meio do uso das NTIC's.

Almeida deixa bem claro que esse processo de reconhecimento de um dado espaço como sendo um espaço educador deve ser feito pelo docente de todos os níveis de ensino, sobretudo, no Ensino Superior, por isso ele explica que:

“Ver o óbvio o aluno já vê diariamente. No entanto, ele consegue ver e perceber apenas o espaço. A transposição didática vai além, ela irá aclarar o ambiente, que é composto pelas junções das estruturas, das pessoas, dos atos e dos objetivos que permeiam tudo. O ambiente é o espaço humanizado, exaltado é passível de toda exploração” (Almeida, 2007, p.30).

O mesmo ocorre com as NTIC's, pois para que as mesmas sejam consideradas como possíveis instrumentos de aprendizagem, ou como um ambiente educador, a depender do espaço e como elas se encontrem, se faz necessário um prévio estudo sobre as mesmas, a fim de perceber quais os potenciais que poderão ser desenvolvidos no estudante por meio da manipulação das mesmas. É válido frisar que, mesmo no Ensino Superior, é possível o desenvolvimento de atividades lúdicas tendo as NTIC's como ferramentas facilitadoras e potencializadoras da aquisição do saber, projetos podem vir a ser

construídos com a finalidade de unir, prazer, ludicidade e aprendizagem concomitantemente ao uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, para que essa junção se dê de maneira harmônica é necessário que o regente tenha competência em articular seu conhecimento sobre as NTIC's, o conteúdo e os assuntos a serem trabalhados com a técnica de uso das mesma em prol da construção do saber.

A competência “é fruto de nossas habilidades” (Almeida, 2007, p. 31), logo, é nosso conhecimento posto em ação por meio dos conhecimentos teóricos, os quais norteiam o fazer diário de um profissional. De acordo com o teórico supracitado, existem dois níveis de competência, a competência objetiva e a competência subjetiva. Assim, a objetiva diz respeito aos aspectos mecânicos, pragmáticos, que no caso das NTIC's na sala de aula é, justamente, o uso prático de tais ferramentas tecnológicas como recursos metodológicos de ensino.

No que tange ao nível subjetivo da competência, pode-se afirmar que este liga-se aos aspectos metacognitivos³, como a forma de pensar, de hipotetizar, de propor soluções para um dado problemas, isto é, de pensar dialogicamente e na concepção de Almeida:

“Quando se fala em competências, fala-se obviamente em técnicas também. [...], competência, que envolve habilidades, sejam elas manuais ou não, são condições superiores de comportamento profissional que só se atinge mediante estudo. [...] É muito importante que essas competências sujam, porque são elas que garantirão, mesmo diante da falta de recursos e de investimento, ações que podem, se bem pensadas e bem conduzidas, levar os alunos aos lugares mais distantes e a um mundo bem menos desconhecido. Sem elas, estaremos sempre no lugar-comum, onde habita a mesmice pedagógica e onde o óbvio está sempre presente. Competência vem de técnica e técnica se aprende fazendo” (Almeida, 2007, pp. 31-32).

Refletindo sobre os esclarecimentos dados por Almeida sobre a competência e sua importância para o fazer diário do docente, percebemos que é necessário que o mesmo tenha a coragem de usar de sua inteligência profissional para renovar sua prática educativa cotidiana abandonando velhas e ultrapassadas formas e modelos de ensino, aliando as NTIC's a sua práxis cotidiana, pois elas são a um bom tempo ferramentas utilizadas diariamente na sala de aula pelos discentes, porém sem cunho educativo, pois a perspectiva educativa é percebida e desenvolvida pelo docente competente e hábil em fazer uso das mesmas como sua aliada na construção do conhecimento do aprendiz.

Para tanto esse docente deve ter ciência de que as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação articulam variadas formas eletrônicas de armazenamento, tratamento e difusão da informação e, assim torna-se “mediática” na medida em que combine a informática com os elementos da telecomunicação e audiovisuais, pois a junção

³ Metacognição diz respeito ao conhecimento do próprio conhecimento, à avaliação, à regulação e à organização dos próprios processos cognitivos, assim os conhecimentos metacognitivos são o resultado de um ato intelectual de reflexão e de análise da própria cognição (Neves, 2007).

dessas ferramentas, além de possibilitar a integração entre as vias comunicacionais e as vias linguísticas (comunicação e linguagem literária digital, também podem tornar-se verdadeiros recursos metodológicos na construção do saber.

Só tendo consciência disso, o regente poderá fazer uso das NTIC's como sua aliada no processo de ensino e de aprendizagem. Porém cabe aqui uma ressalva, “ a tecnologia não se limita a suporte”, pois as NTIC's interferem quase que diretamente no modo agir, de pensar, de relacionar-se e de construir conhecimento da sociedade local e mundial. Contudo, não podemos fechar os olhos para os desafios que o docente enfrenta ao usar as NTIC's como sua aliada no fazer pedagógico diário, mas esses desafios devem ser vistos como obstáculos intransponíveis, isso porque o docente pode ignorá-los ou buscar parcerias com outros mestres ou até mesmo com outras instituições de ensino, ou ainda, o docente pode procurar especializar-se na área.

Um mestre que envereda por esse caminho, percebe as NTIC's como sendo intermediárias entre os aprendizes e os conteúdos trabalhados por meio delas, porém, para isso esse profissional deve ter habilidade pedagógica e, em relação a esse ponto da transposição didática Almeida utiliza-se da seguinte argumentação:

“É importante que um professor, que busca o desenvolvimento mínimo de habilidades para a condução de grupos de aprendizes, saiba que há sequências para se dar uma explicação ou para introduzir um conteúdo novo no ambiente educativo. Uma dessas sequências pode ser: primeiro, é imprescindível resgatar o que os alunos já sabem sobre o assunto; segundo, é importante fazer uma síntese dele; terceiro, é preciso que o professor crie uma motivação ou um “gancho” capaz de unir os comentários àquilo que se pretende introduzir no ambiente. A quarta etapa já é apresentar o conteúdo proposto. Numa quinta etapa, é o momento de o professor observar os rostos, buscando indícios de possíveis não-entendimentos da questão. A sexta etapa tem de ser a “tiração” de dúvidas que impede a entrada ou o acesso do aluno àquele novo universo. Essa sexta etapa também pode ser chamada de nivelamento de informações básicas” (Almeida, 2007, p.34).

Essas habilidades pedagógicas descritas por Almeida somam-se a outras, como, por exemplo, habilidade em dialogar, de controle emocional, de motivar, de enveredar o aprendiz ao caminho da inferência, das hipóteses, a curiosidade e da prática social respaldada na ética e no respeito ao outro e ao meio ambiente, não é à toa que atualmente se vem falando na tecnologia da informação verde - TI verde, que diz respeito a forma de produção, de uso, de manutenção e de descarte dos aparelhos tecnológicos, pois todas essas ações devem ser desenvolvidas de maneira sustentável, de forma a não agredir nem o ser humano nem o meio ambiente. Ainda nessa linha de raciocínio, o docente deve ter habilidade em:

“Integrar tecnologias, metodologias, atividades. Integrar textos escritos, comunicação oral, escrita, hipertextual, multimídia. Aproximar as mídias, as atividades, possibilitando que transitem facilmente de um meio para outro, de um formato para outro. Experimentar as mesmas atividades em diversas mídias. Trazer o universo do audiovisual para dentro da escola. Variar a forma de dar aula, as técnicas usadas em sala de aula e fora dela, as atividades solicitadas, as dinâmicas propostas, o processo de avaliação” (Moran, 2012, p. 31).

A partir dos apontamentos feitos tanto por Almeida como por Moran a respeito das habilidades pedagógicas, fica mais que evidente que nos dias de hoje, o docente vem sendo desafiado direta e indiretamente pela necessidade de se incorporar as NTIC's na sala de aula e, para isso, ele deve estar mais do que preparado, deve ter entusiasmos, prazer em possibilitar aos estudantes a construção de novos conhecimentos, isso porque as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação oferecem tanto novas formas de ensino e de aprendizagem, como também nova visão de homem, de ensino e de sociedade.

O docente habilitado em transpor os conhecimentos científicos de maneira clara e objetiva, utilizando as mais diversas ferramentas tecnológicas, seja ele do Ensino Fundamental I e II, do Ensino Médio, do Ensino Superior, não se prende unicamente ao ensino dos conteúdos factuais, aqueles conteúdos que dizem respeito a datas históricas; a símbolos linguísticos, matemáticos, físicos, químicos; de nomes de grandes homens da história da humanidade e de acontecimentos, conteúdos esses que têm sido considerados a bagagem intelectual do homem culto e requeridos nos momentos de avaliação e de concurso, mas entrelaça esses ao ensino dos conteúdos conceituais e procedimentais, pois o ideal é que o discente saiba pôr em prática os saberes referentes aos três (Zabala, 1998).

Os conteúdos conceituais são aqueles que dizem respeito aos conceitos, princípios e termos abstratos e de acordo com Zabala:

“Os conceitos se referem ao conjunto de fatos, objetos ou símbolos que têm características comuns, e os princípios se referem às mudanças que se produzem num fato, objeto ou situação em relação outros fatos, objetos ou situações e que normalmente descrevem relações de causa-efeito ou de correlação. São exemplos de conceitos: mamíferos, densidade, impressionismo, função, sujeito, [...]. São princípios as leis ou regras como a de Arquimedes, as que relacionam demografia e território, as normas ou regras de uma corrente arquitetônica ou literárias, [...].” (Zabala, 1998, p.42).

Quanto aos conteúdos procedimentais, Zabala os caracteriza como sendo aqueles que, além de incluírem as regras, as técnicas, os métodos, as destrezas ou habilidades, as estratégias, os procedimentos – é um conjunto de ações ordenadas e com um fim, quer dizer, dirigidas para a realização de um objetivo. São conteúdos procedimentais: ler, desenhar, observar, calcular, classificar, traduzir, recortar, saltar, inferir, espetar, etc. Na verdade, embora o autor pontue cada um desses conteúdos e suas características, eles devem estar interligados, pois o processo de construção do conhecimento se dá por meio dos três de maneira concomitante no percurso de estudos do aprendiz, porém é válido dizer

que, o docente também deve pôr em prática em seu fazer cotidiano de sala de aula, seus conhecimentos procedimentais, pois esse profissional da educação deve deter conteúdos e conhecimentos específicos que lhe habilitem a reger uma sala de aula, uma turma.

Trazendo essa questão para o Ensino Superior, tendo as NTIC's como instrumentos metodológicos facilitadores da aprendizagem, antes de trabalha-las no ambiente educativo como ferramentas de ensino, o docente deve ter destreza ao utilizar um conteúdo heurístico tão complexo, isso porque, o trabalho pedagógico com as mesmas requer dele o domínio procedimental, não só no planejamento das aulas e das atividades a serem desenvolvidas na sala de aula, mas também no próprio manuseio das NTIC's e, para isso se faz necessário que esse profissional esteja constantemente em formação, atualizando-se, pesquisando e revendo alguns conceitos que não se aplicam mais a nossa realidade social.

CAPÍTULO II. COTIDIANO ESCOLAR

2.1. Cotidiano: conceitos e definições

Tudo na vida tende a se tornar rítmico, constante, um fazer diário quase que permanente no espaço e no tempo e, a esse movimento inalterável da prática diária do ser humano é dado o nome de “cotidiano”. O dicionário Houaiss (2004, p.197) diz que o cotidiano é o “que é comum a todos os dias; diário; que é comum; banal, conjuntos de ações realizadas por alguém todos os dias; dia-a-dia”. A vida cotidiana é objeto de investigação da Filosofia e da Sociologia. Lefebvre (1968) estuda esse objeto por meio de análise de grandes obras literárias e pela Filosofia. De acordo com esse filósofo e sociólogo francês:

“O cotidiano é o humilde e o sólido, aquilo que vai por si mesmo, aquilo cujas partes e fragmentos se encadeiam num emprego do tempo. É isso sem que o interessado tenha de examinar as articulações dessas partes. É por tanto, aquilo que não tem data. É o significante (aparentemente); ele ocupa e procura e, no entanto, não tem necessidade de ser dito, é uma ética subjacente ao emprego do tempo, uma estética da decoração desse tempo empregado” (Lefebvre, 1968, p. 31).

Ou seja, o cotidiano é a dádiva do tempo diário em movimento. É o fazer constantes do sujeito, da sociedade. Fazer esse que em sua constância produz e reproduz os hábitos, sociais, culturais, profissionais, educacionais, numa dinâmica humana e natural que cessa e recomeça todos os dias, mas é também, “o cruzamento de múltiplas dialéticas entre o “roteiro” e o “acontecimento”. O cotidiano [...] é um conceito que pode e deve ser tomado como fio condutor do conhecimento da sociedade” (Pais, 1986, p. 10 -11).

Por que estudar o cotidiano? Para Lefebvre (1961) apud Penin (1995, p. 13) “não é possível conhecer a sociedade (global) sem conhecer a vida cotidiana (...) não é possível conhecer a cotidianidade sem o conhecimento crítico da sociedade (global)”, isto é, tendo o cotidiano como objeto de investigação científico, muitos percalços, situações problemas e também avanços, saltos qualitativos nas ações e nas relações humanas podem ser compreendidos a partir do momento sócio-econômico-histórico de sociedades e de épocas específicas.

Parece simples tratar do cotidiano, mas não é, pois o mesmo é imbuído de vários significados e sentidos. Muitos pesquisadores estudam-no por diferentes ângulos, por essa razão Pais argumenta que:

“Uma sociologia da vida cotidiana deve basear-se na elaboração de proposições epistemológicas, sem as quais é difícil iniciar um debate sobre este ramo do conhecimento. O senso comum pode perfeitamente auscultar o rumor do oceano cotidiano, como quem cola um búzio à orelha – mas trata-se sempre de um som ou de um conhecimento cujas estruturas organizativas lhes escapam” (Pais, 1986, p. 11).

Pais ao desenvolver seu estudo sobre a “sociologia da vida cotidiana” evidencia a importância de se ater aos preceitos de uma ciência que é a base da produção de todo e qualquer conhecimento, a “epistemologia”. O mesmo esclarece isso por acreditar que:

“Nem todos aqueles que falam de “vida cotidiana” tratam necessariamente do mesmo objeto. Se é certo que o termo “quotidiano”, tomado no seu sentido vulgar, se refere àquilo que sucede habitualmente e, nesse sentido, tem, o significado de banalidade, monotonia (“a vida é cotidiana” ...), também é verdade que a identificação do cotidiano como “monotonia” implica – como sugere Claude Javeau – um juízo moral. Por outro lado, os sociólogos que pensam o cotidiano como uma esfera à parte da vida social, dotada de uma larga autonomia, dão, como justamente refere Lalive d'Epina, um estatuto de veracidade científica a uma definição de conteúdo que é o resultado de uma produção social. Ora, para que o cotidiano possa desfrutar de um estatuto heurístico, torna-se necessário contrapor às noções comuns do cotidiano um *conceito* teórico de vida cotidiana. Por outras palavras, se o objeto da vida cotidiana é o cotidiano, há que precisar, caracterizar, delimitar, se isso for possível, esse objeto em termos teóricos” (Pais, 1986, p. 11).

A fala do autor é bastante clara no que diz respeito ao cotidiano como objeto de estudo científico, pois assim como em outras áreas da ciência, o objeto de estudo não é o mesmo, pois as vertentes teóricas de estudos são muitas, a depender da concepção de cada pesquisador. As palavras de Pais levam ao entendimento de que uma sociologia especializada da vida cotidiana tenta entender suas relações próximas e regulares, pois o cotidiano pode ser entendido como sendo a dinâmica diária cheia de imposições aplicadas sempre por algo superior explícita ou implicitamente. Nessa linha de raciocínio, Lefebvre também argumenta que:

“A historicidade do cotidiano devia estabelecer-se voltando para trás, a fim de mostrar sua formação. Evidentemente sempre foi preciso alimentar-se, vestir-se, habitat, produzir objetos, produzir o que o consumo devora. No entanto, até o século XIX, até o capitalismo de concorrência, até o desdobramento desse “mundo de mercadoria”, não tinha chegado o reino da cotidianidade, insistamos nesse ponto decisivo. Está aí um dos paradoxos da história. Houve *estilo* no meio da miséria e da opressão (direta). Durante os períodos houve obras mais que produtos. A obra quase que desapareceu, substituída pelo produto (comercializado) enquanto a exploração substituída a opressão violenta. O estilo conferia um sentido aos mínimos objetos, aos atos e atividades, aos gestos, um sentido sensível e não abstrato (cultural) tirado diretamente de um simbolismo. Entre os estilos seria possível distinguir o da crueldade, o do poder, o da sabedoria. [...]. A ascensão das massas (que não impede em nada sua exploração), a democracia (mesma observação) acompanham o fim dos grandes estilos, dos símbolos e dos mitos, das obras coletivas: monumentos e festas. Já o homem moderno (aquele que exalta sua modernidade) não passa de um homem de transição, a meio caminho entre o fim do Estilo e sua re-criação. Isso obriga a opor estilo e cultura, a sublinhar a dissociação da cultura e sua decomposição. Isso legitima a formulação do projeto revolucionário: re-criar um estilo, reanimar a festa, reunir os fragmentos dispersos da cultura numa metamorfose do cotidiano” (Lefebvre, 1968, p.45).

O cotidiano vai além da frase “todo dia se faz tudo sempre igual”, isso porque ele se constitui em um fazer constante com criatividade, com maneiras e manejos distintos, criando

e reinventado o que já existe, usando as palavras de Lefebvre, é no cotidiano que se reuni “os fragmentos dispersos da cultura numa metamorfose” constante. Por isso, o cotidiano não deve ser compreendido como sendo o fazer diário inercie, se assim o fosse, a humanidade não passaria de mais uma espécie de animal no mundo que viveria apenas por meio de seus instintos, com certeza não estaríamos escrevendo, por exemplo, sobre o cotidiano e nem sobre nenhum outro assunto. Por isso Wolf (1982) apud Pais (1986, p. 15) explica que:

“O ritual não é uma fórmula vazia que esconde os funcionamentos reais das instituições: é, melhor dizendo, o conjunto de actos através dos quais o sujeito controla e torna visíveis as implicações simbólicas do seu comportamento quando se acha diretamente exposto ante outro indivíduo” (Pais, 1986, p. 15).

Logo, o cotidiano é um ritual contínuo que se renova constantemente. É nesse sentido que muitas vezes se fala da ritualização do quotidiano. Contudo, do ponto de vista de uma sociologia da vida quotidiana, não é apenas importante aquilo que fixa as regularidades da vida social; é também importante aquilo que perturba. Insisto neste ponto porque há uma tendência para conceber os atos como uma “promessa de continuidade”. As representações quotidianas não se “recitam” no sentido de que sejam subsequentes a um modelo precedente bem assimilado. A ritualização do quotidiano pode constituir o suporte da criação, a sua condição *sine qua non*. De fato, o quebrar com a rotina pressupõe a existência da rotina.

Da mesma forma, o rito é a condição de possibilidade do ser. Como a música, em que o *ritmo* é a condição do *solo*. Ora o quotidiano, a vida quotidiana, assemelha-se a uma melodia. A melodia da vida. Como o quotidiano, também a música é mobilidade, fluxo, temporalidade. Como o quotidiano, a música também se fundamenta na repetição. O monótono do quotidiano assemelha-se ao ritmo cadenciado de uma melodia. Tanto o canto como o ritmo podem em qualquer momento recomeçar, Toda melodia tem uma cadência que pode ser o princípio de uma renovação. Há na melodia, como no quotidiano, repetição de motivos, de temas, de combinações de intervalo, de emoções, de sentidos desaparecidos, de evocação. Contudo, toda melodia avança e se distingue por notas ágeis e altas que dão o tom e o toque distintivo à melodia. São as notas mais aguda que guiam o canto e desempenham a melodia; o mesmo se passa na vida quotidiana quando a aventura emerge da rotina e a objectividade (Pais, 1968).

A partir das explicações do autor fica subentendido que o cotidiano é tão rico em possibilidade de mudanças, de novidades, de ordem e de desordem, de contínuo e de descontínuo quanto os acontecimentos mais comuns, naturais e corriqueiros que não nos damos contas, acontecimentos estes que fazem parte justamente da vida cotidiana em constante movimento, pois há movimento até mesmo na inercia, isso porque houve uma

opção de se manter ou de manter algo em estado inerte. Tanto Lefebvre como Pais, chamam a atenção para o fato de que, o cotidiano pode ser identificado como a “rotina alienatória”, pois a esse respeito, o primeiro utiliza-se da seguinte argumentação:

“O cotidiano torna-se objeto de todos os cuidados: domínio da organização, espaço-tempo da auto-regulação voluntária e planificada. Bem cuidado, ele tende a construir um sistema com um bloqueio próprio (produção-consumo-produção). Ao se delinear as necessidades, procura-se prevê-las; encurralar-se o desejo. Isso substituiria as autorregulações espontâneas e cegas do período da concorrência. A cotidianidade se tornaria assim, a curto prazo, o sistema único, o sistema perfeito, dissimulado sob os outros que o pensamento sistemático e a ação estruturante visam” (Lefebvre, 1968, p. 82).

Nessa mesma linha de pensamento, Pais explica que “A identificação do cotidiano com a rotina tem igualmente arrastado a sua identificação com esfera da vida social consideradas alienatórias, como as do consumo da vida privada” (Pais, 1968, p. 16), ou seja, os autores implicitamente esclarecem que associar o cotidiano a apenas rotina mercadológica do trabalho é incorrer no erro, pois o cotidiano movimenta-se, nas ruas, nos quintais das casas, nos ambientes de trabalho, nas brincadeiras das crianças, nos jardins, nas praças, nos mercados públicos, enfim, em tudo que fazemos, refazemos e que deixamos outrem o fazer todos os dias na dinâmica da vida em sociedade.

Eles também alegam que o consumo cotidiano não pode ser sinônimo de alienação por si só, a alienação não reside no fato do consumo, mas sim, da manipulação, da opressão e da ação sem reflexão crítica e não questionada quando necessário.

Assim, compreende-se cotidiano como quebra de paradigmas, como rupturas, como o caminhar para o novo, para transformação, pois como foi dito em laudas anteriores, o cotidiano é a vida em movimento, ações, criação, recriação, interpretação e reinterpretação, do fazer e do refazer, do diálogo, do debate, das proposições e discussões, ou seja, do dinamismo da vivência em sociedade e em esferas específicas da sociedade como também da vida privada.

2.2. O Cotidiano Escolar e a pesquisa etnográfica

O cotidiano escolar demanda um olhar tão minucioso que Marli Eliza D. A. de André desenvolveu a obra intitulada “Etnografia da prática escolar” publicada em 1995 no intuito de evidenciar o estudo etnográfico como o tipo de pesquisa mais adequada para a investigação do mesmo, para tanto, a autora destaca três dimensões que julga serem importantes e interrelacionadas. A primeira diz respeito ao “encontro professor-aluno-conhecimento nas situações sociointeracionais de sala de aula”, a segunda está ligada “as relações

construídas pelos agentes da instituição escolar” e a terceira relaciona-se aos fatores socioculturais mais amplos que afetam a dinâmica escolar” (André, 1995, p. 35).

Pode-se dizer que a primeira dimensão é permeada, além das situações de ensino, pela presença ou ausência da afetividade do docente para com o estudante, pois a afetividade além de estreitar os laços entre ambos, também favorece a assimilação do aprendiz na construção do conhecimento cotidianamente. A segunda, dá a ideia de dinâmica interpessoais diárias entre todos os que compõem a comunidade escolar e, abrange a cultura escolar, esta que é impregnada de muitos fatores como, por exemplo, histórico, social, econômico, político.

André dá continuidade aos seus argumentos sobre a importância da pesquisa etnográfica no que diz respeito à investigação do cotidiano escolar, esclarecendo que para compreender a dinâmica escolar cotidiana é necessário levar em conta essas três dimensões, de modo a não considerá-las isoladamente, pois mesmo que cada uma tenha suas características próprias e seja peculiar a um determinado contexto escolar, todas estão interligadas no que diz respeito a dinâmica cotidiana do seio escolar como um todo e, é nesse sentido que a pesquisadora argumenta que as dimensões institucional ou organizacional, instrucional ou pedagógica, sociopolítica/cultural são os pilares cotidiano da educação formal, assim, e mesma afirma que:

“Essas três dimensões não podem ser consideradas isoladamente, mas como uma unidade de múltiplas inter-relações, através das quais se procura compreender a dinâmica social expressa no cotidiano escolar. A dimensão institucional ou organizacional envolve os aspectos referentes ao contexto da prática escolar: formas de organização do trabalho pedagógico, estruturas de poder e de decisão [...]. A dimensão instrucional ou pedagógica abrange as situações de ensino nas quais se dá o encontro professor-aluno-conhecimento. Nessas situações estão envolvidos os objetivos e conteúdos do ensino [...]. [...] a sociopolítica/cultural, que se refere ao contexto sociopolítico e cultural mais amplo, ou seja, aos determinantes macroestruturais da prática educativa [...]” (André, 1995, p. 43-44).

A partir da obra de Marli André, sabe-se hoje que o contexto escolar é instável e repleto de inúmeros fatores que interferem na dinâmica diária desse contexto e que não devem ser relegados ao esquecimento durante uma pesquisa que diga respeito a esse espaço de construção do conhecimento. Buscando respaldo nas palavras da autora, é possível dizer que a sala de aula, ou melhor, que o cotidiano da sala de aula, basicamente constituísse por intermédio das situações de ensino-aprendizagem, por eventos corriqueiros e não corriqueiros, comuns e incomuns, por isso, a importância de se ter um olhar diferenciado e atento a cada fenômeno ocorrente nesse contexto, de investigar-se os prós e os contras de um projeto político educacional ,por exemplo, pois André esclarece que “a configuração que vai assumir o contexto escolar é decisiva, pois ela afeta diretamente a forma de organização do ensino na sala de aula” (p. 43), ou seja, o cotidiano escolar não é

neutro de conceitos, pré-conceitos, ideologias e de ações dos sujeitos que compõem direta ou indiretamente o espaço escolar, logo, a etnografia é um dos tipos de pesquisa que mais dá subsídios metodológicos e técnicos para a observação e análise desses e de outros fenômenos interligados ao fazer pedagógico diário.

Perez (2005), à luz dos trabalhos de Domenique Julia (2001), Viñao Frago (2002), André Chervel (1990) e Goodson (1997), desenvolveu um estudo sobre a cultura escolar que a proporcionou uma compreensão para além da dimensão da ordem física, da dimensão estrutural e espacial, perpassando pela compreensão “das transformações e práticas dos sujeitos envolvidos no processo de abertura do sistema escolar educacional secundário”. A pesquisadora também afirma que os estudos, que tendem a privilegiar aspectos da cultura escolar, têm sido introduzidos, no âmbito da história da educação, na segunda metade da década de 1990, por autores europeus que trabalham também no campo da história cultural. Mesmo que nem todos utilizem a expressão com o mesmo sentido e significado, acredita Viñao Frago (2002) ser possível elaborar uma definição conjunta que englobe os aspectos essenciais de tais significados e expressões.

É perceptível, a partir da fala de Perez firmada nas concepções dos autores por ela citados, que a maioria dos teóricos que estudam a cultura escolar/cultura da escola, concebe a cultura escolar como sendo uma categoria de interpretação.

Através da concepção de cultura escolar de Forquin (1998), Koff (2006) afirma que a cultura escolar é o conjunto de conhecimento trabalhado de forma intencionada nas salas de aula e educar, ensinar, é colocar alguém em presença de certos elementos da cultura a fim de que ele deles se nutra, que ele os incorpore à sua substância, que ele construa a sua identidade intelectual e pessoal em função deles. Ora, um tal projeto repousa necessariamente, num momento ou noutro, sobre uma concepção seletiva e normativa da cultura.

Isso significa dizer que, o que se ensina na escola são conteúdos, assuntos, acumulados historicamente pela sociedade ao longo dos tempos e que por isso são amalgamados por concepções e ideologias que, de uma forma ou de outra, termina por selecionar os mesmos. Nessa mesma linha de pensamento, Candau (apud Koff) revela que:

“[...] quando se convive com o cotidiano de diferentes escolas como são homogêneos os rituais, os símbolos, a organização do espaço e do tempo, as comemorações de datas cívicas, as festas, as experiências corporais, etc. Mudam as culturas sociais de referência, mas a cultura da escola parece gozar de uma capacidade de se autoconstruir independentemente da cultura da escola, que na maioria dos casos, a torna estranha a seus habitantes” (Koff, 2006, p. 148).

Nesse contexto escolar, onde vive lado a lado a cultura escolar e a cultura da escola, a própria ideia do que é a escola e o que é a educação devem ser questionadas criticamente, pois na visão de Koff (apud Candau):

“Problematizar a própria concepção de escola, seu papel na sociedade atual, questionar o modo como a escola lida com o conhecimento, desenvolve suas práticas e vive as relações com os sujeitos que dela participam implica, acreditamos, compreender a natureza das relações entre a cultura escolar, a cultura da escola e a cultura social de referência, mais especificamente, as culturas jovens” (Koff, 2006, p. 149).

Problematizar o papel e a função social não só da escola, mas também da própria educação, como bem falou Koff, deve ser um exercício constante dos sujeitos sociais como um todo e mais ainda das comunidades acadêmicas, já que estas são as responsáveis pela formação dos profissionais que regem o ensino de forma sistêmica como também o processo de disseminação da cultura socialmente arraigada pelo processo histórico da civilização humana ao longo do tempo. Desde os primórdios da sociedade humana “ninguém escapa da educação” (Brandão, 2002, p. 07), porém ela não acontece da mesma forma em todos os lugares.

Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante (Brandão, 2002). Como há diversas culturas sociais de referências, assim como há várias possibilidades de interpretações para o conceito de cultura escolar/cultura da escola, a educação em si, seu valor cultural, também tem distintas concepções que mudam de sociedade para sociedade e, em muitos casos, ela, a educação se torna um veículo de poder e de manipulação.

Desta forma, em qualquer sociedade a cultura escolar/cultura da escola, como também a própria educação deve e precisa ser sempre questionada criticamente, pois a partir do exercício crítico, conflitos e situação problemas podem ser percebidas e trabalhadas com mais tranquilidade e harmonia entre os sujeitos participantes da dinâmica cotidiana da escola. Brandão é de opinião que a educação:

“É atividade criadora, que visa a levar o ser humano a realizar as suas potencialidades físicas, morais, espirituais e intelectuais. Não se reduz à preparação para fins exclusivamente utilitário, como uma profissão, nem para desenvolvimento de características parciais da personalidade, como um dom artístico, mas abrange o homem integral, em todos os aspectos de seu corpo e de sua alma, ou seja, em toda a extensão de sua vida sensível, espiritual, intelectual, moral, individual, doméstica e social, para elevá-la, regulá-la e aperfeiçoá-la. É processo contínuo, que começa nas origens do ser humano e se estende até à morte” (Brandão, 2002, p.63).

A educação deve estar a serviço do pleno desenvolvimento do sujeito como ser social que constrói seu próprio devir, desta feita, a cultura escola/cultura da escola não deve ser entendida como uma cultura estática, mas como uma dimensão que, mesmo imbuídas de velhos costumes, ritos, práticas, concepções e maneiras de gestões, sempre há a possibilidade de abertura para o novo, para o diálogo e para a reflexão sobre esses velhos hábitos culturais que estão impregnados no cotidiano escolar.

CAPÍTULO III. FORMAÇÃO CONTINUA DE PROFESSORES

3.1. Formação Continuada: conceitos e fundamentos

Desde as últimas décadas do século passado, a Formação Continuada de professores é uma questão que vem sendo debatida no meio acadêmico e em todas as esferas do setor educacional, isto quanto o assunto em pauta é a garantia de uma melhor educação e ensino para os discentes do Ensino Básico que estende-se do Ensino Infantil ao Ensino Médio e, como está posto pela Lei de Diretrizes e Base, Lei 9.394/96 no Art. 4º:

“O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013) a) pré-escola; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013) b) ensino fundamental; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013) c) ensino médio; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013) II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)” (Brasil, 1996).

Mediante a nova LDB 9.394/96 e suas alterações, atualmente fala-se muito acerca da importância da Formação Continuada dos docentes que atuam no Ensino Básico, mas fica a indagação, o que é mesmo “Formação Continuada”? Qual sua importância para o docente e para a sociedade? Para fundamentar o conceito de Formação Continuada buscou-se apoio no dizer de Cunha (apud Vitorino, 2011, p. 368):

“São iniciativas de formação que acompanham a vida profissional dos sujeitos. Apresenta formato e duração diferenciada, assumindo a perspectiva de formação como processo. Tanto pode ter origem na iniciativa dos interessados como pode inserir-se em programas institucionais. Nesse último, os sistemas de ensino, universidades e escolas são as principais agências de tais tipos de formação”.

Como é possível perceber na colocação da autora, a Formação Continuada acompanha a vida profissional do sujeito. Porém, origina-se de formas distintas na qual não é fator excludente de iniciativa particular do próprio interessado na continuação de sua formação. Partindo daí a necessidade de adequação de sua ação, frente ao contexto em que o mesmo está inserido, para que possa perceber a importância de desenvolver uma prática educativa condizente com o momento sócio-histórico e buscar a constância em sua formação. Ainda que essa Formação Continuada não seja balizada na perspectiva de disponibilidade da instituição onde seja realizada a atividade fim, seja a instituição de caráter público ou privado.

Em relação à importância da Formação Continuada para o docente e para a sociedade, pode-se afirmar que, para o primeiro, é fundamental para que este aprimore seu agir metodológico e didático para que venha a desenvolver o exercício crítico/reflexo da auto avaliação, antes, durante e depois de cada aula ministrada.

Para a sociedade, a Formação Continuada dos regentes pode formar, ou não, um docente mais confiante profissionalmente, consciente e sensível quanto aos males, as

demandas e as necessidades sociais, quanto ao desenvolvimento escolar dos aprendizes, quanto as famílias e os sujeitos sociais como um todo, além de poder direccionar o mesmo a ver-se como mediador e facilitador do processo de aprendizagem dos discentes, abrindo espaço para aulas dialógicas, nas quais, todos os estudantes são percebidos como atores construtores de seu próprio saber.

Ainda falando da necessidade e da importância da Formação Continuada de professores, Vitorino, pautada em Nóvoa (1995) e Perrenoud (2000) argumenta que:

“A Formação Continuada tem entre outros objetivos, propor novas metodologias e colocar os profissionais a par das discussões teóricas atuais, com a intenção de contribuir para as mudanças que se fazem necessárias para a melhoria da ação pedagógica na escola e consequentemente da educação. É certo que conhecer novas teorias, faz parte do processo de construção profissional, mas não bastam, se estas não possibilitam ao professor relacioná-las com seu conhecimento prático construído no seu dia-a-dia” (Vitorino, 2011, p. 27).

Fica evidente então nas palavras acima, que para se falar em melhoria da educação há que se buscar antes a ação pedagógica que a propicia. Pois tal melhoria origina-se da competência e habilidades do professor em pôr em prática os conhecimentos construídos, ou ainda aperfeiçoados. Em Perrenoud vamos encontrar o seguinte argumento acerca das competências:

“São múltiplos os significados de noção de competência. Eu a definirei aqui como sendo uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles. Para enfrentar uma situação da melhor maneira possível, deve-se, via de regra, pôr em ação e em sinergia vários recursos cognitivos complementares, entre os quais estão os conhecimentos. No sentido comum da expressão, estes são representações da realidade, que construímos e armazenamos ao sabor de nossa experiência e de nossa formação. Quase toda ação mobiliza alguns conhecimentos, algumas vezes elementares e esparsos, outras vezes complexos e organizados em redes. Assim é, por exemplo, que conhecimentos bastante profundos são necessários para: - analisar um texto e reconstruir as intenções do autor; - traduzir de uma língua para outra; - argumentar com a finalidade de convencer alguém cético ou um oponente; - identificar, enunciar e resolver um problema científico; - detectar uma falha no raciocínio de um interlocutor; - negociar e conduzir um projeto coletivo. As competências manifestadas por essas ações não são, em si, conhecimentos, elas utilizam, integram, ou mobilizam tais conhecimentos” (Perrenoud, 1997, p. 07).

O docente, ou qualquer outro profissional da educação não é simplesmente competente por dominar os conteúdos, as teorias e as práticas metodológicas/didáticas de lidar com o saber a ser ministrado em sala de aula, como explicou Perrenoud, mas sim aquele que além de dominar tudo isso tem a desenvoltura de resolver qualquer problemática que fuja a sua alçada, ou melhor, problemas que não estejam ligadas diretamente com o seu fazer docente.

Desta forma, para que se possa pensar em contribuição efetiva da Formação Continuada no fazer diário do professor há que se pensar antes no próprio sujeito como

autor de possíveis, e talvez, necessárias mudanças na sua ação pedagógica, este que deve estar sempre preparado para o inesperado, inusitado, para o que não condiz com os eventos comuns, corriqueiros diários.

Como exemplo disto, atualmente há uma grande discussão sobre o uso adequado das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação – NTIC's - por parte dos docentes, uma vez que, hoje, praticamente todos os estudantes de todos os níveis de ensino e de todas as esferas sociais têm novos e sofisticados aparelhos tecnológicos cheios de ferramentas e funções que, quando usados em prol do aprendizado, podem render bons resultados. Porém, parece que, mesmo havendo inúmeras discussões sobre o assunto, ainda é um tanto incipiente essa lógica para alguns muitos docentes de todos os níveis do ensino.

Dias aponta alguns resultados de pesquisas que evidenciaram, infelizmente, essa finalidade dos programas de Formação Continuada no ensino básico, de acordo com ela:

“No levantamento de fontes e dados de avaliações externas realizadas pela Fundação Carlos Chagas e pela Fundação Cesgranrio, sobre as iniciativas públicas para prover a formação continuada de professores, verificou-se que em todos os estados brasileiros e na maioria das cidades metropolitanas foram desenvolvidas atividades para esse fim, pelos próprios profissionais das secretarias de Educação ou por consultorias contratadas. Analisando essas avaliações, verificam-se duas evidências: (1) essas formações tornaram-se compensatórias, para suprir a precariedade da formação inicial; perdendo, assim, o propósito da FC que é o aprimoramento do profissional nos avanços, renovações e inovações da sua área; e (2) a expansão de cursos de extensão, graduação e pós-graduação, sob o rótulo “formação continuada” foi tão grande que o acompanhamento e a avaliação de todos eles tornaram-se inviável para o governo, o que pode colocar em dúvida a validade, a eficácia e a qualidade de dessas formações” (Dias, 2012, p.17).

No dizer dessa pesquisadora, as avaliações feitas pelas Instituições Fundação Carlos Chagas e pela Fundação Cesgranrio evidenciaram a função compensatória e o aumento exacerbado de cursos de pós-graduação e de extensão, como se os mesmos fossem sinônimo de Formação Continuada que colocou até hoje em cheque a qualidade de tais cursos e programas de Formação Continuada.

Outro ponto apresentado por Dias relaciona-se aos programas de Formação Continuada advindos do governo federal e, ao analisar teses e dissertações sobre o tema, a mesma percebeu que:

“Tais produções revelam em seus resultados que as políticas gestadas em âmbito federal podem induzir as redes municipais e estaduais à prática de formação continuada sem qualquer ligação com necessidades locais, gerando mais problemas do que soluções” (Dias, 2012, p.18).

Isso realmente pode acontecer, uma vez que o Brasil é um território imenso e cheio de peculiaridades distintas de uma região a outra, porém uma Formação Continuada em

NTIC's se faz necessário em todas regiões do país, pois é uma área do conhecimento que ainda é relativamente incipiente na educação como meio facilitador da aprendizagem. Sobre essa necessidade, Mercado ainda no século passado, percebeu a urgência em ser incorporadas as novas tecnologias à educação e, para que isso ocorresse de forma satisfatória ele evidenciou a necessidade da formação específica em NTIC's desenvolvendo sua obra "Formação Continuada de Professores e Novas Tecnologias para o Ensino", cujo esclarece que:

"Na formação de professores, é exigido dos professores que saibam incorporar e utilizar as novas tecnologias no processo de aprendizagem, exigindo-se uma nova configuração do processo didático e metodológico tradicionalmente usados em nossas escolas nas quais a função do aluno é a de mero receptor de informações e uma inserção crítica dos envolvidos formação adequada e propostas de projetos inovadores" (Mercado, 1999, p.12).

É visível a preocupação do doutor em educação sobre a formação docente, pois era gritante já naquela época a importância e a necessidade de um profissional educacional que soubesse usar as novas tecnologias com competência, de forma que esse uso não se aleijasse no modelo tradicional de ensino, aquele em que o estudante apenas adsorve informações fornecidas pelos gerentes, pelos livros e pelos meios de comunicação em massa.

Para aprofundar suas ideias acerca das novas tecnologias na sala de aula como recursos didáticos metodológicos do fazer pedagógico cotidiano, esse mesmo autor argumenta que as novas tecnologias apresentam recursos importantes para auxiliar o processo de transformação da escola – a criação de ambientes de aprendizagem que enfatizam a construção do conhecimento e não a instrução, levando ao entendimento da tecnologia como uma nova maneira de representar o conhecimento provocando um redimensionamento dos conceitos já conhecidos e possibilitando a busca e compreensão de ideias e valores.

A Formação Continuada de professores foi, na última década, considerada prioritária nas propostas de reforma educacional e melhoria da qualidade do ensino passando a ser vista como um instrumento a ser utilizado para se alcançar as mudanças planejadas como se a formação fosse por si só resolver todos os problemas da educação, ocultando seus limites internos (Ferreira et al, 2005). Além da formação inicial do professor, a Formação Continuada também vem demandando muitos debates, visto que acredita-se que a mesma possa contribuir para a melhoria da qualidade do ensino.

A preocupação com a qualidade na educação, no Brasil, tem como razão o acelerado crescimento, nos últimos 30 anos, das matrículas em todos os níveis de ensino. Essa forte demanda por serviços educacionais está balizada na urbanização do país e do esforço feito, pelo poder público, para alargar o acesso da população à escolaridade

obrigatória. Alguns dispositivos como o Plano Decenal Nacional de Educação para Todos (1993 – 2003), a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento de Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (Fundef) contribuíram para concretizar no pensamento da sociedade a compreensão de que a qualidade do ensino não pode passar sem a profissionalização e reconhecimento público do magistério, demandando assim reestruturação no que consiste também a Formação Continuada de professores (Ferreira et al, 2005).

Pensando em promover mudanças efetivas na qualificação do profissional da área de ensino, assim como nos processos de aprendizagem foram concebidos como mecanismos fundamentais os programas de Formação Continuada descritos na nova LDBEN 9.394/96 (arts. 61, 63,67,70 e 87) e no Plano Nacional de Educação, no qual se encontra referências para a criação de um sistema de educação continuada associado à avaliação do desempenho e à valorização salarial dos docentes. Apesar do esforço governamental para promover a Formação Continuada de professores, não se pode esquecer, no dizer de Freitas (2005) citando Salm; Fogaça, (1991) e Harvey (1993), que a ênfase na Formação Continuada de professores é fruto da pressão e da luta dos profissionais da área e dos movimentos sociais assim como de fatores econômicos. A formação do professor é uma formação de (com e entre) adultos. A situação de formação do professor é simetricamente invertida em relação à situação de seu exercício profissional. Quando o docente se prepara para ser professor, ele vive o papel de aluno. O mesmo papel que seus alunos viverão quando ele for professor. Essa situação tão simples e tão óbvia quanto difícil de levar às últimas consequências tem gerado os mais variados problemas nas práticas de formação continuada. Pois, se é verdade que esses programas precisam tomar como ponto de ancoragem essa situação de simetria invertida, buscando tornar coerente a formação do professor e o futuro exercício da profissão, não é aceitável que, na situação de formação, o professor seja tratado como criança ou adolescente (Ferreira et al, 2005).

Assim, a Formação Continuada, de professores, deve ser pensada levando-se em consideração alguns fatores complexos: ocorre com e entre adultos; o papel do professor é simetricamente invertido; o trato deve ser tal que se considere a diferença entre esses, as crianças e os adolescentes. O autor completa ainda que é necessário tornar coerente a Formação Continuada de professores para que seja efetivamente posta em exercício. De acordo com as palavras de Mercado:

“O aprender é hoje uma das principais preocupações das pesquisas em educação e psicologia cognitiva, e ganha um novo significado: envolve conhecimentos que terão que ser construídos e reconstruídos constantemente pelos aprendizes e deverá ser ampliado para além do cognitivo implicando o desenvolvimento de habilidades consideradas fundamentais para atuação afetiva na sociedade atual. Esta aprendizagem requer mudanças profundas na escola, no ensino e na formação dos educadores. Esses modos de conceber o ensino e a aprendizagem supõem uma nova atitude por parte dos professores, dos alunos e de toda a equipe escolar; requer um clima favorável à mudança, altamente motivadas tanto para o professor como para o aluno e um ambiente facilitador, com recursos telemáticos, com autonomia de trabalho e liberdade, permitindo trabalho cooperativo e solidário” (Mercado, 1999, p.15).

No tocante a novas atitudes, habilidades e percepções por parte dos docentes e dos discentes em relação ao processo de ensino e aprendizagem, não só na escola, mas também na universidade no que diz respeito às Novas Tecnologias da Informação Comunicação, não se pode negar a necessidade de uma Formação Continuada específica dos regentes e uma nova estrutura física dos ambientes de ensino, isso porque, não basta investimentos apenas na compra, na instalação e manutenção de aparelhos e equipamentos tecnológicos sofisticadíssimos se o docente não estiver preparado para trabalhar com eles de forma satisfatória para ele e para o aluno.

Ferreira et al, ao tratar dos saberes docentes, utiliza-se da seguinte argumentação:

“A fim de articular as práticas sociais/profissionais com a realidade educativa e do cotidiano escolar, novos olhares procuram entender o trabalho do professor por intermédio de uma abordagem que vai além do saber acadêmico/científico. Essa abordagem se coloca em oposição aos estudos que acabavam por reduzir a profissão docente a um conjunto de competências técnicas, gerando crise de identidade nos professores em decorrência de uma separação entre o profissional e o eu social. Essa nova forma de conceber o trabalho do professor tem a intenção de dar voz ao professor com base na análise de trajetória, história de vida, etc. [grifos do autor]” (Ferreira et al, 2005, p. 59).

Neste trecho fica claro que, o fazer docente se aperfeiçoa no fazer cotidiano, pois os conhecimentos adquiridos nos momentos de formação inicial e continuada, tornam-se tácitos nos momentos das ações, por isso, Ferreira citando Tardif diz que “o saber profissional é o saber da ação, o saber do trabalho e no trabalho, o que os distingue do saber científico” (Tardif, 1999, p. 60). Não que os saberes científicos não sejam importantes, são sim, pois é por meio deles que todo cidadão é escolarizado, conquanto, esses saberes devem ser transformados em conhecimentos palpável aos estudantes no dia-a-dia da sala de aula e, isso é um fazer constante na práxis pedagógica.

Por este motivo, Tardif enfatiza que “ a prática profissional não é local de aplicação do saber científico, mas sim, de transformação, em função das exigências do trabalho, do aqui e do agora” (Tardif, 1999, apud Ferreira et al, 2005, p. 60), assim, o saber adquirido pelo docente nos programas de Formação Continuada em NTIC's não serão colocados em prática tal qual foi apreendido, mas, passarão por transformação e tornar-se-ão em

conhecimento prático, palpável ao aprender do discentes de acordo com a necessidade sócio-histórica de cada época, de cada situação socioeconômica local e mundial, pois a educação e o ensino sempre acompanham as mundas sociais do mundo. Nesse sentido, como bem explica Mercado:

“As mudanças que vem ocorrendo em todos os campos do saber desloca o modelo de educação escolarizada, que ocorre numa determinada faixa etária do aluno e num determinado espaço físico, a poida na especialização do saber, para uma educação continuada que dá importância ao sujeito, à reflexões e a aprendizagem em sua aplicabilidade na vida social, fundamentadas em princípios de cidadania e liberdade. A reflexão, como princípio didático, é fundamental em qualquer metodologia, levando o sujeito a pensar o processo do qual participa dentro da escola como docente. A formação deve considerar a realidade em que o docente trabalha, suas ansiedades, suas deficiências e dificuldades encontradas no trabalho, para que consiga visualizar a tecnologia como uma ajuda e vir, realmente, a utilizar-se dela de uma forma consistente. O processo de formação continuada permite condições para o professor construir conhecimento sobre as novas tecnologias, entender por que e como integrar estas na sua prática pedagógica e ser capaz de superar entraves administrativos e pedagógicos [...]” (Mercado, 2002, p. 21).

É nesse sentido que os programas de Formação Continuada devem ser desenvolvidos, os especialistas que os ministram, devem ter ciência de que o docente tem barreiras a serem superadas e que ele precisa contar, não apenas com seu conhecimento acerca das novas tecnologias, mais também com toda a comunidade escolar, pois a abertura para a o novo e o olhar para as mudanças não são responsabilidade apenas sua, e sim, de todos os envolvidos com a educação.

Os caminhos da educação são percorridos por muitos, alguns são sujeitos formados para formarem cidadãos comuns, outros para pensarem e elaborarem as políticas para serem executadas por outrem e outros são os que somam o público usuário dos programas, das ações e das propostas de educação advindas das políticas públicas. Neste prisma, “[...], a formação continuada de professores deve incentivar a sua apropriação do saber rumo à autonomia, e levar a uma prática crítico-reflexiva, abrangendo a vida cotidiana da escola [...]” (Ferreira et al, 2005, p. 1000).

E, isso está associado, querendo ou não, a abertura que a própria escola apresenta para esse profissional pôr em ação os conhecimentos científicos adquiridos ao longo de sua formação em forma de conhecimento/ conteúdo didático, “Desta maneira, o espaço de formação do professor será a escola, e os conteúdos dessa formação, a sua prática educativa”. Outro ensinamento de Silva diz respeito ao ato dos formadores/especialista que ministram os programas de Formação Continuada, e de acordo com suas palavras, estes devem “ajudar o professor a tornar-se cada vez mais um profissional reflexivo”, e para que isso ocorra, ele diz que há quatro passos: “o conhecimento na ação; a reflexão na ação; a

reflexão sobre a ação e a reflexão para a ação”, e ele ainda explica que ação que ele se refere é toda a atividade do docente, e que:

“O **conhecimento na ação** é o conjunto de saberes internalizados (conceitos, teoria, crenças, valores, procedimentos), que é adquirido mediante a experiência e a atividade intelectual, [...]. A **reflexão na ação** é a reflexão desencadeada durante a realização da ação pedagógica sobre o conhecimento que está implícito na ação [...]. A **reflexão sobre a ação** é a reflexão desencadeada após a realização da ação pedagógica, [...]. A **reflexão para a ação** é a reflexão desencadeada antes da realização da ação pedagógica, pela tomada de decisão no momento do planejamento da ação que será desenvolvida” (Silva, 2006, p. 102).

O fazer docente não ocorre do nada, pois é uma ação que é, ou deveria ser, muito bem elaborada/planejada antes, durante e depois de casa aula dada. O professor reflexivo tem a incumbência não apenas de refletir sobre seu fazer, mas também sobre a realidade socioeconômica de seu aprendiz, sobre sua convivência em família e sobre suas dificuldades de acesso e permanência nas instituições de ensino mais elevado, pois esse profissional deve ser o mais empático possível, só se colocando no lugar do outro se pode desenvolver uma docência eficaz e significativa a cada dia.

A Formação Continuada é de suma relevância não só para o próprio profissional da educação, mas acima de tudo para a sociedade, é através dela que se uma nação pode obter uma educação e um ensino de qualidade, porém ela não ocorre único e exclusivamente em um curso específico, pois nas palavras de Dias (2012, p. 16) a Formação Continuada é algo abrangente e “[...] tudo que possa oferecer oportunidade de conhecimento, reflexão, debate e trocas que favoreçam o aprimoramento profissional, em qualquer de seus ângulos, em qualquer nível é considerado formação continuada”.

Assim, não se pode conceituar a Formação Continuada como sendo algo que acontece em um *locus*, em tempo e nem em uma área específica do conhecimento, pois concordando com as palavras da autora citada acima, a Formação Continuada vai além de dado curso, extrapola os muros de uma instituição de Ensino Superior, isso porque até nos diálogos corriqueiros com pessoas comuns é possível aprender sempre mais.

Assim, o conceito de Formação Continuada tem como sinônimos a “especialização”, o aperfeiçoamento” e também a extensão dos estudos, isto quando falamos de profissionais de todas as áreas, pois ao docente cabe ainda outros meios e ambientes que podem ser considerados como *locus* de re/construção do saber docente de forma contínua.

3.2. Formação Continuada em NTIC's: um compromisso político dos governantes e do professor

A qualidade na educação e no ensino é algo que se almeja pela população brasileira para todos os níveis e modalidade de ensino, pois o sistema de educação brasileiro apresenta lacunas e insuficiência de recursos físicos, materiais e profissionais em todos os setores da educação e uma das metas do Plano Nacional de Educação (PNE) é justamente garantir a qualidade da educação básica assim como também do Ensino Superior e, isto está claro nas metas 05, 13 e 14. Na meta 05 encontram-se as seguintes proposições:

“[...] 5.3) selecionar, certificar e divulgar tecnologias educacionais para a alfabetização de crianças, assegurada a diversidade de métodos e propostas pedagógicas, bem como o acompanhamento dos resultados nos sistemas de ensino em que 25 forem aplicadas, devendo ser disponibilizadas, preferencialmente, como recursos educacionais abertos; 5.4) fomentar o desenvolvimento de tecnologias educacionais e de práticas pedagógicas inovadoras que assegurem a alfabetização e favoreçam a melhoria do fluxo escolar e a aprendizagem dos(as) alunos(as), consideradas as diversas abordagens metodológicas e sua efetividade; [...] 5.6) promover e estimular a formação inicial e continuada de professores(as) para a alfabetização de crianças, com o conhecimento de novas tecnologias educacionais e práticas pedagógicas inovadoras, estimulando a articulação entre programas de pós-graduação *stricto sensu* e ações de formação continuada de professores(as) para a alfabetização; [...]” (PNDE, p. 25, 2015).

Ou seja, o Governo Federal tem como meta para a melhoria da educação e do ensino básico entre outras estratégias, a oferta da Formação Continuada para docentes já atuantes, como também, investimentos em tecnologias para o aperfeiçoamento dos mesmos e melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem dos estudantes, fato que implicitamente evidencia a necessidade e a importância de uma Formação Continuada em NTIC's, tanto para professores do ensino básico como os mestres e doutores do Ensino Superior.

Acima verifica-se uma das metas governamentais direcionada para o ensino básico, espera-se essa e as muitas outras sejam alcançadas ao longo dos anos que ainda estão por vir, principalmente as metas direcionadas para o Ensino Superior, visto que, há uma grande necessidade de investimentos na área tecnológica das universidades, assim como também o aperfeiçoamento do corpo docente universitário para lidar com os mais novos e sofisticados aparatos tecnológicos como possíveis recursos didáticos/metodológicos.

Visando justamente a melhoria da educação superior, a meta do Governo Federal por meio do Plano de Desenvolvimento da Educação para esse nível de ensino é:

“13.3) induzir processo contínuo de autoavaliação das instituições de educação superior, fortalecendo a participação das comissões próprias de avaliação, bem como a aplicação de instrumentos de avaliação que orientem as dimensões a serem fortalecidas, destacando-se a qualificação e a dedicação do corpo docente; [...] 13.5) elevar o padrão de qualidade das universidades, direcionando sua atividade, de modo que realizem, efetivamente, pesquisa institucionalizada, articulada a programas de pós-graduação stricto sensu; [...]. Meta 14: elevar gradualmente o número de matrículas na pós-graduação stricto sensu, de modo a atingir a titulação anual de 60.000 (sessenta mil) mestres e 25.000 (vinte e cinco mil) doutores; 14.4) expandir a oferta de cursos de pós-graduação stricto sensu, utilizando inclusive metodologias, recursos e tecnologias de educação a distância; 14.6) ampliar a oferta de programas de pós-graduação stricto sensu, especialmente os de doutorado, nos campi novos abertos em decorrência dos programas de expansão e interiorização das instituições superiores públicas; 14.7) manter e expandir programa de acervo digital de referências bibliográficas para os cursos de pós-graduação, assegurada a acessibilidade às pessoas com deficiência; 14.8) estimular a participação das mulheres nos cursos de pós-graduação stricto sensu, em particular aqueles ligados às áreas de Engenharia, Matemática, Física, Química, Informática e outros no campo das ciências; 14.9) consolidar programas, projetos e ações que objetivem a internacionalização da pesquisa e da pós-graduação brasileiras, incentivando a atuação em rede e o fortalecimento de grupos de pesquisa; 14.10 promover o intercâmbio científico e tecnológico, nacional e internacional, entre as instituições de ensino, pesquisa e extensão; [...] 14.13) aumentar qualitativa e quantitativamente o desempenho científico e tecnológico do País e a competitividade internacional da pesquisa brasileira, ampliando a cooperação científica com empresas, Instituições de Educação Superior - IES e demais Instituições Científicas e Tecnológicas - ICTs; [...]” (PNDE, p. 51-53, 2015).

Essas metas e suas estratégias deixam bem claro quais são as propostas do governo brasileiro para a educação superior em prol da qualidade da mesma e, para tanto deverá ser destinado às Instituições de Ensino Superior recursos financeiros para o investimento na Formação Continuada dos mestres e dos Doutores, assim como também para compra e manutenção de equipamentos tecnológicos para serem usados em sala de aula.

Aparentemente, o governo vem fazendo sua parte em prol da melhoria da educação e do ensino em todos os níveis, porém, vale dizer aqui, o docente também tem o dever político enquanto profissional da área de buscar meios e recursos para se especializar, aperfeiçoar, capacitar independente de ser-lhe ofertado os ou cursos de Formação Continuada pelos governantes, um exemplo tácito disto, encontra-se nos professores recém-formados, pois a grande maioria, mesmo antes de iniciar sua vida profissional tendem especializar-se em uma dada área do conhecimento e, diante da necessidade, por que não, nortear essa formação para as NTIC's, pois muitos desses docentes têm a necessidade de serem letrados para atuarem na sociedade de do conhecimento, de maneira que possam concomitantemente letrar digitalmente seus aprendentes.

Contudo, “[...] qual a melhor maneira de dotar o professor dos conhecimentos necessários a este novo papel? [...] Que papel queremos que o professor venha a

desenvolver nesta “nova escola”? ” (Oliveira, 2010, p. 93), são muitas as demandas da sociedade atual e, há muitos jovens fazendo uso equivocadamente das tecnologias em sala de aula, a tal modo que, o Governo do Estado de Pernambuco veio a implementar no presente ano uma lei para regulamentar esse uso em sala de aula, entretanto, diante desta realidade conflituosa é papel do docente instruir seus alunos, quanto ao uso desferido pelos mesmos das NTIC's, dentro e fora dos muros das instituições de ensino.

Queremos do professor contemporâneo uma ação docente pautada nos princípios da Pedagogia dialética, pedagogia esta que de acordo com Lopes:

“[...] mostra-se como uma nova visão de homem e de mundo, estabelecido pelo pensamento de Karl Max e resumida em sua afirmação de que o homem é um ser que se constitui como *síntese de múltiplas determinações*, como um conjunto de relações sociais. Segundo essa visão, o homem não pode ser comparado senão pela referência histórica em que se encontra inserido; o mundo, a história e o homem são tidos como realidades dinâmicas. Esse dinamismo, nota-se, não tem relação alguma com o do princípio metafísico de uma força misteriosa; trata-se, isto sim, de um movimento que segue leis objetivas que devem ser conhecidas pelo próprio homem” (Lopes, 2009, p.73).

Concordando com esse pensamento, é possível afirmar que o ser humano contemporâneo, assim como a cultura e a identidade, é dinâmico e vive uma realidade sociocultural instável, isso porque o próprio dinamismo traz consigo mudanças e reorganização da sociedade, da forma de ver e viver em um mundo holístico no qual as sociedades estão interligas, dividindo e compartilhando saberes, culturas, crenças, ritos, valores e em muitos até afetividade, tudo isso por meio dos veículos de comunicação digitais, o meio de comunicação que diminuiu distancia, aproximou civilizações e derrubou barreiras comerciais por todo o mundo.

Dentro desta perspectiva, o docente deve ter o compromisso político para com a sociedade, de forma a zelar pela formação cidadã crítica reflexiva, preparando o aprendiz para atuar significativamente na sociedade em prol da garantia para ele e para os demais cidadãos dias melhores e a justiça social e, para isso, o estudante deve ser bem instruído e dominar os mais novos e sofisticados recursos tecnológicos, de maneira que esses venham a servir-lhe como instrumentos e meios de divulgação e de compartilhamento dos anseios, das demandas, dos ideais e ideais sociais.

O docente comprometido com a educação, com seu aluno e com a sociedade, sempre estará envolvido em momentos e ambientes que lhes garantem a Formação Continuada, desta forma, Lagar, Santana e Dutra, explicam que:

“O desenvolvimento pessoal, cultural e profissional, pode ocorrer: dentro do ambiente escolar por meio da participação no projeto político pedagógico, reuniões coletivas, grupos de estudo, seminários, conselhos de classe e estudo de caso e fora do âmbito escolar mediante participação em congressos, cursos, encontros e palestras. A formação continuada é necessária, entre outros, para atender às demandas da atual sociedade em constante mudança, para o enfrentamento de problemas, elaboração e modificação de procedimentos, para repensar e criar estratégias de trabalho e promover mudanças pessoais e profissionais” (Lagar, Santana, & Dutra, 2013, p.118).

De acordo com as afirmações das autoras, o docente não deve ficar na inércia achando que a formação inicial é o suficiente para sua atuação pedagógica, pois o tempo passa, as coisas mudam e surgem novas e complexas demandas e problemáticas, exigindo desse profissional também novas formas metodológicas, técnicas e didática de resolver e de minimizar os efeitos oriundos de tais mudanças sociais mundiais e locais.

Outro fato explanado por essas pesquisadoras é a questão relativa ao ambiente onde ocorre a Formação Continuada, pois no dizer delas, essa formação contínua acontece dentro e fora do seio escolar, bastando para tal, o envolvimento deste com as mais diversas atividades ligadas à sua profissão e, esse envolvimento nas tomadas de decisões referentes a escola, aos estudantes, assim como também sua posição política participativa nos movimentos sociais frente as necessidades da comunidade escolar onde atua e à sociedade no geral são, sem dúvida alguma, posicionamento político que podem ser compreendidos como Formação Continuada, uma vez que, esta ultrapassa os muros da instituição escolar.

As políticas educacionais atuais são desenvolvidas para serem implementadas sob a pedagogia dialética, cabendo ao professor executá-las ou não por meio dos princípios da mesma, pois, por mais que hajam propostas, programas e incentivos governamentais, é o docente que os executam a seu modo, ou melhor, de acordo com sua concepção de sujeito, de mundo, de educação e de sociedade, logo, cada ato pedagógico em sala de aula é um ato político, uma postura ideológica que diz muito sobre suas convicções acerca do conhecimento e do sujeito em processo de formação.

E, como as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação são uma realidade presentes na sociedade contemporânea, trazendo consigo inúmera mudança faz-se necessário, hoje ainda mais que outrora, a práxis pedagógica pautada nos princípios da pedagogia dialética esta que tem:

“A visão de homem e de mundo da pedagogia dialética concentra-se nas relações naturais e sociais, para propor uma educação que estabeleça um ensino que parta de uma relação real entre educador e educando. Ou seja, o educador tem conhecimento para passar ao educando e o educador, que não é uma “tábula rasa”, tem conhecimento para ser considerado pelo educador. Assim, o educador precisa compreender os aspectos subjetivos e objetivos do educando para que exista um desenvolvimento dele. É nesta perspectiva que a educação é uma ação social, que garante colocar tanto o educador quanto o educando no contexto ao qual pertencem” (Lopes, 2009, p. 74).

Sob a perspectiva da pedagogia dialética, a ação docente sempre primará pelo desenvolvimento e formação integral do cidadão, este que desenvolverá um pensamento crítico, reflexivo para atuar de forma incisiva na sociedade onde está inserido, conhecedor dos seus limites e potências, sabedor do que precisa apreender ao longo de sua vida como sujeito sóciointeracionista, desta feita, no momento atual, tanto o professor quanto o estudante que estão sob a égide dessa pedagogia tem ciência do quanto precisam estar atualizados na área das NTIC's, pois, como sujeitos sóciointeracionista, estes devem deter o conhecimento sobre as mais novas e avançadas tecnologias, uma vez que vivem em uma sociedade conectada mundialmente por meio da tecnologia.

Como a sociedade mundial está interligada por meio das mais novas invenções humanas na área da tecnologia Oliveira afirma que:

“No atual contexto do mundo globalizado, onde a internet reduz as distâncias nos permitindo em tempo real estar conectados com os mais longínquos países, eventos culturais, esporte, economia, política, música, dança e até mesmo interagir virtualmente através teleconferências, é preciso uma mudança no nosso jeito de ensinar e aprender. Existe uma necessidade imperiosa de procurar o nosso aperfeiçoamento profissional nas diferentes áreas do conhecimento, sobretudo para nós professores que preparamos crianças e jovens para o amanhã. Vivemos em um mundo *complexo* e *sistêmico* que exige de nós mudar o pensamento linear, positivista para uma compreensão, um acompanhamento e vivência de *rupturas* visando a um posicionamento mais aberto para o exercício de nossa prática profissional [grifos da autora]” (Oliveira, 2008, p. 76).

Oliveira, acima citada, chama a atenção para a necessidade da Formação Continuada para os docentes de todos os níveis e modalidades de ensino pelo fato de vivermos atualmente em um momento histórico imbuído de complexas mudanças socioculturais, mudanças que, de acordo com a mesma, impulsionam o surgimento de um novo ritmo de vida, de pensar, de ensinar e de aprender, visto que é o docente o maior responsável pela preparação do cidadão para viver a nova realidade.

Ficar inerte não deixa de ser uma posição política do professor, isso, lógico se essa inércia for uma escolha sua, pois todo ato ou toda ausência de ato de um docente é uma posição política tomado por ele, por acreditar nisto Paulo Freire referendando por Lagar, Santana e Dutra, é de opinião que educar é um compromisso e um ato totalmente político e que nem educar e nem educando escapam da politicidade imbuída na educação:

“1.politicidade do ato educativo: a educação não é neutra, pois traz uma rede de significados da realidade e da ação do homem sobre essa realidade. Portanto, a ação e reflexão podem alterá-la, relativizá-la, transformá-la. A visão ingênua que homens e mulheres têm da realidade faz deles escravos, na medida em que não sabendo que podem transformá-la sujeitam-se a ela. [...] os alfabetizadores devem aprender a ler as letras e o mundo e a escrever as palavras dos educandos e a partir da bagagem cultural deles e do diálogo constante, recriar esse universo.

2. dialogicidade do ato de educativo: a pedagogia proposta por Freire é fundada na dialética, no diálogo e na relação dialógica. A educação, segundo Paulo Freire, tem como objetivo promover a ampliação da visão de mundo e isso só acontece quando essa relação é mediatizada pelo diálogo. A atitude dialógica é, antes de tudo, uma atitude de amor, humildade e fé nos homens, no seu poder de fazer e de refazer, de criar e de recriar. Aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando e só tem sentido se resultar de uma aproximação crítica dessa realidade. O que o homem faz é cultura e o que ele não faz é natureza” (Lagar, Santana, & Dutra, 2013, pp. 26 - 27).

Citando Freire, as autoras explicam o quanto o ato de educar, de ensinar é político e, como a neutralidade docente frente à realidade, a cultura e as experiências de seu educando é prejudicial ao seu desenvolvimento como sujeito cognoscente. Um professor que, mesmo sabendo o que se espera dele enquanto construtor e mediador do conhecimento, continua a pôr em prática uma práxis ultrapassada, uma pedagogia que não norteia o aprendiz na construção de seu saber escolar de forma competente e plausível é um profissional politicamente antiético, frente as expectativas e as demandas sociais do tempo histórico presente no qual ele e seu aluno encontram-se imersos.

Como as NTIC's são uma realidade em nossa sociedade local e mundial, é bom salientar também que a Formação Continuada deve priorizar os saberes e as teorias ligadas à tecnologia, pois ela encontra-se em todos os setores da sociedade contemporânea, além disso, de acordo com a Base Curricular Comum (BCC) para as Redes Públicas de Ensino de Pernambuco:

“A cidadania democrática, [...], tem como pressuposto a inclusão de todos em vínculos solidários, que busquem a superação das desigualdades e da intolerância, que garantam a formação para o trabalho e a socialização do conhecimento, dos bens culturais e materiais, que preconizam a convivência ética e responsável dos grupos sociais e dos indivíduos, com outros saberes e culturas, meio ambiente e tecnologia” (Pernambuco, 2008, p.27).

A Base Curricular Comum esclarece que é de fundamental importância a formação das crianças e dos jovens para a cidadania solidária, para a angariação de outros saberes, que ultrapassem as barreiras culturais. De forma que o sujeito aprendente possa de fato pôr em ação saberes e competências que possam enveredá-lo por caminhos da construção de uma sociedade mais justa e saudável para todos. Fazendo uso da tecnologia de maneira responsável e ética. Sabendo manter o meio ambiente sábio, para todas as formas de vida terrestre, pois não basta saber usar as NTIC's. Além de saber usar é preciso também saber usá-las de maneira consciente, responsável e com o compromisso de pensar e de agir corretamente frente ao planeta, pensando holisticamente, visto que um ato positivo ou negativo desenvolvido “aqui” ecoa ‘alia” e vice e versa.

Desta forma, é um compromisso político do docente com seu alunado de forma este para a cidadania planetária, isso porque o uso e o descarte indevido dos aparelhos tecnológicos podem gerar trazer vários e sérios problemas ligados ao meio ambiente, assim,

o professor atual deve ser conhecedor dos prós e dos contras no tocante ao uso das tecnologias. Porém, Oliveira faz uma pertinente indagação sobre a preparação do professor frente a essa nova realidade social, afirmando primeiramente que:

“Para os jovens de formação universitária é mais fácil a adaptação e assimilação de novos conhecimentos, visto que começa sua inserção no mundo do trabalho e a nova realidade social já os leva a esse entendimento de mudança. Mas para as crianças e adolescentes que iniciam sua formação básica a partir de seis anos de idade? E os jovens que curam o Ensino Médio? Tais questionamentos nos remetem a um problema de fundo, que é a questão da *formação continuada* dos professores para que possam acompanhar a evolução vertiginosa de novas tecnologias e da geração de novos conhecimentos. É sabido que o processo de formação continuada dos professores é um grande gargalo na Educação Básica, porque faltam investimentos nesse tipo de formação” (Oliveira, 2008, p. 78).

Aqui, a pesquisadora apresenta algumas preocupações suas relativas ao compromisso político dos governantes ao que diz respeito a Formação Continuada dos professores, pois a mesma sabe que, para o docente recém-formado é muito mais fácil a adaptação a essa realidade social, ou seja, um jovem professor formado ou em processo de formação está habituado ao uso dos mais novos aparelhos e ferramentas tecnológicas, em contra partida um docente que atua já a algum tempo na educação pode ter dificuldades para lidar com a tecnologia e seus recursos como possíveis recurso metodológicos em suas aulas.

Assim é mais do que necessário a Formação Continuada para os docentes, é urgente a Formação Continuada em NTIC's, esse é um dever da União, do Estado e dos Municípios em comum apoio, mas de acordo com essa autora é comum ver muitos docentes investindo em formação por meio de recursos pessoais:

“Alguns professores com seus próprios recursos financeiros procuram seu próprio aperfeiçoamento fazendo cursos de pós-graduação, participam de seminários e congressos, lêem novos livros, novas propostas educacionais. Mas muitos outros não dispõem de recursos suficientes para este tipo de aperfeiçoamento e são forçados a se acomodarem e ficarem limitados aos eventuais investimentos que os governos estaduais e municipais possam realizar na formação continuada dos professores da Educação Básica” (ibidem, p. 79).

Esse fato que Oliveira releva é ainda mais grave quando se trata da Formação Continuada de professores da rede privada de ensino, pois estes não têm apoio algum dos patronos das escolas e das instituições de ensino onde trabalham, ficado totalmente ao seu encargo o investimento na sua Formação Continuada o que força totalmente a inércia desse profissional, inércia que prejudica tanto o próprio docente quanto o aprendiz, pois sem ter acesso a novos saberes e propostas de ensino para a atualidade, ambos ficam à mercê dos conhecimento docentes adquiridos ainda durante sua formação inicial.

Atualmente, muito é exigido do professor e pouco lhe é ofertado, nessa linha de pensamento Nóvoa afirma que:

“Há um paradoxo entre o excesso das missões da escola, o excesso de pedidos que a sociedade nos faz e, ao mesmo tempo, uma cada vez maior fragilidade do estatuto docente. Os professores têm perdido prestígio, a profissão docente é mais frágil hoje do que era há alguns anos. Eis um enorme paradoxo. Como é possível a escola nos pedir tantas coisas, atribuir-nos tantas missões e, ao mesmo tempo, fragilizar nosso estatuto profissional.

É também um paradoxo a glorificação da sociedade do conhecimento em contraste com o desprestígio com que são tratados os professores. Como se por um lado achássemos que tudo se resolve dentro das escolas e, por outro, achássemos que quem está nas escolas são os profissionais razoavelmente medíocres, que não precisam de grande formação, grandes condições salariais, que qualquer coisa serve para ser professor” (Nóvoa, 2007, p. 12).

Nóvoa é bastante claro ao afirmar e reafirmar o antagonismo entre o que se espera do docente e o que lhes é dado como recursos formativos, ou seja, espera-se muito deste profissional, porém pouco, ou quase nada é investido em sua formação, em sua satisfação profissional. O que ocorre por parte dos governantes, assim como também por meio da sociedade é uma grande cobrança referente a sua qualificação docente, mas quase não há investimento nessa qualificação tão almejada por tantos, fato que, muitas vezes culmina no desenvolvimento da Síndrome de Burnout, visto que há uma gana de missões que lhes são entregues pela sociedade e, como este profissional não consegue dá conta todos os atributos a ele lançando, o mesmo, aos poucos vai adoecendo e se sentindo incapaz e incompetente.

Essa situação, infelizmente já é uma realidade latente no Brasil, pois muitos estudos comprovaram o adoecimento de boa parte dos professores de todas as disciplinas. Um exemplo disto é a matéria de Santaella no Diário Catarinense, matéria esta que é intitulada como “Excesso de estresse no trabalho pode causar a síndrome de *burnout*” trazendo informações e dados assustadores sobre o perigo que rodeia os professores brasileiros:

“Que o contexto profissional é um centro de produção de estresse, com níveis altos de competição, prazos curtos, incertezas e instabilidade, todo mundo sabe. Não são poucos aqueles que se sentem sobrecarregados no trabalho ou se mantêm preocupados constantemente com o risco de perder o emprego, sensação ainda mais forte em um ano de crise. Todas essas exigências fazem os funcionários se tornarem prisioneiros de hábitos mecânicos e automáticos, explica Eduardo Shinyashiki, autor de livros sobre o universo do trabalho. O resultado dessa situação de excesso de estresse pode levar a uma condição chamada síndrome de burnout. Ela ocorre quando a pessoa chega a um nível de esgotamento físico e mental. Você pode não conhecer o nome desse distúrbio psíquico, mas certamente já percebeu algum dos efeitos em si mesmo ou em outras pessoas. Vontade de não levantar da cama para ir ao trabalho, críticas constantes em relação às funções do dia a dia, respostas com ironia e até agressividade às demandas dos chefes e colegas são apenas alguns exemplos” (Santaella, 2015).

Essa matéria é reveladora do mal que o excesso de incumbências pode causar ao professor, contudo, muito pior é o fato de não lhe ser dada as devidas condições para

responder positivamente as ansiedades e demandas da sociedade, pois lhe são muitas as missões educativas e muito pouco é investido em sua Formação Continuada, principalmente no que diz respeito às docentes das escolas particulares.

Nos dias de hoje, para que possamos evitar o adoecimento desse profissional é preciso investimento governamental na Formação Continuada em muitas áreas do conhecimento, visto que, há a necessidade de que o professor tenha múltiplas competências para lidar com educando, por exemplo, com necessidades educacionais especiais, a lidar metodologicamente com os novos e sofisticados aparelhos e recursos tecnológicos como possíveis recursos didáticos, enfim, hoje o docente deve ser capaz de atuar com destreza em todas as áreas que lhe é cabível segundo as políticas educacionais, segundo a sociedade.

Assim, “Os professores precisam se apropriar de um conjunto de novas áreas científicas que são muito mais estimulantes das que serviram de base e fundamento para a pedagogia moderna” (Nóvoa, 2007, p 07) e, para que isso ocorra, fez-se necessário a oferta de programas e propostas de Formação Continuada em várias áreas do conhecimento e, em particular, na NTIC's.

CAPÍTULO IV. A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

4.1. Objetivos

4.1.1. Objetivo Geral

Analisar o uso que os docentes fazem das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) no cotidiano escolar e a relação da formação continuada específica para o uso das NTICs.

4.1.2. Objetivos Específicos

- Averiguar como se dá a formação continuada dos docentes para o uso das NTICs no cotidiano escolar;
- Mapear de que forma ocorre o acesso às NTICs por partes dos professores;
- Analisar a atuação dos professores frente ao uso das NTICs no cotidiano escolar;
- Verificar se existem dificuldades na adequação do uso das NTICs no fazer diário dos docentes.

4.2. Hipóteses

As hipóteses iniciais são:

- Os professores não estão capacitados para o uso das NTICs, por isso não as usam em seu fazer docente;
- Os professores estão capacitados, porém não usam as NTICs em sala de aula.

4.3. Tipo de Pesquisa

Trata-se de uma pesquisa do tipo estudo de caso, descritiva com abordagem qualitativa através de uma entrevista estruturada com os docentes de uma Instituição de Ensino Superior em Pernambuco que atua na formação de docentes. Para Yin (2001), o estudo de caso consiste em uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo, dentro do seu contexto na vida real. Já Stake (2003) compreende o método não como uma escolha metodológica, mas uma escolha vinculada ao objeto estudado, enfocando no caso individual em si, não o método utilizado. Entende-se que ambos os autores corroboram a decisão do método de estudo de caso no presente estudo, uma vez que, a escolha do método de estudo de caso se dá em função de se tratar de um fenômeno contemporâneo, a crescente adoção das NTIC's, em particular no ensino superior.

Conforme Oliveira (2005), a pesquisa descritiva é abrangente, permitindo uma análise aprofundada do problema de pesquisa em relação aos aspectos sociais, econômicos, políticos, percepções de diferentes grupos, comunidades, entre outros aspectos. Também utilizada para a compreensão de diferentes comportamentos, transformações. As pesquisas descritivas não só explicam a relação entre variáveis, como procuram determinar a natureza dessa relação, fundamentando com precisão o objeto de estudo. Assim, esta pesquisa pode ser entendida como um estudo de caso onde, após a coleta de dados foi realizada uma análise das relações entre as variáveis para uma posterior determinação dos efeitos resultantes na Instituição.

Sobre a pesquisa qualitativa, Bogdan e Biklen (2003) pontuam que esta abordagem procura entender o processo pelo qual as pessoas constroem significados e descrevem o que são estes. Os mesmos autores tomam significado como ideia-chave. Depreende-se que o pesquisador qualitativista não quer explicar as ocorrências com as pessoas, individual ou coletivamente, listando e mensurando seus comportamentos ou correlacionando quantitativamente eventos de suas vidas. Todavia, ele pretende conhecer a fundo suas vivências, e que representações essas pessoas têm dessas experiências de vida. Dentro dessa perspectiva o estudo objetiva não só descrever, mas também dialogar com os dados coletados por meio da abordagem qualitativa.

4.4. *Lócus da Pesquisa*

A pesquisa foi realizada em uma Instituição de Ensino Superior, situada na cidade de Recife capital do estado de Pernambuco. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Recife é um município brasileiro, com área territorial de aproximadamente 218 km². É a cidade nordestina com o melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH-M) e é a quarta capital brasileira na hierarquia da gestão federal, após Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo.



Fonte: Google Maps, 2017.

A seleção do local deve-se ao fato de que a Instituição atua na formação de docentes, dado o fenômeno na atualidade do uso da tecnologia no meio acadêmico, devido ao constante avanço nos processos diários do fazer humano, percebeu-se a necessidade de uma pesquisa focada na formação continuada de professores para o uso das NTIC's no cotidiano escolar.

4.5. Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa foi realizada com 08 (oito) professores do Ensino Superior da referida Instituição, no município de Recife - PE. Para esta pesquisa foi considerada uma amostragem do tipo não probabilística intencional, que conforme Hair et al (2005) deve ser utilizada quando os elementos que irão compor a amostra são escolhidos intencionalmente. Os critérios de seleção dos participantes foram a aceitação em responder a entrevista e lecionar em cursos de formação de docentes.

4.6. Instrumentos para a Coleta de Dados

Para a coleta dos dados foi utilizada a técnica de entrevista que, conforme Minayo (2009) é tomada no sentido amplo de comunicação verbal e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico. Desta forma, a entrevista é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. É acima de tudo uma conversa a dois ou entre vários interlocutores. Realizada por iniciativa do entrevistador com o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa e a abordagem feita pelo entrevistador de temas igualmente pertinentes com vistas aos objetivos.

4.6.1. Técnica das Entrevistas

A entrevista é uma das estratégias que o pesquisador usa para ir a campo com o objetivo de construir informações relacionadas com o seu objeto de pesquisa. O guião da entrevista (Apêndice II) foi previamente elaborado e continha inicialmente questões de identificação do entrevistado, como idade, tempo de formação e de docência. Construímos um roteiro para as entrevistas com o intento de compreendermos as dimensões acerca do universo pesquisado.

Guião de Entrevista

Q1. Identificação do Entrevistado.
Q1. Identificação do Entrevistado.
Q.3. Atuação dos professores e o uso das NTIC's no cotidiano escolar.
Q.4. Dificuldades na adequação em sala de aula frente ao uso das NTIC's.

As entrevistas foram gravadas e em seguida os dados textuais foram transcritos e analisados de modo a compor o *corpus* desta pesquisa.

4.7. Procedimentos da Pesquisa

Antes da realização da pesquisa, inicialmente buscou-se obter a autorização do diretor da referida Instituição de Ensino Superior da cidade de Recife, através de uma carta-convite com os objetivos da pesquisa e solicitação para a realização das entrevistas com os docentes da instituição (Apêndice I).

Após a autorização para coleta de dados, a pesquisadora fez o agendamento de data e horário com os docentes para a realização das entrevistas, ocasião em que foi realizada uma explicação acerca dos objetivos do estudo, a garantia de que os dados serão mantidos em sigilo e somente utilizados como componente desta pesquisa. Em seguida, as informações obtidas através das entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para análise (Apêndice III).

4.8. Procedimento de Análise dos Dados

4.8.1. Análise de Discurso (AD)

Os dados coletados foram transcritos e os textos foram submetidos a uma análise de discurso (AD) com o objetivo de analisar o processo de identificação dos sujeitos, de argumentação, de subjetivação e de construção da realidade do uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's) no cotidiano escolar e a relação do uso das NTIC's com a formação continuada específica. A escolha da AD como método de análise se deve ao fato do discurso ser um suporte abstrato que sustenta os vários textos (concretos) que circulam em uma sociedade. Ele é responsável pela concretização, em termos de figuras e temas, das estruturas semi-narrativas. Através da AD é possível realizarmos uma análise interna e uma análise externa. Estaremos inevitavelmente diante da questão de como ele se relaciona com a situação que o criou. A análise vai procurar colocar em relação o campo da língua e o campo da sociedade apreendida pela história e pela ideologia (Pêcheux, 1990).

Do ponto de vista ideológico, para Pêcheux (1990), o discurso é uma forma de materialização ideológica, como identificaram os marxistas em outras instâncias sociais. O sujeito é um depósito de ideologia, sem vontade própria, e a língua é um processo que perpassa as diversas esferas da sociedade. Fairclough (2001) entende discurso como uma prática social reprodutora e transformadora de realidades sociais e o sujeito da linguagem, a partir de uma perspectiva psicossocial, tanto propenso ao moldamento ideológico e

linguístico quanto agindo como transformador de suas próprias práticas discursivas, contestando e reestruturando a dominação e as formações ideológicas socialmente empreendidas em seus discursos; ora ele se conforma às formações discursivas/sociais que o compõem, ora resiste a elas, ressignificando-as, reconfigurando-as. Desse modo, a língua é uma atividade dialética que molda a sociedade e é moldada por ela.

Segundo Maingueneau (2005, p.15) discurso é “uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”. Para esse autor, o discurso não opera sobre a realidade das coisas, mas sobre outros discursos e todo enunciado de um discurso se constitui na relação polêmica com outro. O sujeito é um espaço cindido por discursos e a língua um processo semântico e histórico.

Embora não haja consenso entre os diversos linguistas sobre o significado do termo discurso, há em comum entre todas as correntes que analisam o discurso ou o ideário de análise não focalizada no funcionamento linguístico, e sim na relação que o sujeito e esse funcionamento estabelecem reciprocamente. Assim, o objeto de estudo desta pesquisa busca uma análise do discurso que não se trata tão somente da língua, mas o que há por meio dela: relações de poder, institucionalização de identidades sociais, processos de inconsciência ideológica, enfim, diversas manifestações humanas.

A análise foi precedida da transcrição das oito entrevistas gravadas totalizando cerca de 120 minutos com os docentes da referida instituição. Estas entrevistas foram realizadas individualmente, durante o preenchimento do roteiro de pesquisa, procurou-se captar informações pertinentes ao tema da pesquisa. Para a realização da AD seguiu-se o que recomenda Orlandi (2003): classificar o discurso como produção quanto como objeto de análise. Esses elementos podem ser detectados a partir de uma hipótese temática. É o que aponta em termos da construção do *corpus* e do objetivo do trabalho analítico. Esta sugestão é a descrição baseada na escolha temática.

Desta forma, a análise do discurso permitiu a considerar os elementos por semelhanças e diferenciação, criando três componentes na dissertação e representam a formação dos discursos (FD) dos docentes entrevistados. :

A análise das formações discursivas representa uma noção básica da AD, entendida por Foucault (2005) como a descrição de um certo número de enunciados semelhantes ou sistemas de dispersão, os quais definem uma regularidade, uma ordem, correlação, posições, funcionamentos, transformações ou convenção do discurso dos sujeitos. Para a interpretação dos dados, utilizou-se o referencial teórico delineado para a referida investigação, a fim de lhe dar o embasamento necessário para o aprofundamento teórico que respaldou a pesquisa, dando-lhe maior significado.

CAPÍTULO V. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1. Apresentação e discussão dos resultados obtidos através do instrumento qualitativo

O método escolhido para analisar as entrevistas foi a Análise do Discurso (AD) a partir da Formação Discursiva (FD). Conforme o emprego da metodologia da AD, a estratégia geral se deu por meio dos sentidos e apreciações dos discursos. Dessa maneira os mesmos foram lidos e agrupados em Formações Discursivas e serão apresentados a seguir.

5.2. Identificação pessoal e profissional dos docentes

A partir da entrevista realizada com os oito docentes de cursos de formação de docentes que fizeram parte desta pesquisa, inicialmente representou-se a caracterização da amostra em relação à idade, área de formação, tempo de formação e tempo de função, conforme a Tabela 1 a seguir. Os docentes estão representados pela letra “D” seguido de um número arábico, a fim de facilitar a apresentação dos resultados e garantir o anonimato dos entrevistados.

Tabela 1. Identificação pessoal e profissional dos docentes participantes da pesquisa

Professor	Idade	Área de Formação	Tempo de Formação	Tempo de Função
D1	36 anos	Licenciatura em História	14 anos	13 anos
D2	46 anos	Licenciatura em Matemática	25 anos	28 anos
D3	31 anos	Licenciatura em Pedagogia	7 anos	13 anos
D4	60 anos	Licenciatura em História	30 anos	37 anos
D5	35 anos	Licenciatura em Biologia	10 anos	10 anos
D6	47 anos	Direito e Comunicação Social	26 anos	28 anos
D7	41 anos	Licenciatura em Pedagogia	18 anos	18 anos
D8	33 anos	Licenciatura em História	12 anos	11 anos

A partir dos dados de identificação é possível observar que há divergências com relação às idades, a área e o tempo de formação, e também de função profissional. A formação do professor universitário, aparentemente, é mais metódica do que didática, este também aparenta ser menos empático e afetivo do que os docentes do Ensino Básico, fato que pode comprometer a construção do conhecimento pelo graduando, podendo gerar também uma certa hostilidade entre ambos.

Neste contexto, a formação continuada é tão necessária e importante para os docentes do Ensino Superior como para as demais dimensões do ensino, pois é por meio dela que, “a cada dia, o profissional agrega novas competências que irão registrar em seu portfólio profissional” (Ney, 2008, p. 123). É importante observar que com relação as

NTIC's, o docente deve usar sua criatividade e verificar de que forma poderia explorar os recursos, assim, os educadores que nasceram em outro ambiente não tão estimulante ou acelerado em termo de tecnologia física, devem priorizar, em sua formação continuada, estudos sobre o uso de novas tecnologias, estando atualizado na cultura do seu tempo, podendo assim, utilizar-se de recursos variados de modo investigativo e avaliador das diferentes metodologias de ensino dentro da sua realidade educacional (Silva, & Pessoa, 2009).

A autonomia do conhecimento chega à sociedade contemporânea baseada no uso da linguagem oral, da escrita e da síntese entre som, imagem e movimento. Kenski (2007, p. 28) afirma que “o processo de produção e o uso desses meios compreendem as tecnologias específicas de informação e comunicação, as NTICs”. A linguagem oral e escrita não deixam de existir, mas junto a elas são acrescentadas novas e convenientes formas de produção e propagação do conhecimento, da comunicação e informação.

É comum as discussões teóricas sobre a formação continuada para os docentes e demais profissionais da educação, mas essas discussões sempre giram em torno da Educação Básica, ou seja, sobre a formação continuada para docentes e profissionais da educação que atuam da Educação Infantil ao Ensino Médio, porém o mesmo não ocorre na esfera da Educação Superior, talvez haja a compreensão de que só há a necessidade e a importância da formação continuada para o ensino básico, uma vez que, a preparação contínua do docente à nível superior encontra-se nos programas de mestrado e de doutorado.

Sobre isso, é salutar lembrar que, o mestre, o doutor e o phd, são profissionais altamente competentes, capacitados e hábeis, mas em áreas específicas, na maioria das vezes, ingressão em programas de pós-graduação afim com a formação inicial (graduação) e, muitos desses com suas formações concluídas a muito tempo atrás. A formação continuada ocorre desde cursos de extensão de natureza diversificada até cursos de formação que outorgam diplomas profissionais, seja em nível médio, seja em nível superior (Dias, 2012).

O Brasil e o mundo vêm passando por inúmeras mudanças (econômica, política, cultural, educacional) nas últimas décadas e, neste cenário, há a necessidade da formação continuada para todos os níveis de ensino, inclusive para o Ensino Superior e, em especial no que tange o uso das NTIC's, posto que, o uso de aparelhos tecnológicos em sala de aula, por parte dos estudantes universitários é bastante corriqueiro e, esse uso muitas vezes é visto como um ato agressivo ao mestre, pois muitos entendem como falta de respeito a quem está dando aula.

Mas, essa interpretação pode trazer sérios problemas de ordem comunicativa entre o docente e seus aprendizes, porque nem sempre os estudantes usam tais aparelhos pela ludicidade, mais sim pela aprendizagem, consultam a internet para tirar dúvidas, para acrescentar e aprofundar algum assunto que está sendo trabalhado na sala de aula, por exemplo.

Por trás do comportamento hostil de muitos docentes do Ensino Superior no tocante ao uso de celulares e de outros aparelhos na sala de aula, pode estar camuflado a insegurança, o medo ser exposto e confrontado pelos estudantes por via da tecnologia e seus recursos, pois ainda existe um grande quantitativo de docentes que não dominam bem nem as novas tecnologias nem seus recursos, por isso não as aceita como suporte pedagógicos.

5.3. Formação Discursiva: Concepções dos docentes acerca da Formação Continuada para o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's)

A Concepções dos Docentes acerca da Formação Continuada para o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's) apresenta como conteúdos da FD a visão negativa dos docentes quanto ao uso adequado das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na sala de aula, o Quadro 1 apresenta os excertos das entrevistas que compõe a FD.

Quadro 1. Apresentação de excertos das entrevistas dos docentes agrupados na FD na “Concepções dos docentes acerca da Formação Continuada para o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC’s)”

Professor	Excertos das entrevistas
D1	Nós não temos uma formação continuada específica. Ainda existem muitas lacunas no campo da formação dos docentes para essas atuais tecnologias
D2	Ainda existem alguns profissionais resistentes ao uso dessas tecnologias. Alguns colocam as informações que o material não é interessante, a escola não oferece recurso.
D3	Ainda falta um certo planejamento mais adequado, tanto da universidade quanto na escola básica, para que o professor faça uso da tecnologias de informação e comunicação de forma planejada, coerente e com objetivos bem claros.
D4	Muitas vezes as instituições não desenvolvem um trabalho sistemático de formação continuada e aí o próprio professor acaba buscando isso paralelamente ao desempenho da sua função. As instituições, elas não têm ainda um olhar específico para as novas tecnologias dentro desse processo de formação continuada.
D5	A gente tem o curso, ministra o curso, mas a gente não tem essa questão de manter essa atualização que pede via mercado. Então, é mínimo o uso, ainda, da tecnologia para a sala de aula. Seja ela tecnologia rádio, seja ela televisão. O pessoal usa mais o tradicional que é o livro didático.
D6	Na minha visão, a maioria dos professores ainda não tem conhecimento suficiente para trabalhar e passar essas informações. Eu acho que os recursos são muitos, mas ainda não são tão fornecidos em determinadas áreas de trabalho.
D7	Hoje, a escola, ela tem que trabalhar com as ferramentas. E a gente não vê isso. Uma ou outra você vê. Mas, não deveria ser uma ou outra deveria ser todas. Novas épocas, novas formas de trabalhar.
D8	Formação dificilmente eu estou indo ou dificilmente a gente tem acesso no ambiente da gente. A formação continuada é fundamental, mas a gente sabe aqui na nossa área dificilmente a gente vai conseguir, de fato, equilibrar isso e buscar essa informação. Eu não consigo.

No Quadro 1 podemos perceber que os docentes entrevistados percebem a carência na Formação Continuada para o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC’s), ocasionada tanto pela falta de recursos ou oferta de cursos por parte da instituição como pela falta de percepção do docente que essas estratégias fazem sentido para a sua prática.

A formação continuada para esse público especificamente na área das NTIC’s pode representar um salto qualitativo no Ensino Superior, pode ser sinônimo de avanço no processo de ensino e aprendizagem e de proximidade dos estudantes com seu professor e com o conhecimento a ser construído. É salutar dizer que é necessário trazer algumas questões à tona quando se faz reflexões acerca da formação continuada, e sobre isso Oliveira argumenta que:

“Ao se analisar a prática pedagógica do professor, devem ser levados em conta os valores que ele traz consigo, não perdendo de vista as condições determinantes de sua existência e, principalmente, a concepção político-pedagógica que norteou seu processo de formação. Não trazer esses componentes à tona é deixar de perceber, entre outras coisas, a multiplicidade de elementos políticos, econômicos, culturais, ideológicos e pedagógicos que definem a prática do professor. Dessa forma, não se pode buscar apreender sua prática apenas pelos comportamentos que demonstra em sala de aula. É preciso ter a compreensão de que as intervenções do docente na escola (*locus* primordial de sua prática profissional) representam um dos momentos de uma dimensão muito maior, de sua *práxis* como sujeito histórico e determinado” (Oliveira, 2010, p. 85).

Percebe-se que o autor está chamando a atenção para fatores contundentes quando se está tendo a práxis pedagógica como elemento de análise, pois, sua ação é imbuída de subjetividade, de historicidade, de experiências, de ideologias e concepções que fazem parte de seu “EU” profissional, que os tornaram o profissional que ele é, porém, o profissional da educação deve ser aberto a novas ideias e possibilidades de atuação docente, pois ficar preso a mesmice pode ser perigoso para sua profissão, visto que a educação é uma das áreas que mais passa por mudanças e necessita de docentes e de especialistas que acompanhem o ritmo das mudanças local e mundial no que tange ao fazer docente e ao aprendizado. Na fala do **Docente 3** é possível verificar esta necessidade de identificação por parte do professor: *“Fazer com que o docente associe essa compreensão dos saberes a sua prática é fundamental. Acho que essa construção só pode ocorrer quando o docente percebe que esses conhecimentos, essas estratégias fazem sentido para a sua prática. Fazer essa identificação acho que é o grande desafio. Tanto da universidade como do próprio docente na medida em que ele busca a formação continuada de si própria”*.

Nessa linha de pensamento, Dias acrescenta que:

“A formação inicial é o primeiro estágio de uma formação continuada e deve ser entendida como autoformação vivenciada cotidianamente ao longo da vida profissional do docente. Precisamos atentar para o fato de que por melhor que seja a formação inicial ela jamais conseguirá abarcar em seu currículo as novas temáticas incorporadas à educação trazidas pelas constantes mudanças vividas pela nossa sociedade” (Dias, 2012, p. 39).

A autora deixa claro que a formação inicial não dá conta de todas as demandas e mudanças sociais com as quais o docente deve lidar em seu fazer diário ao longo de sua atuação e que a formação continuada deve ocorrer durante toda a vida profissional do mesmo. Portanto, como afirma Martins (1991), o aperfeiçoamento contínuo dos professores é essencial para que o sistema educativo consiga graus maiores de eficiência e se integre nas mudanças sócio-culturais, tecnológicas/telemáticas/informatizadoras/científicas da sociedade, posto que, esses são os setores que mais avançam e trazem gritantes mudanças para a sociedade como um todo.

Assim, a formação continuada na área da tecnologia, telemática e informática é essencial para o corpo docente universitário, principalmente na formação dos novos docentes, pois como a formação inicial não dá conta de tudo, os programas de pós-graduação *strictu sensu* também não dão conta de instruir e habilitar os mestres e os doutores no que tange ao uso adequado das NTIC's. Desta forma, cabe as instituições de ensino promover a formação continuada docente, no entanto, os docentes da instituição pesquisada referem que muitas vezes ela não ocorre ou ocorre de forma inadequada, conforme percebemos na fala do **Docente 2** e **Docente 4** observa-se, respectivamente: *“Então, é preciso esse olhar das instituições para as novas tecnologias enquanto ferramenta*

da formação do docente. Essa formação continuada, ela precisa ter um olhar maior e ter um investimento maior”; “Nas formações que são oferecidas, eu vejo que, nas poucas formações que são oferecidas na área, existe um saber teórico que transmitido para esses docentes, mas que muitas vezes esses esse saber não se materializa na prática”.

Visando a garantia de uma educação e ensino superior de qualidade, a Universidade Federal do Amazonas implementou no ano de 2013, por meio da Pró-Reitora de Ensino de Graduação (PROEG), o “Programa Institucional de Formação Docente: formação continuada de professores da educação superior, ” este aprovado conforme resolução nº 011/2012-a- CEG/CONSEPE e, no tocante a formação continuada a Instituição revela que:

“A questão da “formação continuada, conhecimento e aprendizagem” será focalizada como o tema das conferências; as oficinas temáticas serão centradas na questão do “fazer pedagógico universitário e a educação no século XXI”. Tais questões decorrem do eixo temático um do programa que se refere à “preparação pedagógica dos professores do ensino de graduação para elaboração / formulação / avaliação e acompanhamento do projeto pedagógico do curso e seu currículo (...)”. O programa aposta no diálogo com os professores para a busca coletiva de caminhos consequentes, que possam consolidar a democratização do direito à aprendizagem significativa no ensino superior” (Universidade Federal do Amazonas, 2015).

Embora o programa de formação continuada desenvolvido por essa academia não seja especificamente em NTIC's, pode ser que a temática esteja inclusa, visto que, as “temáticas serão centradas na questão do “fazer pedagógico universitário e a educação no século XXI” e, mesmo que não esteja, é salutar dizer que essa Instituição percebeu e reconheceu a necessidade de promover a formação continuada para seus docentes e, independentemente de ser em Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, ela está preocupada com a desenvoltura didático pedagógica de seu corpo docente, estes que formam futuros professores para atuarem em todas as áreas, níveis e modalidade de ensino.

Marachin, ao desenvolver uma pesquisa de campo de cunho qualitativo sobre a Formação Continuada de docentes do Ensino Superior em duas universidades comunitárias no estado de Santa Catarina, a Unochapecó e a UNESC, constatou que:

“Os esforços institucionais para promover ações de formação continuada se fortalecem a partir dos indicadores de resultados que emergem da avaliação institucional. Os compromissos institucionais presentes na missão das universidades transversalizam as diferentes ações tanto no ensino e na pesquisa quanto na extensão. Os programas de formação continuada procuram atender às demandas gerais e específicas dos docentes. São esforços institucionais, que buscam produzir “mudanças possíveis”, em âmbito coletivo e individual, traduzidos em ações que decorrem de inquietações vividas pelos discentes, docentes e gestores e se caracterizam por momentos de trocas, de inquietações e de contradições” (Marachin, 2012, p.6).

Fica mais do que evidente no trabalho dissertativo da pesquisadora que a Formação Continuada é mais do que necessária também no Ensino Superior, pois a academia, assim como a escola, é lugar de construção do conhecimento, não o conhecimento formador do cidadão comum, mas sim, o conhecimento formar de profissionais que atuaram na sociedade em várias áreas e setores e, que para isso, necessitam de terem seus interesses, angústias, necessidades e opiniões levados em consideração na sala de aula, assim como também sua particularidades na forma e maneira de aprender e de compartilhar e socializar o conhecimento construído com os demais colegas estudantes

E é neste prisma que surge a necessidade da formação continuada para docentes da Educação Superior em NTIC's, isso porque, nos dias de hoje, a forma de sociabilidade de conhecimento e informações dos jovens estudantes do ensino regular e de graduação se dá por via tecnológica por intermédio dos mais variados e sofisticados aparelhos. Desta forma, o docente universitário deve estar atento e apto ao uso das NTIC's e suas ferramentas e recursos como possíveis instrumentos didáticos metodológicos em sua prática docente cotidiana. Mas isso ainda não é uma realidade, conforme é destacado pela **docente 8**: *“Com relação a formação, primeiro é assim, de formação, de fato, que é a que eu tive, pelo menos, na graduação, na pós e no mestrado praticamente em nada se falou em tecnologia. Ainda a academia é uma ilha com relação a isso. Inclusive aqui, e olha que aqui tem muita coisa mudada”*.

Ainda nessa linha de raciocínio, Mercado diz que:

“A integração do trabalho com as novas tecnologias no currículo, como ferramentas e mídias, traz uma reflexão sistemática acerca de seus objetivos, de suas técnicas, dos conteúdos e seus pré-requisitos. A adoção da internet pelas escolas provocará mudanças no processo de ensino-aprendizagem, com sequente questionamento dos métodos didáticos tradicionais e redefinição do papel do professor e de sua interação com os alunos. [...]. Essas mudanças, produzem uma profunda alteração curricular, em que os conteúdos acumulados pela humanidade serão os objetos do conhecimento, mas os novos problemas e os projetos para suas soluções comporão os procedimentos e atividades que serão avaliados pelas escolas para constatar sua eficácia. Para inovações novos instrumentos serão necessários, entre [...] a formação do professor para o domínio das novas tecnologias” (Mercado, 1999, p.15).

O autor chama a atenção para o fato de que com o surgimento de novas e avançadas tecnologias, surgem também novos e complexos problemas de ordem prática, técnica e social e, o docente deve estar preparado para nortear seu aprendiz para enfrentar e desenvolver possíveis soluções para solucionar tais desafios.

Nos dias atuais, a sociedade mundial vive uma realidade cibernética que se renova a cada dia, realidade que não está limitada, mas a penas as camadas mais abastardas

financeiramente da sociedade, mas praticamente em todas as partes e comunidades mundiais e é neste sentido que Freitas afirma que:

“As práticas de formação continuada possuem uma “dinâmica própria”, e como tal devem ser abordadas. O eixo reflexivo sobre formação continuada está direcionado, prioritariamente, para as modalidades de transposição dos conteúdos da formação e sua relação com determinadas “epistemologias escolares”. As práticas de formação continuada não contribuem apenas para transformar os “saberes de referência” das ciências em “saberes escolares”, mas também contribuem para gerar/ consolidar/transformar os próprios ideais de escolarização. [...]” (Freitas, 2005, p. 24).

É dever do Estado ofertar aos docentes de todos os níveis e modalidade de ensino, programas de Formação Continuada, pois é por meio da Formação Continuada que, não só o docente, mas também todos os profissionais da educação, têm um espaço e um tempo específico para adquirir outros saberes, assim como também, para refletirem sobre a educação, o ensino e a realidade social e, acima de tudo, sobre sua prática pedagógica. Em Oliveira, encontra-se o seguinte esclarecimento:

“O compromisso político não negligencia a competência pedagógica, como se fossem situações desejáveis, porém excludentes. A competência profissional talvez seja o primeiro político que o professor deva assumir para a transformação da sociedade. Será por meio de sua competência que ele formará outros sujeitos críticos, detentores de conhecimentos que historicamente vêm sendo negado às classes trabalhadoras” (Oliveira, 2010, p. 86).

Os governantes têm a incumbência de garantir a formação inicial e continuada do professor, esse é um dever político ligado às políticas públicas educacionais, porém, como sustenta Oliveira, o docente também tem dever político, pois este, ao se posicionar cotidianamente em meio ao seu fazer pedagógico em relação a uma dada concepção, cresce, ideologia, valores e de modelos de ensino está se posicionando politicamente acerca da formação de um sujeito aptos ou não para viver em uma sociedade que vem apresentado a cada dia novos conflitos, novas necessidades e demandas.

Atualmente se presa muito a formação para a cidadania, para a solidariedade, para o respeito e a harmonia entre todos que compartilhem ou não as mesmas convicções e ideais, por isso é dever também do professor conhecer a realidade da comunidade onde trabalha, das famílias e das crianças, jovens e adultos com os quais mantem um relacionamento de ensinante e aprendente.

O docente tem o dever político de zelar pelo desenvolvimento físico, emocional e cognitivo de seu aprendente, dando-lhe a oportunidade de intervir nos problemas de ordem sociais de forma crítica reflexiva e construtiva e, para que isso ocorra, devem ser levados em conta, no processo de ensino e aprendizagem, os entraves latentes oriundos da nova realidade, da sociedade da informação, pois é necessário que o professor saiba como lidar com as diversas possibilidades de problemáticas ligadas às NTIC's na sala de aula, já que,

atualmente praticamente todos os estudantes tem acesso a novos e sofisticados aparelhos tecnológicos.

Mas, para que esse profissional se sinta capacitado, competente e habilitado para lidar com qualquer tipo de problemática relacionada ao uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, ele precisa ter acesso a uma formação específica na área. Nos dias atuais, docentes de todos os níveis e modalidades de ensino se sentem constrangidos pelo uso dos aparelhos e das ferramentas tecnológicas em suas salas de aula, pelo fato de não dominarem e/ou pelo simples fato de que há estudantes universitários, por exemplo, que tende a testarem, a medir os conhecimentos de seu mestre por via dos mesmos.

No primeiro semestre do ano de 2015, o estado de Pernambuco aprovou a lei 15.507, lei essa que regulamenta o uso de aparelhos celulares no ambiente escolar, ou seja, os estudantes não poderão usar seus aparelhos na sala de aula sem que o professor apresente uma proposta pedagógica, isto, sem que seja para desenvolver atividades pedagógicas apresentas pelo docente. Caso algum estudante descumpra a lei, poderá ser punido, cabendo aos gestores das escolas informar sobre a proibição, assim como também esclarecer quais as formas de uniões cabíveis para quem desrespeitar a referida lei estadual.

A pergunta que fica é: será que algum docente solicitará a seus alunos o uso do aparelho celular para fins pedagógicos na sala de aula? O docente universitário deve não apenas ter competência e habilidade com relação as NTIC's em sua vida pessoal, mas também fazer uso das mesmas de forma lúdica e pedagógica no ambiente de trabalho, para isso, uma das dimensões universitária deve ser priorizada, essa dimensão é a do ensino, de forma que a pesquisa e a extensão não sejam relegadas a segundo plano como vem sendo o ensino.

Dentro dessa linha, Maraschin (2012), ao tratar da Formação Continuada para docentes universitários explica que há uma maior priorização por parte das Instituições de Ensino Superior a uma das três dimensões, ensino, pesquisa extensão, ou seja, as universidades tendem a priorizar a pesquisas em detrimento do ensino e da extensão, de acordo com essa pesquisadora, as decisões acerca do que deve ser priorizado na educação superior são tomadas de acordo com a vontade política inerentes aos desafios do mercado.

Na opinião Oliveira (2010), a incompetência pedagógica do docente articula-se com os interesses político-sociais ideológicos das classes dominantes como forma de detenção dos movimentos e lutas sociais por equidade e justiça social. A Formação Continuada é indispensável para os docentes não só por conta dos saberes teóricos que estes podem ter acesso, mas também pelo fato deles estarem mais uma vez na posição de aprendente,

vivenciando experiências e compartilhando sentimentos e objetivos pessoais e profissionais que tendem a aproximar todos os envolvidos naquele contexto de construção que vai além da construção do saber, perpassando a construção de laços afetivos, de cooperativismo, solidariedade.

Assim, o processo formativo deverá propor situações que possibilitem a troca do saber entre professores, mediante projetos articulados de reflexão conjunta, pois trata-se de uma experiência que ultrapassa a dimensão profissional. Porém, a Formação Continuada como parte desse processo pode nortear futuramente o docente a trilhar um caminho de maior proximidade, solidariedade e afetividade para com seu alunado, principalmente os do Ensino Superior que tendem a manter uma certa distância do graduando (Maraschin, 2012).

Para Costa (2010) vários são os aspectos que afetam e influenciam o professor como pessoa, à medida que aprende. Esse processo de aprendizagem e de desenvolvimento pessoal e profissional precisa ser compreendido de maneira a reconhecer como os professores aprendem na qualidade de pessoas adultas. As atividades profissionais dos professores os levam a se envolver com situações de aprendizagens formais e não formais. Assim, reconhecer que os professores são sujeitos aprendentes, requer explorar os modos pelos quais eles adquirem novas formas de pensar o ensino e a aprendizagem.

Por essa razão, deve-se ser considerada a importância da Formação Continuada em NTIC's, pois durante o processo de formação nessa área, ele poderá, sem medo e sem constrangimentos, expor suas necessidades de aprendizagem, suas concepções acerca das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, suas frustrações e os possíveis conflitos com os estudantes por conta de seu desconhecimento e falta de habilidades para fazer uso adequado das mesmas no contexto do ensino e aprendizagem.

É salutar dizer também que o professor universitário deve estar comprometido e familiarizado com as NTIC's, interagindo de forma prática e competente com os mais variados aparelhos tecnológicos, suas ferramentas e seus recursos, isso porque, atualmente toda a nação mundial vive em meio à sociedade do conhecimento, fato que vem a cada dia exigindo mais e mais preparação, capacitação de todos os sujeitos da sociedade e em particular dos docentes, visto que são estes os que formam e preparam crianças, jovens e adultos para enfrentarem as mudanças socioeconômicas e culturais de cada época histórica da humanidade.

5.4. Formação Discursiva: Acesso e utilização das NTIC's no cotidiano docente

O acesso e utilização das NTIC's no cotidiano docente apresenta como formação discursiva a atuação dos professores frente ao uso das NTIC's. A partir da análise do *corpus* das entrevistas foi possível verificar que no cotidiano escolar destes docentes eles não costuma utilizar estas tecnologias em seu cotidiano docente, conforme o Quadro 2 que apresenta os fragmentos de respostas dos docentes pesquisados.

Quadro 2. Apresentação de excertos das entrevistas dos docentes agrupados na FD “Acesso e utilização das NTIC's no cotidiano docente”

Professor	Excertos das entrevistas
D1	Esses professores ainda não estão fazendo uso adequado desses materiais em sala de aula, numa perspectiva pedagógica. E muitas universidades, falando especificamente do ensino superior, eles ainda não estão utilizando os ambientes virtuais de aprendizagens (AVAs), de uma maneira adequada. Num primeiro momento eu vejo com certo distanciamento. Ainda existem muitas carências, muitas lacunas. Quando essas atuais tecnologias são utilizadas ainda são utilizado numa perspectiva muito restrita. É algo muito técnico.
D2	Infelizmente tem instituição que não tem o material. Eu por exemplo, que acredito muito nessa ferramenta, eu comprei todo esse material. Trago o meu computador. Trago minha caixa de som. Trago o meu <i>Datashow</i> .
D3	Hoje o papel que a escola tem tido efetivamente na formação de professores, na informação e na disponibilização de informação dessas tecnologias tem sido muito restrito. Até da própria universidade pois acredito que culturalmente isso não foi ainda apropriado pela universidade e pela escola básica. Então, são poucos os professores que conseguem fazer uso das novas tecnologias.
D4	Eu diria, há uma aproximação, mas, as vezes, não há uma prática de utilizar. Mesmo estando próxima, às vezes, existe uma certa dificuldade no manuseio. Então, existe uma séries de equipamentos que muitas vezes nem chega ao alcance nem ao conhecimento de toda comunidade acadêmica.
D5	Depende da instituição. Algumas instituições elas já disponibilizam o material tecnológico para a gente utilizar em sala de aula. Material tecnológico não se resume apenas ao computador e o <i>Datashow</i> .
D6	Hoje a maioria dos professores têm em mãos um <i>Datashow</i> , um notebook e, geralmente, para nisso. As outras tecnologias, na realidade, a gente ainda não tem muito alcance.
D7	Aqui na universidade, eu não vejo dificuldade, por conta dos alunos, em trabalhar com as novas tecnologias. Inclusive até porque eu trabalho muito. A própria universidade em si também, ela tem os equipamentos ofertando para que o aluno ele tenha interesse em aprender a usar.
D8	Eu vejo das conversas que eu tenho com as pessoas é muita dificuldade de fazer essa atuação.

Observa-se no Quadro 2 que o uso da tecnologia é precário no cotidiano destes docentes, principalmente pela falta de suporte material da instituição de ensino. O uso das NTIC's é um assunto recorrente na sociedade e no mundo acadêmico, este é um processo em constante avanço nos processos diários do fazer humano, seja no papel de aluno ou docente.

No meio académico devido as constantes mudanças vivenciadas na sala de aula a partir da utilização de novos recursos em prol do aprendizado, as Instituições de Ensino devem garantir ao corpo académico o acesso às tecnologias, conforme observamos no discurso do **Docente**.

Dessa forma, algumas instituições buscam cada vez mais aparatos tecnológicos que viabilizem esse processo. Atualmente, por exemplo, algumas instituições de ensino usam no cotidiano escolar as lousas digitais e canetas especiais, *Datashow*, computador e acesso a internet. Esse novo aparato tecnológico é, “na verdade, um grande monitor conectado a um computador. Sua superfície é sensível ao toque e, dessa forma, quando alguém mexe no quadro, o computador registra o que se fez, graças a um programa apropriado” (Abreu, 2010, p. 02). A caneta por sua vez, serve como meio para o registro do que o professor escreve na lousa, escrita essa que pode facilmente ser gravado e disponibilizado no computador do aluno.

É perceptível que a introdução desses novos recursos tecnológicos em sala de aula traz consigo mudanças metodológicas, técnicas e estratégicas na interação do professor com o aluno, promovendo assim alterações no cotidiano escolar, uma vez que ambos têm a seu favor uma nova ferramenta que está quebrando paradigmas, acabando com a dualidade entre o ato de escutar e/ou o de escrever o que é dito pelo professor.

Assim, a utilização dessas e de outras ferramentas tecnológicas pode trazer ao cotidiano escolar mudanças significativas, isso porque conseqüentemente ocorre alteração na dinâmica cotidiana da escola, na relação afetiva entre o mestre e o aprendiz, entre este e os demais de sala de aula e entre o aprendiz e o objeto de conhecimento, podendo assim repercutir em um salto qualitativo na assimilação dos discentes em relação aos conteúdos ministrados pelo docente.

É possível inferir pelos discursos dos **Docentes 2** e **Docente 5** que a utilização das tecnologias não é enfatizada na formação docente, nem estimulada no cotidiano escolar pelos próprios docentes entrevistados.

Isso reforça a falta de importância dada pelas Instituições de Ensino ao uso da tecnologia na sala de aula, ou seja, a disponibilidade de equipamentos de informática nas próprias salas de aula. É de suma importância compreender em que contexto escolar se utiliza as NTIC's, além de compreender também o que se denomina por cultura escolar. Para estudar a cultura escolar faz-se necessário analisar as relações mantidas por ela como conjunto de culturas a ela contemporâneas, que são: cultura religiosa; cultura política e cultura popular. Segundo Julia, cultura escolar é “[...] um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *prática* que permitem a

transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos [...]” (Julia, 2001, p.10).

Nesse sentido, é possível dizer que apesar desses conhecimentos e comportamentos ensinados e inculcados estarem em consonância com os interesses da sociedade, e mesmo buscando apoio nos métodos e conceitos da sociologia, a cultura escolar da Instituição de Ensino investigada carrega em si os mecanismos de seleção e exclusão social que abre margem para se estabelecer à discriminação, seja ela política, religiosa e/ou popular, ficando esta em desencontro com princípios sociológicos que deveria ser o pilar da cultura escolar.

As normas e práticas não podem ser analisadas sem levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores. Observa-se que não é tão simples a compreensão dos ritos e práticas culturais, ainda mais quando dizem respeito ao seio escolar, uma vez que estes vão além dos limites da escola, pode-se buscar identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização.

Isto é, a cultura escolar/cultura da escola é consolidada por meio de um sistema normativo imbuído de teorias, concepções, conceitos e crenças que vêm ultrapassando os tempos, logo, qualquer que seja a linha de pesquisa sobre estas, o pesquisador deve ter cuidado para não desenvolver o mesmo sob falsas premissas.

Os estudos sobre a cultura escolar tiveram início em meados da década de 1990 por alguns autores europeus podendo ser compreendida como sendo:

“[...] um conjunto de teorias, idéias, princípios, normas, pautas, rituais, inércias, hábitos e práticas (formas de fazer e pensar, mentalidades e comportamentos) sedimentadas ao longo do tempo em forma de tradições, regularidades e regras de jogo não postas em contradição, e compartilhada por seus atores, no seio das instituições educativas” (Perez, 2006, p. 15).

Nesta concepção, a cultura escolar vislumbra aspectos institucionais, pois toda e qualquer instituição, seja ela pública ou privada, é imbuída de princípios de gestão e de ideologias compartilhadas historicamente pela sociedade. Candau (2006) entende que o conceito de cultura escolar é polissêmico, uma dimensão que marca de modo significativo e confere identidade aos grupos sociais, expressando-se em seus modos de vida, de agir, de sentir, de interpretar o mundo, de se relacionar, etc. Logo, a questão cultural não é vista de modo isolado, mas sim no contexto de suas interações com outras dimensões: a ideologia, política, social, econômica, sem deixar de reconhecer, contudo, que a valorização das

contribuições das diversas identidades culturais é significativa e necessária para a construção de sociedades mais justas e solidárias.

Seguindo essa linha de pensamento, compreende-se que o conceito de cultura escolar/cultura da escola, não se reduz ao entendimento da mesma como sendo uma dimensão estática, pois como o mundo contemporâneo se revela a cada dia mais complexo e são vivenciados constantes avanços significativos em muitas áreas da sociedade, essa dimensão cultural da sociedade tem sido alvo de inúmeros conflitos e debates que têm norteado alguns teóricos da atualidade a perceber a cultura escolar/cultura da escola como sendo uma construção sócio-histórica que, assim como a própria visão de mundo do homem, também passa por mudanças e rupturas.

Além disso, adotando as contribuições de Koff (2006) “a cultura escolar se refere aos conhecimentos intencionalmente trabalhados na escola, de modo especial, na sala de aula e supõe uma seleção entre os materiais disponíveis em um determinado momento histórico e social” percebesse que há organização, regras e pautas que terminam por nortear a dinâmica cotidiana da escola.

A instituição escolar é um lugar onde a aquisição e a assimilação do conhecimento escolar e da cultura socialmente construída ao longo da história da humanidade, exigem dos sujeitos (comunidade escolar) uma capacidade de lidar com eventuais situações não rotineiras, isto é, com eventos que aumentam a dinâmica das relações, das interações e até mesmo da práxis docente. É aí que se encaixa o cotidiano escolar, pois ele é uma dimensão sistêmica, cuja relação com esses conjuntos de teorias, ideias, rituais comportamentos, hábitos, mentalidades, práticas entre outros, se dá por meio de diálogos, aproximações e distanciamento, trocas e rupturas.

Nessa linha de pensamento, Oliveira alega que:

“...o profissional, no seu fazer cotidiano, traz um conhecimento que utiliza para a solução de diferentes questões. É um conhecimento tácito ou um conhecimento na prática. Neste sentido, ele formula sua perspectiva teórica em torno de alguns aspectos: primeiro, o conhecimento na prática ocorre na medida em que o profissional coloca para si as questões do cotidiano como situações problemáticas, reflete e busca uma interpretação para aquilo que é vivenciado, segundo, a reflexão na prática ocorre quando o profissional reflete ao mesmo tempo em que está vivenciando uma determinada situação, assim, ela faz uma reflexão sobre a ação que permite uma reorientação desta no momento em que se está vivendo e, por fim, em terceiro, a reflexão sobre a reflexão na ação, em que se dá um processo mais elaborado, no qual o próprio profissional busca a compreensão da ação, elabora sua interpretação e tem condições de criar alternativas para aquela situação reflexiva na prática, sobre a prática” (Oliveira, 2009, pp. 147-148).

Trazendo a questão do uso das NTICs para a sala de aula, é possível supor que existem inúmeras dificuldades a serem enfrentadas no seio educacional, pois a cultura escolar/cultura da escola apresenta enormes dificuldades em abrir-se para o novo.

A escola é um espaço social onde, mesmo que haja orientações para a introdução de inovações, mudanças, modificações que interfiram direta ou indiretamente na dinâmica do cotidiano escolar, nada, absolutamente nada, deve ser imposto a esse ambiente social e a seus sujeitos sem que antes sejam problematizadas, por exemplo, a habilidade e a competência do corpo docente, dos gestores, do quadro de profissionais que atuam em conjunto *in locus*, isso porque, o novo deve ser antes de tudo debatido, analisado e questionado para poder ser aceito, incorporado, apreendido e trabalhado junto aos discentes.

Para tanto, faz-se necessário, que os membros da escola estejam atualizados, que participem de formação continuada, que busquem esforços para superarem o peso da cultura escolar/cultura da escola, transgredindo, muitas vezes, o regime próprio da gestão e de ideologias simbolicamente construídas no imaginário social, o cotidiano escolar e a práxis docente carrega em si:

“[...] o peso da cultura escolar/ cultura da escola, funcionando como orientadoras da prática, que muitas vezes eliminam a possibilidade da práxis, no sentido de ter o conhecimento da teoria, levar a teoria à prática e refletir sobre a nova (em tese) prática orientada pela teoria. Assim, os modos próprios de regulação e de transgressão, o regime próprio de gestão e produção de símbolos, que configuram a cultura da escola, assim como o conjunto de conteúdos cognitivos e simbólicos selecionados, normalizados e rotinizados se configuram na cultura escolar, são amalgamadas para resistir a novos conteúdos e novos símbolos [...]” (Candau, 2006, p. 173).

O novo pode provocar estranhamento e até certo distanciamento, que terminam por dificultar a implantação do mesmo. Perrenoud (apud Lima, 2004, p. 173) esclarece que quando se trata de modificar as práticas pedagógicas, o sujeito confronta-se com resistências ativas ou com as estratégias de fuga de atores suficientemente autônomos e hábeis para rejeitar – aberta ou secretamente – qualquer inovação vinda de fora, pelo menos se não tem a possibilidade e o poder de apropriar-se delas e de reconstruí-las em seu contexto. As representações, as práticas e as culturas profissionais não mudam por decreto. Assim, observa-se a necessidade do docente se predispor a vivenciar o novo, pois não basta que um novo projeto político educacional seja implantado, antes é necessário que o corpo docente o tome como proposta também de sua práxis.

Perez (2006) explica que as instituições educativas são projetos arquitetados e desenvolvidos a partir de quadros socioculturais, assim, a cultura escolar/ cultura da escola é um ambiente constituído de experiências individuais e coletivas, de representações culturais simbólicas construídas ao longo da história social, de anseios e utopias que são compartilhados na dinâmica das interações interpessoais no dia-a-dia desta comunidade.

O uso das tecnologias não é algo novo nem no meio social nem no seio escolar, porém como o homem atual tem a destreza de desenvolver novas e sofisticadas tecnologias

temos a impressão de que as tecnologias surgidas há algum tempo atrás não é mais uma tecnologia. Esquecemos que o livro, a lousa, o papel, o lápis, o giz já foram considerados objetos tecnológicos inovadores, e que eles trouxeram mudanças para a escola, para sala de aula, movimentando assim a dinâmica do cotidiano escolar e seus agentes.

A tecnologia, não é apenas um recurso favorável ao processo de ensino e de aprendizagem, mas é parte da cultura e, como parte cultural, a mesma sempre propicio e ainda propicia extremas mudanças, no espaço e no tempo, no cotidiano escolar, nas relações interpessoais dos sujeitos que compõem a comunidade escolar e da escola com a sociedade na qual se encontra inserida, por isso Lefebvre ensina que:

“O tempo é o tempo de mudanças. Não aquele de uma simples modificação local, parcial, mas o tempo das transições e dos transitórios, e dos conflitos, da dialética e do trágico. [...] O tempo não tem estrutura. [...]. O tempo, esse tempo em questão, com sua fluidez e sua continuidade, com sua lentidão (cheia de surpresas e de suspiros, de debates e de silêncios, suntuosa, monótona e variada, tediosa e fascinante), [...]. A história de um dia engloba a do mundo e a da sociedade” (Lefebvre, 1968, p.8).

Assim, os acontecimentos no tempo e no espaço interligam-se e repercute em toda parte do globo terrestre, interferindo assim no dia-a-dia da sociedade em geral. Por exemplo, as políticas sociais implementadas em um determinado país, em um dado momento sócio-históricos, terminam por interferir não só na vida cotidiana dos cidadãos locais, como também, das demais nações de forma direta ou indiretamente, principalmente nos dias de hoje, os quais são regidos pelo modelo econômico neoliberal que tem interligado praticamente todos os países.

Um exemplo tácito disso é a globalização, isso porque, a lógica da globalização é baseada no capitalismo, modelo econômico que vem interligando os povos de quase toda parte do mundo, isso por ser um fenômeno econômico, social, cultural e político que permite articulações políticas ideológicas entre diferentes países, articulações essas que interferem diretamente no modo de viver, de produzir, de construir e de adquirir conhecimento, assim pode-se afirmar que a dinâmica cotidiana dos sujeitos passa por várias interferências.

Quando se fala sobre o cotidiano no seio escolar, não é diferente, pois a escola, a sala de aula e qualquer outro espaço educativo tem uma dinâmica própria, que lhe é peculiar, ou seja, são espaços de renovações, de etapas, de momentos compostos de momentos de passividade e criatividades concomitantemente.

Incorporando as NTIC's no cotidiano escolar como elementos facilitadores do processo de ensino e de aprendizagem, o docente poderá estar criando um gancho motivador e, assim dinamizando o processo de aquisição do saber. Logo, estar-se-á também corroborando para com a quebra da mesmice de um cotidiano que pode ser estagnado. Como descrito por Pais:

“[...], o cotidiano não é apenas o espaço de realização de atividades repetidas: é também lugar de inovação. A vida quotidiana não é apenas feita de rebotalhos. A própria recusa do cotidiano (a festa, as viagens, as férias ...) é a sua reorganização e transformação. [...] Compete à sociologia da vida quotidiana revelar a riqueza oculta desse outro cotidiano sob a aparente pobreza e trivialidade da rotina, ou como bem referiu Lefebvre, “alcançar o extraordinário do ordinário” (Pais, 1968, p.14).

Destarte, o cotidiano é repleto não só de ações repetidas, mas de inúmeras inovações, pois o próprio ritmo diário incita a busca pelo novo, pelo desconhecido, e na escola não é diferente, a grande maioria dos estudantes, seja do Ensino Infantil ao Ensino Superior, não se sentem atraídos pelas instituições de ensino que não apresentam novas possibilidades de construção do conhecimento, que não têm um corpo docente qualificado de acordo com as novas demandas sociais e mercadológicas.

No discurso do **Docente1** observa-se que alguns professores encontram resistência ao uso das NTIC's.

As escolas, as universidades e as faculdades devem atualizar-se, assim como também os docentes, tanto no que diz respeito aos aparatos tecnológicos quanto aos procedimentos técnicos metodológicos de ensino, pois as NTIC's por si só não representam melhorias e avanços no setor educacional, logo, não são sinônimos de criação/recriação, de pensar/repensar, de fazer/refazer as ações cotidianas de forma a provocar e alcançar o “extraordinário”, não adianta ter as mais novas e sofisticadas tecnologias ao dispor do fazer pedagógico se o profissional da sala de aula não abandonar velhas e ultrapassadas metodologias de ensino (metodologias tradicionais pautadas no modelo Behaviorista de ensino), as quais representam um obstáculo para a aquisição do saber e a mesmice diária.

A comunidade escolar deve ter ciência de que:

“A vida quotidiana é também o espaço do ingovernável – de onde é possível surgir o imprevisível, o aleatório, o imprevisto. Portanto, não apenas é possível encontrar a aventura na rede de dependências, proibições e obrigações que constitui a quotidianeidade, como por outro lado, a par da rotina, existem na vida quotidiana zonas de turbilhões, de turbulências, onde também se cruzam os acontecimentos aleatórios. Sendo assim, mesmo que o “cotidiano” fosse identificado como ‘rotina’, teríamos de dar razão a Lalive d’Epinay quando sugere que “o cotidiano” não é mais que um aspecto da vida quotidiana, e isso porque as actividades produtivas e reprodutivas do quotidiano constituem um processo de dialéticas entre o acontecimento e a rotina. Não que queremos com isto dizer que a rotina não esteja presente no quotidiano. Contudo, do quotidiano faz também parte o excepcional, a aventura, o inesperado, o sonho. Que todos esses aspectos do quotidiano possam vir a ser objecto de rotinarização é outra história” (Pais, 1968, p. 16 -17).

Trazendo esse raciocínio para o âmbito escolar, pode-se afirmar que a instituição escolar e o corpo docente, deve entender que a escola, a sala de aula, e o contexto educativo são imbuídos de acontecimentos, eventos, regras que são constantes e inconstantes ao mesmo tempo, imprevisíveis e muitas vezes incalculáveis, e atualmente tem

acontecido muitos percalços dentro das escola e das salas de aula por conta do uso de aparelhos tecnológicos por parte dos aprendizes, uso este sem fim educacional, assim, esses acontecimentos vem causando conflitos graves entre quem aprende e que ensina.

O uso dos instrumentos e dos recursos tecnológicos pode representar uma ameaça tanto para as escolas como para os regentes, mas, por que o uso das NTIC's pode representa uma ameaça aos mestres? Seria pelo fato dos mesmos não terem ainda um conhecimento empírico sólido sobre novos e avançados aparatos tecnológicos? Ou seria simplesmente pelo fato dos docentes não reconhecerem as NTIC's como possível caminho para o acesso e construção do saber escolar cotidianamente? Ou seria ainda pelo fato de não haver ainda em nosso país a cultura de investimento na qualificação profissional tecnológica dos docentes, em particular, na esfera do Ensino Superior?

O que é possível de se afirmar é que o uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação pode representar não só avanços no que diz respeito ao modo de organização metodológica e didáticas dos conteúdos a serem ministrados em sala de aula como também a quebra da rotina, a ruptura, trazendo para a escola e para os sujeitos que dela fazem parte, possibilidades de enfrentarem novos problemas e desafios de forma criativa e menos comum.

Além disso, é oportuno dizer que ao usar as NTIC's na sala de aula o docente não estará apenas “inovando” sua prática pedagógica, mais também estará, de certa forma, preparando seu alunado para atuar de maneira ativa e prudente na sociedade contemporânea, esta que está totalmente impregnada de novos e sofisticados aparelhos tecnológicos, por isso a necessidade de haver o compromisso da escola tanto com a formação de um cidadão competente para fazer uso dos mais variados instrumentos tecnológicos quanto com formação ética desse mesmo cidadão no que se refere aos cuidados com o equilíbrio ambiental, para esse sujeito tenha, além da destreza no uso das mesmas, saiba usa-las de forma sustentável assim como também saiba fazer o descarte correto dos aparelhos quando não tiverem mais utilidades.

Fazendo um link entre a dinâmica cotidiana da sala e o uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação de ensino e de aprendizagem, esse contexto é constituído pelas esferas da afetividade, da moral, da política, da ética da cognição e da sociedade, o fazer pedagógico cotidiano atual, deve seguir as demandas e os avanços da sociedade contemporânea de forma a não mais formar um cidadão com capaz apenas de realizar leituras e a escrita de maneira mecânica. Infelizmente essa atualização não ocorre, como aponta o discurso do **Docente 5**.

A prática docente deve nortear o sujeito aprendente para a construção de um saber que ultrapasse a ideia de que um sujeito alfabetizada é uma pessoa que sabe ler e

escrever, pois uma pessoa em processo de aprendizagem, hoje, em qualquer nível de ensino, deve ser capaz de fazer uso do conhecimento adquirido na escola com competência e habilidade para resolver situações problemas e, isso só é consolidado por meio da metodologia, da didática e das técnicas de ensino desenvolvidas pelo docente de forma significativa cotidianamente, assim, quando ele faz uso das NTIC's nesse processo diário do seu fazer, poderá estar propiciando a esse sujeito a possibilidade de interferir positivamente na sociedade por ser um cidadão não apenas alfabetizado, mas, acima de tudo letrado.

5.5. Formação Discursiva: Dificuldades na adequação didática frente ao uso das NTIC's

As Dificuldades na adequação didática e as NTIC's apresenta como conteúdos formação do discurso a percepção negativa dos docentes quanto a adequação da prática pedagógica diante das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na sala de aula, o Quadro 3 apresenta as excertos das entrevistas dos docentes que mais se assemelham.

Quadro 3. Apresentação de excertos das entrevistas dos docentes agrupados na FD “Dificuldades na adequação didática e as NTIC’s”

Professor	Excertos das entrevistas
D1	A didática do docente ainda é presa a um modelo muito tradicional, a um modelo muito bancário que precisa ser rompido para que se utilize essas atuais tecnologias. Existe, sim, uma necessidade desse professor utilizar essas atuais tecnologias. Porém, esse professor não se sente apto a utilizar essas atuais tecnologias.
D2	A gente observa que o governo do estado daqui ofereceu os computadores para os alunos. Ofereceu também para os professores. E não houve realmente uma interação, não casou direito.
D3	Essa associação só vai ocorrer quando ele perceber que isso é importante e que ele seja instrumentalizado. Ele precisa conhecer essas ferramentas. Saber como elas devem ser utilizadas. E daí sim fazer o link com o seu dia a dia: essa aqui eu posso usar em tal aspecto da minha aula. Na medida que ele não conhece, pra mim, acho que ele não consegue ver essa ferramenta como um ganho para o seu dia a dia de trabalho.
D4	O docente, ainda, envolvido no seu processo de trabalho, no seu acúmulo de atividade, ele acaba por não receber essa formação. Essa formação continuada ajudaria ao docente utilizar melhor e conhecer melhor essa necessidade que os equipamentos, as novas tecnologias são para a formação e também para a sua prática enquanto docente, mas também pela necessidade que se tem de apresentar um trabalho mais rápido, de maior qualidade, maior efetividade e de maior eficácia.
D5	A nossa dificuldade é como utilizar os meios de comunicação que nós temos hoje em dia. É a questão de se adequar ao novo, a mudança. Em sala de aula nós temos disponíveis vários aparelhos que nós podemos usar como recurso em tecnologia. E nossa dificuldade é justamente na questão do uso. Como manusear esse aparelho. A gente precisa se adequar a realidade escolar.
D6	O grande problema é o professor ter esses instrumentos e saber manuseá-los. Hoje eu não consigo ver você trabalhar sem as tecnologias. A sociedade mudou. Os tempos mudaram. E elas existem. E todo mundo quer. Principalmente quem está em sala de aula quer utilizar das tecnologias.
D7	O professor como não sabe utilizar não faz. O aluno vai ter que aprender a mexer só com o computador, mas ele não aprende o que fazer com um computador. É onde entra a questão da inclusão digital. Ele tem que ter uma funcionalidade. E a gente não vê essa funcionalidade por parte do professor.
D8	Eu me formei e não tive nenhuma aula na faculdade que falasse sobre como utilizar as novas tecnologias em sala de aula.

Os discursos representados no Quadro 3 apontam que entre as dificuldades dos docentes em relação as NTIC’s estão a mentalidade do ensino tradicional, a resistência ao uso da tecnologia no cotidiano de sala de aula e falta de importância dada a estas ferramentas. Em dias atuais, muito fala-se sobre a urgente necessidade de formar cidadãos aptos para desenvolver atividade em qualquer setor do mercado de trabalho, especialmente, quando se fala da Educação Superior e, hoje as NTIC’s estão presentes, praticamente, em todas as esferas da sociedade mundial, fato que requer dos sujeitos contemporâneos o mínimo possível de conhecimento e competência, para manusear novos e sofisticados aparelhos que chegam, praticamente, diariamente ao mercado mundial para serem consumidos cada dia por mais e mais pessoas.

Desta forma, o que se espera das instituições de ensino é que seu corpo docente esteja preparado para usar e também para ensinar seu estudante a usar os aparelhos e os recursos tecnológicos na sala de aula. Entretanto, para que isso ocorra é fundamental que haja investimento por parte das instituições de ensino, assim como também que o docente esteja aberto para o novo e não apresente nenhuma forma de resistência e, a esse respeito André aclara que:

“A resistência constitui-se [...], em um conjunto de práticas que assumem um caráter de oposição, de negação, de rejeição por parte dos dominados, numa tentativa de barrar a dominação e de não perder sua identidade cultural. Seria impossível retomar aqui as considerações que esse enfoque nos possibilita, seja do “clima” institucional, seja da relação pedagógica de sala de aula ou da inter-relação de ambos” (André, 1995, p. 75).

Embora seja algo corriqueiro o uso dos novos e sofisticados aparelhos tecnológicos no seio escolar, esse uso se dá, na maioria das vezes, de forma não pedagógica, mais sim como ludicidade por parte dos estudantes, este que levam de casa para a escola, por exemplo, seus celulares, seus tablets, entre outros e, o uso dos mesmos, pode causar conflitos entre docentes e aprendizes, pois, muitos profissionais veem tal uso como uma afronta a si.

Tendo como base os escritos de Arroyo (1991), a teoria da resistência explica o processo de produção-reprodução cultural de forma simplista e reducionista, além de transmitir uma visão romântica das relações sociais [...] Mas, se Arroyo aponta a face negativa do referencial da teoria da resistência, outros autores, como Giroux (1986) e Silva (1992), revelam sua face positiva. Talvez o aspecto mais promissor desse referencial, dizem esses autores, seja o fato de destilar uma certa esperança pedagógica, ao mostrar que as atitudes e os comportamentos autoritários e dominadores, tão comuns nas atividades escolares, não são sempre recebidos de forma passiva e indiferente pelos dominados. Mas existem, por parte destes, movimentos, atitudes, reações que sugerem consciência da dominação e desejo de mudar, de criar uma nova ordem nas relações sociais.

Trazendo essa discussão apresentada para a questão do uso adequado ou não pelos docentes como um dos recursos didáticos de do processo de ensino, talvez própria resistência de alguns professores e gestores de escola possa ser respondida com o frequente uso de novos e sofisticados aparelhos tecnológicos na escola e, especificamente, na sala de aula, ato que é visto como falta de respeito e de afronta do estudante para com o regente por muitos dos sujeitos que compõem o seio escolar que ainda não têm ideia do quanto benéfico pode ser o uso das tecnologias durante as aulas como mais um recurso a favor da aprendizagem significativa.

Mas, por que será que muitos docentes sentem-se afrontados pelos aprendizes ao fazerem uso de seus aparelhos tecnológicos durante as aulas? Talvez seja por insegurança,

por não dominarem o uso dos mesmos, ou ainda, por não verem na tecnologia a possibilidade de inovação nos métodos e técnicas de ensino que pudessem facilitar a construção do conhecimento, elevando assim a qualidade do ensino e da aprendizagem, conforme é destacado no discurso do **Docente 5**.

Na maioria das vezes, a resistência ao uso das NTIC's é fruto exatamente da falta de conhecimento, da insegurança, do medo de parecer ser um professor analógico diante de seus alunos e, como explicou André acima citada, por medo de perder sua identidade cultural. O novo sempre assusta e rompe com a mesmice cotidiana em qualquer setor da sociedade, porém, a todo instante o ser humano é confrontado com novidades, com novas situações problemas, tendo que encontrar também novos meios para resolvê-las, ou no mínimo, mitiga-las.

Não é diferente no contexto escolar, pois os sujeitos que compõem a comunidade escolar são tão afrontados com as Novas Tecnologias quanto os demais, a diferença é que na vida diária comum, as pessoas fazem uso delas de forma “assistemática e não pedagógica”, o que torna esse uso, algo apenas lúdico, prazeroso, que dá ao usuário a sensação de bem-estar e de lazer.

Já no seio escolar, funcionários (gestores, coordenadores, professores, etc.) têm acesso as NTIC's como instrumentos necessários para a organização dos dados e documentos escolares e, atualmente, está havendo a necessidade de uso das mesmas também como recursos didáticos de ensino, isto é, na escola, hoje o uso das NTIC's está associada, não apenas ao contexto gestor, mas também à prática pedagógica cotidiana, pois o próprio contexto sócio-histórico-cultural interpõe essa necessidade ao sistema escolar.

Dentro desta linha, o que acontece dentro da escola é muito mais o resultado da cadeia de relações que constrói o dia-a-dia do professor, do aluno e do conhecimento e muito menos a atitude e a decisão isoladas de um desses elementos. Os anéis dessa cadeia ligam-se de várias maneiras aos anéis que compõem o todo institucional, o qual se articula de muitas maneiras com as várias esferas do social mais amplo (André, 1995).

Assim, a cultura social extra escolar, as novidades tecnológicas, as necessidades e avanços no mercado de trabalho, os interesses econômicos internacionais, as políticas econômicas mundiais, terminam por influenciar direta e/ou indiretamente dinâmica do cotidiano escolar, e, assim criam-se novas demandas e necessidades frente ao ritmo de constantes mudanças nos vários setores da sociedade mundial.

Por meio das palavras dos docentes investigados, percebe-se que o ritmo diário escolar é constituído por diversos sujeitos históricos e sociais que levam consigo para a escolar uma bagagem de experiências, conhecimentos, vivências e cultural que, de alguma

maneira, cruzam-se com as dos demais componentes desse contexto. Uns com mais experiências e conhecimento do que os outros em uma determinada área ou assunto. Outros detendo mais o conhecimento prático do que teórico, porém, todos devem estar abertos para o novo, para a troca de experiências, para conviver com a singularidade e com a diferença, assim como também, para buscar novos modos (de acordo com as necessidades de cada momento sócio-histórico-cultural) de construção do saber escolar.

E atualmente, o uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação parece ser algo necessário e indispensável na sala de aula como recursos didáticos pedagógicos facilitadores do aprendizado e, até da aproximação afetiva entre docentes e discentes, e entre discente e seus colegas de sala de aula.

Em suma, para que haja uma abertura para o novo por parte do corpo docente, é imprescindível que esses estejam preparados para aderir à mudança e, essa preparação é adquirida por meio da formação continuada. Não é fácil aceitar o novo, a mudança. A cultura da escola deve dialogar com a cultura dos atos sociais, que constituem a comunidade escolar como um todo, e com a cultura dos discentes, em caráter especial, para que o novo seja uma prática no cotidiano escolar.

Diante do exposto, é possível observar a partir das análises de conteúdo das formações discursivas que o docente tem a função primordial de organizar o ensino a fim de conduzir o aluno à construção dos conhecimentos. Neste processo, a escolha e o uso dos recursos didáticos tornam-se elementos importantes e cabe ao professor usar sua criatividade para definir os recursos que serão propostos ao aluno, para que este possa compreender os assuntos trabalhados visando a construção dos conhecimentos que se pretendem alcançar.

Diante da abordagem dos recursos didáticos, o docente deve encontrar a forma mais adequada de integrar as várias tecnologias e os procedimentos metodológicos. Sendo assim, o professor precisa estar apto a trabalhar com os recursos, neste caso, com as novas tecnologias. O docente deve reconhecer, especificamente, que os alunos estão inseridos no contexto social com novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs), e tais recursos são usados no seu cotidiano. Logo, deve lançar mão dos recursos disponíveis na cultura dos alunos, a fim que os mesmos vejam o ensino como algo dinâmico e atualizado.

Discorrer sobre a importância e a necessidade do uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação na educação básica atualmente já é um fenômeno aparentemente corriqueiro, porém o mesmo não ocorre com a Educação Superior, isso porque está subentendido historicamente que não há a necessidade de se problematizar nem a formação nem o fazer docente dos professores universitários, pois existe a ideia de que esses profissionais detêm a excelência da práxis docente.

Todavia, de acordo com Pachane e Pereira (2004) uma das críticas mais comuns dirigidas aos cursos superiores diz respeito à didática dos professores universitários, ou melhor, à falta dela. As autoras salientam ainda que a legislação brasileira sobre educação, mais especificamente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) é omissa em relação à formação pedagógica do professor universitário. Num acompanhamento detalhado dos diversos momentos de discussão da LDB é possível observar que na proposta inicial do então senador Darcy Ribeiro, a preocupação com a formação pedagógica dos professores universitários era contemplada: art. 74 – A preparação para o exercício do magistério superior se faz, em nível de pós-graduação, em programas de mestrado e doutorado, acompanhados da respectiva formação didático-pedagógica, inclusive de modo a capacitar o uso das modernas tecnologias do ensino.

No entanto, num processo de “enxugamento” do texto da LDB – além, é claro, das pressões feitas por diversos setores da sociedade cujos interesses podem ser contrariados com a exigência de maior capacidade docente -, omitiu-se do texto final a necessidade de formação pedagógica do professor universitário, configurando-se o texto final como segue: “Art. 66 – A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado. Assim, não encontramos amparo na legislação maior, a formação pedagógica dos professores universitários fica a cargo dos regimentos de cada instituição responsável pelo oferecimento de cursos de pós-graduação, refletindo, e ao mesmo tempo regulamentando, a crença na não necessidade de que esta formação seja oferecida (Pachane; Pereira, 2004).

Como é possível perceber, a partir de uma leitura histórica, a preocupação com a formação didático-pedagógica dos professores universitários foi revista e retirada do documento oficial que regula a educação em nosso país (LDB) e, atualmente a ideia que se tem é de que basta ter títulos de mestrado e de doutorado para ministrar excelentes aulas no Ensino Superior. Antes, porém de adentrarmos na questão, é salutar explicar a etimologia da palavra “docente”, que de acordo com Sales (2012, p. 23) e aclarada pelo dicionário Houassiss (2004, p. 1068), este que apresenta o termo docência como sendo um termo advindo do latim Docere (ato de ser docente) que tem como sentido ensinar, instruir, mostrar, indicar, dar a entender.

Desta forma, exercer a docência engloba várias perspectivas, perspectivas essas que ultrapassam o ato de ensinar, especialmente quando se trata do ensino superior, uma vez que estão sendo formados profissionais para atuarem junto à sociedade nas mais diversas áreas do mercado de trabalho público e privado, por isso o professor universitário deve estar atento as novas demandas da sociedade local e mundial, pois não podemos ficar a margem das inovações e das inquietudes que circulam nosso povo.

Assim, interligando essa questão ao uso das NTICs no Ensino Superior poderá ser possível vislumbrar um contexto que demanda muita atenção no que diz respeito ao uso das NTICs como recursos metodológicos de ensino no Ensino Superior. A tecnologia anda lado a lado do homem desde o início da evolução social do mesmo e muitas tecnologias e técnicas foram desenvolvidas desde então com a finalidade de elevar a qualidade de vida pessoal e social dos sujeitos, assim, muitas máquinas, aparelhos, materiais elétricos ou não foram e continuam sendo desenvolvidos e apresentados a sociedade como novos recursos facilitadores das atividades cotidianas trabalhista e pessoais.

Desta forma, juntamente com o surgimento desses novos recursos tecnológicos, surgem também novos termos e nomenclaturas para os vários objetos, ações e técnicas advindas desse meio e, um dos termos mais usual do momento é “letramento digital”. Esse termo foi criado para nomear o uso dos aparelhos digitais, como computador, celular, entre outros com propriedade, tanto para atividades lúdicas (usar por diversão, brincar), puro lazer, como para atividades mais elaboradas e de cunho educativo, que também podem ser lúdicas, porém planejadas e com objetivos claros.

Assim as pessoas que usam com destreza os recursos tecnológicos, são consideradas pessoas letradas digitalmente. Logo ao nos reportarmos ao uso das NTIC's no seio escolar, termo que destacar a evidente necessidade do corpo docente ser imbuído de tal destreza, uma vez que será o docente de todos os níveis de ensino, quem ministrará aulas utilizando e direcionando o aprendiz por meio do uso das mesmas como ferramentas metodológicas facilitadoras do processo de construção do conhecimento.

Além disso, o docente deve preparar-se para lidar com as novas tecnologias utilizadas pela sociedade cotidianamente, pois elas surgem quase que uma atrás da outra. Um aparelho é lançado no mercado hoje, amanhã já é lançado outro e mais outro e cada um com mais e mais recursos sofisticada do que do outro.

Logo no início dos diálogos sobre o uso das NTIC's na sala de aula, pensava-se que tal feito apresentaria um custo muito alto aos cofres públicos, ou aos patronos das instituições privadas, e isso foi uma premissa falsa, pois a princípio, todos os custos ficaram a cargo da construção de laboratórios de informática e a contratação de um profissional da área que tanto orientava os discentes como também os docentes, já que aparentemente, esses últimos ainda não tinha o devido acesso aos instrumentos tecnológicos e muito menos a competência e habilidade em lidar com os mesmo no fazer pedagógico diário.

Hoje, a realidade é outra, pois, o uso das novas tecnologias da informação e da comunicação não se restringe ao laboratório, isso porque, quase que todos os estudantes de todos os níveis de ensino têm novos e sofisticados aparelhos tecnológicos que podem e

devem ser vistos como aliados no processo de ensino pelo regente da sala de aula, e, em particular pelo docente universitário.

Realidade essa que requer um alto grau de conhecimento e comprometimento do docente com a formação do seu aprendiz no que diz respeito a formação para a cidadania, de forma que esse estudante venha a desenvolver ações sociais condizentes com a visão holística, a qual presa pela concepção de que tudo está interligado e indiviso, tanto os ecossistemas biológicos como o próprio ser humano, assim o discente saberá e primará pelo uso adequado e responsável das NTIC's, inclusive dentro da própria sala de aula, pois as terá como instrumento facilitadores da construção do seu conhecimento, porém para isso, o docente deve ser capacitado, ter uma formação específica na área.

No tocante a formação do professor universitário, Masetto inicia o primeiro capítulo de sua obra “Competência Pedagógica do Professor Universitário” refletindo sobre a “necessidade e atualidade do debate sobre competência pedagógica e docência universitária”. Nessa linha, o referido autor esclarece que:

“Discutir a competência pedagógica e a docência universitária tem seu sentido segundo as considerações de muitos professores do ensino superior que, levando em conta a própria formação e suas experiências profissionais e docentes, concluem que tudo está muito bem: vêem-se como profissionais bem-sucedidos e professores que ensinam bem suas matérias. Então perguntam por que debater novas exigências ou possíveis modificações na sua ação docente? Em primeiro lugar refletir sobre a estrutura organizativa do ensino superior no Brasil, que desde seu início (e até hoje...) sempre privilegiou o domínio de conhecimentos e experiências profissionais como únicos requisitos para a docência nos cursos superiores. O embasamento para tal atitude é tanto o modelo de ensino implementado no Brasil (o modelo francês-napoliônico – cursos profissionalizantes) quanto à crença de que “quem sabe, sabe ensinar”” (Masetto. 2003, p. 11).

Na verdade, o que Masetto diz é que historicamente pouco se tem problematizado a práxis docente do professor universitário, isso por se entender que ao angariar o título de mestre e o de doutor o profissional estará apto por excelência a ministrar aulas no ensino superior. Por muito tempo o professor universitário foi (e ainda é) considerado o detentor do conhecimento e o discente um mero receptor de informações e assuntos de domínio de seu mestre.

No entanto, com o advento da tecnologia esse pensamento vem sendo questionado dentro e fora dos muros das instituições de Ensino Superior, pois atualmente os aprendizes não ficam a mercê dos saberes transmitidos por seus professores, isso porque tem-se hoje vários meios tecnológicos pelos quais podem-se munir de informações, dados e conhecimento que não necessariamente advindos das aulas expositivas dos mestres e doutores. Isso chama a atenção para o fato de que estamos vivenciando uma nova era, a era do impacto tecnológico e uma situação nova em nossa sociedade: o impacto da nova

revolução tecnológica sobre a produção e socialização do conhecimento e formação de profissionais. A sociedade brasileira vive, em diversos níveis, o desenvolvimento tecnológico que afeta dois aspectos que são o coração da própria universidade: a produção e divulgação do conhecimento e a revisão das carreiras profissionais.

Ou seja, os docentes que atuam na formação profissional precisam ter a compreensão de que a própria tecnologia vem colocando em cheque a ação docente universitária, uma vez que, este deve ter a sensibilidade de compreender que ele não é mais o único meio para a aquisição do saber e para a construção do conhecimento acadêmico na formação profissional de seus discentes, pois muitos cursos superiores estão sendo oferecidos via internet, via Educação a Distância - EAD, além disso, o conhecimento em dias hodiernos vem sendo produzido e divulgado por vários outros meios que não necessariamente a universidade.

Ainda nesse prisma, Masetto (2003) aponta que necessita-se de profissionais intercambiáveis que combinem imaginação e ação; com capacidade para buscar novas informações, saber trabalhar com elas, por meio dos recursos mais modernos da informática; com capacidade para produzir conhecimento e tecnologia próprios que os coloquem, ao menos em alguns setores, numa posição não-dependência em relação a outros países; preparados para desempenhar sua profissão de forma contextualizada e em equipe com profissionais não só de sua área mas também de outras.

Diante dos argumentos citados, é inegável a importância da aquisição do conhecimento tecnológico por parte do corpo docente universitário, pois faz-se necessário que este tenha competência e habilidade em trabalhar com as NTIC's em sala de aula como recursos didáticos metodológicos, já que atualmente esse domínio é uma exigência mundial. O domínio da tecnologia educacional por parte dos professores universitários como base para o processo de construção do conhecimento profissional de seus aprendentes é fundamental como ferramentas metodológicas de ensino em todos os cursos de graduação.

Destarte, fica claro o quão importante é a relação entre a ação pedagógica acadêmica e o domínio das NTICs, pois o docente ao trabalhar com novas tecnologias, facilita o desenvolvimento da parceria e co-participação entre ele e seu aprendente. O mais importante será pensar o papel e a função da educação escolar (dos cursos de graduação no ensino superior): seu foco, sua finalidade, seus valores. A tecnologia será importante, mas principalmente porque nos forçará a fazer coisas novas, e não porque permitirá que façamos melhor as coisas velhas.

Isso quer dizer que, não é suficiente o docente ter em mãos os mais novos e cobiçados aparelhos tecnológicos e seus recursos se o mesmo não souber utilizá-lo para fins educacionais de modo a inovar, a reinventar e a construir novos caminhos rumo á

construção do conhecimento do aprendiz, pois as NTIC's por si só não fazem a diferença no fazer docente, mas quando essas são utilizadas com competência e habilidade um mundo de possibilidades surgem em meio a contexto aparentemente desprovidos de estrutura e recursos metodológicos.

Infelizmente, na prática docente há poucos investimento nas políticas públicas direcionadas a formação continuada de docente universitários na área das NTIC's e, de acordo com Mercado (2002), a formação de professores para essa nova realidade tem sido crítica e não tem sido privilegiada de maneira efetiva pelas políticas públicas em educação e nem pelas Universidades. As soluções propostas inserem-se, principalmente, em programas de formação de nível de pós-graduação ou, como programas de qualificação de recursos humanos. O perfil do profissional de ensino é orientado para uma determinação "especialização", mesmo por que, o tempo necessário para essa apropriação não o permite. Como resultado, evidencia-se a fragilidade das ações e da formação, refletidas também através dos interesses econômicos e políticos.

Atualmente, todos os docentes, independentemente dos níveis de ensino, devem dispor de conhecimentos tecnológicos que os assegure um melhor trato técnico metodológico didático com os saberes, de forma a preparar seus aprendizes para a realidade sócio-econômica-mercadológica da sociedade na qual se encontra inserido como para a realidade mundial, uma vez que, devemos enxergar o mundo como um **sistema holístico**⁴.

Behrens em relação a prática docente pautada na visão holística afirma que:

"Com a visão do homem como um todo, o professor que se propõe buscar uma prática pedagógica emergente precisa pensar em contemplar sua ação docente com uma visão sistêmica. Os docentes universitários, ao optarem por uma visão holística, deveram ser capazes de atuar com paixão e buscar a grandeza que se encontra dentro de cada aluno. Não se trata de ser romântico, mas de ser extremamente preocupado com o homem que se pretende formar" (Behrens, 2005, p.54).

Assim, é possível afirmar que para desenvolver uma práxis pedagógica ancorada nos pilares da visão holística, necessariamente haverá a destreza cotidiana em manusear novos e variados recursos tecnológicos na sala de aula como ferramentas e suportes técnicos metodológicos facilitadores do processo de aprendizagem, pois o momento sócio-histórico-político que vivenciamos atualmente, por si só, já traz a necessidade de enxergarmos nossas ações, direitos e deveres a partir do sistema holístico.

Trazendo essas questões para o campo das instituições de ensino superior (que é o foco do presente trabalho de pesquisa), acreditamos que a tarefa de trazer as novas

tecnologias para o ambiente de ensino e de investir na formação continuada especificamente para a atuação com as mesmas na prática docente diária, seja de responsabilidade primária das Universidades e Faculdades, pois o docente tem o dever de atuar coerentemente com as demandas atuais da sociedade e os governantes ou os patronos de instituições de ensino superior o dever de investir na qualificação de seu corpo docente, isso porque esse profissional só pode desenvolver uma ação docente coerente com o que rege as demandas sociais da atualidade se a ele lhe for dada as devidas condições para tal por parte das instituições que lhes têm como funcionários.

Assim, o governo e os patronos investem na qualidade da educação, garantindo ao público alvo, assim como também ao seu corpo docente, políticas de formação inicial e continuada que estejam de acordo com as novas demandas locais e mundiais, desta maneira o docente poderá de fato pôr em ação uma práxis verdadeiramente condizente com as exigências que vem sendo feitas tanto pela sociedade civil local como pelos órgãos internacionais como por exemplos, o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio (OMC) que, de certa forma, rezam pela adequação dos sistemas educacionais ao mercado econômico globalizado.

Por isso é de suma importância formar o educando, seja ele, do Ensino Fundamental I e II, seja ele do Ensino Médio, seja ele do Ensino Superior preparando-o para uma vida social local e global ao mesmo tempo, pois atualmente todo e qualquer intervenção humana *in locus* repercute mundialmente, principalmente no que diz respeito aos meios de comunicação, por isso se faz emergente visualizar o discente como um todo.

Assim, é emergente a necessidade de se colocar em outro patamar a educação ofertada a sociedade como um todo e, em especial, a educação oferecida aos estudantes dos cursos de licenciaturas, pois serão estes os futuros docentes que iram desenvolver um fazer pedagógico pautado ou não nos pressupostos teóricos do paradigma holístico, este que incita a compreensão de mundo, de sujeito e da construção do saber escolar como sendo um processo contínuo de interações humanas que demandam em dias hodiernos um alto grau de competência e habilidade com as NTIC's para isso é primordial que as instituições de ensino superior primem pela formação do ser humano como um ser indiviso.

Sendo assim, desde seus primórdios o homem vem desenvolvendo tecnologias que vão sendo, com o passar dos tempos, mais e mais sofisticadas e, essas tecnologias vão sendo incorporadas no cotidiano social de forma que vão transformando as ações e os comportamentos dos sujeitos e da sociedade, pois elas influenciam os setores da economia,

⁴ A visão sistêmica ou holística busca a superação da fragmentação do conhecimento, o resgate do ser humano em sua totalidade, considerando o homem com suas inteligências múltiplas, levando à formação de um profissional humano, ético e sensível (Behrens, 2005, p. 56).

da política, do mercado do trabalho e da educação, mudando a forma de agir, de pensar, de sentir, de se comunicar e de construir conhecimentos.

Embora pareça algo novo na educação o uso de ferramentas tecnológicas não o é, pois em diferentes momentos da história humana, os utensílios, os talheres, a televisão, o telefone, o livro, o lápis, o giz e muitas outras ferramentas já foram consideradas novas tecnologias, isso quer dizer que, a tecnologia não se restringe unicamente a aparelhos eletrônicos e computacionais, mas a tudo que usamos para realizar certas ações, e ao fazermos uso de tais ferramentas estamos pondo em prática o que chamamos de técnicas, logo, podemos dizer que a tecnologia é a junção que fazemos entre a ferramenta e seus usos.

CONCLUSÃO

Na presente pesquisa, alvitramos um enfoque voltado para as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação. Com o objetivo geral de analisar o uso que os docentes fazem das novas tecnologias de informação e comunicação no cotidiano escolar e a relação da formação continuada específica para o uso de tais tecnologias. Objetivamos assim averiguar como se dá a formação continuada, o acesso, a atuação e as dificuldades dos docentes frente ao uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação no Cotidiano Escolar.

A análise acerca da utilização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) no cotidiano escolar por parte dos docentes e a relação do uso das NTICs com a formação continuada específica de docentes revelou um índice significativo de despreparo profissional no que se refere à utilização das novas tecnologias de informação e comunicação. Devido ao pequeno número de sujeitos pesquisados, no entanto, não se pretende generalizar irrestritamente as conclusões. Entretanto, os resultados apontam a necessidade de um novo olhar para a qualificação dos professores.

Na análise das Concepções dos Docentes acerca da Formação Continuada para o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's), observou-se que os docentes entrevistados percebem a carência na formação para o uso das NTIC's. Os entrevistados demonstram que os docentes são formados, mas não capacitados e qualificados como a sociedade atual exige. Desse aspecto advém o fato de eles "ignoram" as novas tecnologias ou as utilizam de forma inadequada. Os professores conhecem de forma limitada os recursos informatizados e usam ferramentas da internet também de forma restrita. Assim a eficácia do uso das NTIC's no setor educacional, ou melhor, na sala de aula, dependerá da forma como o trabalho escolar será conduzido, assim como também, do modelo teórico metodológico de ensino adotado e posto em prática pelo docente em seu fazer pedagógico cotidiano.

Em relação ao Acesso e Utilização das NTIC's no Cotidiano Escolar ficou demonstrado que os docentes não têm aplicado de maneira efetiva as NTIC's em termos de: planejamento, tipos de atividades desenvolvidas, organização com os conteúdos escolares, entre outros. A utilização prática sofre influência não somente da capacitação docente, mas também de outros fatores: estrutura da escola, motivação docente e direcionamento do planejamento pedagógico. Mais estudos são necessários para avaliar com precisão a inter-relação desses fatores na utilização das tecnologias educacionais para corroborar com os dados observados, devido ao número limitado de professores pesquisados.

Sobre as Dificuldades na Adequação Didática no uso das NTIC's foi observado que as instituições de ensino e que seu corpo docente precisam estar preparados para usar, e também para ensinar seu estudante a usar, os aparelhos e os recursos tecnológicos na sala de aula. Por essa e outras razões, é indispensável a Formação Continuada específica na área das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação, posto que, atualmente estão sendo desenvolvidos e adquiridos pelos estudantes de todas as classes sociais novos e sofisticados aparelhos tecnológicos, aparelhos estes que podem ser usados na sala de aula como recursos didáticos em prol de processo de ensino e aprendizagem condizente com a nova realidade socioeconômica do país.

No entanto, para que a Formação Continuada ocorra de maneira que venha a desempenhar os objetivos almejados, fez-se necessário que a formação continuada não seja posta em prática com o propósito de preencher as lacunas deixadas na formação inicial. Assim, para que as NTIC's possam transformar a escola e o processo de ensino e aprendizagem, é inegável a necessidade da Formação Continuada dos docentes. A começar pelos docentes das Instituições Superiores, pois, a compreensão de que as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação são potenciais a seres postos em ação no fazer pedagógico deve ser incorporado pelos professores já no decorrer de sua formação inicial, para posteriormente ser mais fácil sua aplicabilidade cotidiana por meio dele, agora como ensinante e não mais como aprendente.

Acreditamos que o ideal para pôr em ação o uso das NTIC's no contexto da sala de aula de maneira satisfatória, seja uma ação pedagógica ancorada nos moldes socioconstrutivista, pois a construção do conhecimento do sujeito aprendiz acontece a partir de sua interação como os demais aprendizes, com os objetos e signos culturais, assim como com o docente que media e facilita a este a aquisição do saber, sabendo que nos dias atuais as novas tecnologias e seus recursos praticamente fazem parte das experiências diárias dos estudantes quase que de todas as áreas sociais.

Além disso, através das NTIC's, o docente pode nortear o estudante a construção do conhecimento manipulando-as de maneira acrítico-reflexiva, pondo em ação seu raciocínio, sua criatividade, seu poder de síntese, de questionamento, de articulação e de trabalhar não só em equipe, mas em cooperação com os demais colegas de sala.

É importante ressaltar que os resultados da pesquisa parecem revelar que tanto a formação inicial como a formação continuada não cumpre com seu papel na formação de docentes, o que mostra a urgência de se repensar o tipo de formação oferecida aos profissionais da educação por meio das Licenciaturas e cursos de formação de docentes, como também, nos cursos de formação continuada.

Por fim, pode-se entender a formação continuada de professores como um processo contínuo e necessário, tanto para o profissional da educação como para o sujeito social, pois dela origina-se a práxis educativa de qualidade e compatível com os requisitos impostos pelas constantes mudanças advindas da própria sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, G. P. de. (2007). *Transposição Didática: por onde começar?* São Paulo: Cortez.
- Behrens, M. A. (2005). *A Formação Continuada de Professores e a Prática Docente: O paradigma emergente e a prática pedagógica*. Petrópolis: Vozes.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (2003). *Qualitative Research for Education: An introduction to Theories and Methods*. New York: Pearson Education group, 2003.
- Brasileiro, A. M. M. (2013). *Produção de textos acadêmicos e científicos*. São Paulo: Atlas.
- Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa em ciências humanas e sociais* (8ª ed.). São Paulo: Cortez (biblioteca da educação. Série 1. Escola; v. 16).
- Coscarelli, C. V. (org.). (2006). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar* (3ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Costa, I. de S. (2013). *Avaliação da Formação Continuada de Professores: Programa Sala de Educador* (Tese de Doutorado). Universidade de Lisboa.
- Deslandes, S. F., Gomes, R., & Minayo, M. C. de S. (org.) (2009). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (28ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Dias, S. C. (2012). *Políticas Públicas de Formação Continuada de Professores: a experiência do município de Itaguaí* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro.
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e Mudança Social* (trad. Magalhães, I.). Brasília: UNB.
- Ferreira, A. T. B., Albuquerque, E. B. C. de, & Leal, T. F. (org.) (2005). *Formação continuada de professores*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Foucault, M. (2005). *A ordem do discurso* (7ª ed.). São Paulo: Edições Loyola.
- Freitas, A. S. de. (2005). Os Desafios da Formação de Professores no Século XXI: Competências e Solidariedade. In Ferreira, A. T. B., Albuquerque, E. B. C. de, & Leal, T. F., *Formação Continuada de Professores: questões para reflexão*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Gibbs, G. (2009). *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Koff, A. M. N. S. e. (2006). Cotidiano escolar e cultura(s): dialogando com os resultados de uma pesquisa. In Candau, V. M. (org.). *Educação Intercultural e Cotidiano Escolar*. Rio de Janeiro: 7Letras..
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. de A., (2009), *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos* (7ª ed.). São Paulo: Atlas.

- Laville, C., Laville, C., & Dionne, J. (1999) *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas* (trad. Monteiro, H. , & Settineri, F.) Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMQ.
- Lévy, P. (1993). *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática* (trad. Costa, C. I. da). São Paulo: Ed. 34.
- Lévy, P. (1999). *A Ciberultura* (trad. Costa, C. I. da). São Paulo: Ed. 34.
- Libâneo, J. C. (2013). *Didática* (2ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Lima, A. C. G. e. (2006). Cultura escolar/cultura da escola e a questão racial numa escola pública de subúrbio carioca. In Candau, V. M. (org.), *Educação Intercultural e Cotidiano Escolar*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Lopes, R. M. G. P. (2009). Concepções pedagógicas e emancipação humana: um estudo crítico. In Pimenta, S. G. (org.), *Saberes Pedagógicos e Atividade docente* (7ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Maingueneau, D. (2005). *Gênese dos discursos* (trad. Possenti, S.). Curitiba: Criar.
- Maingueneau, D. (2008). *Análise de texto de comunicação* (trad. Silva, C. P. de S.e, & Rocha, D., 5ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Masetto, M. T. (1998). Professor Universitário: um Profissional da Educação na Atividade Docente. In Masetto, M.T. (org.), *Docência na Universidade* (11ª ed.). Campinas, São Paulo: Papirus.
- Masetto, M. T. (2003). *Competência Pedagógica do Professor Universitário*. São Paulo: Editora Summus.
- Minayo, M.C.S. (2004). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: Abrasco.
- Minayo, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 28. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- Moran, J. M., Masetto, M. T., & Sehrens, M. A. (2012). *Novas tecnologias e mediação pedagógica* (19ª ed.). Campinas, SP: Papirus (Coleção Papirus Educação).
- Neves, D. A. de B. (2007). *Leitura e Metacognição: uma experiência em sala de aula*. Florianópolis.
- Ney, A. (2008). *Política Educacional: organização e estrutura da educação brasileira*. Rio de Janeiro: Wak ED.
- Nóvoa, A. (2007). *Professor no Mundo Contemporâneo*. Palestra realizada no ano 2006 e publicada pelo Sindicato dos Professores de São Paulo. SINPRO SP.
- Oliveira, M. M. de. (2008). *Projetos, Relatórios e textos na educação básica: como fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Orlandi, E. P. (2003). *A Análise de Discurso e Seus Entremeios: notas para a sua história no Brasil*. Campinas, SP: Caderno de Estudos Lingüísticos.

- Orlandi, E. P. (2005). *Análise do Discurso. Princípios e Procedimentos*. Campinas, São Paulo: Pontes.
- Pachane, G. G., & Pereira, E. M. de A. (2004). A importância da formação didático-pedagógica e a construção de um novo perfil para docentes universitários. *Revista Iberoamericana de Educación*, v. 33(4), 1-13.
- Pêcheux, M. (1990). Semântica e Discurso. In Gadet, F., & Hak, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso – introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp.
- Penin, S. (1995). *Cotidiano e Escola: a obra em construção* (2ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Perez, M. I. (2006). *História de uma instituição pública de ensino secundário: implicações da democratização do ensino na cultura escolar*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual Paulista – UNESP. “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, SP.
- Sales, M. P. da S. (2012). *Docência no Ensino Superior nas Representações Sociais de Estudantes*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- Souto, M. de F. dos S. (2013). *Formação Continuada: saberes mobilizados pela sequência didática o olhar no Programa de Formação do Ensino Médio*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Szymanski, H., Almeida, L. R. de, & Prandini, R. C. A. R. (org.) (2010). *A Entrevista na Educação: a prática reflexiva* (3ª ed.). Brasília: Liber Livro Editora.
- Vitorino, W. A. de C. R. (2011). *Formação continuada: seus impactos na prática docente - um olhar sobre o programa pró-letramento* (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona da universidade de Lisboa, , Lisboa.
- Xavier, A. C. (2009). *A era do hipertexto: linguagem e tecnologia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- Zabala, A. (1998). *A Prática Educativa: como ensinar* (trad. Ermani, F. da F. R.). Porto Alegre: Artmed.

WEBGRAFIA

- Abreu, C. (s.d.). *Quadro-negro é coisa do passado*. Disponível em: <http://chc.cienciahoje.uol.com.br/quadro-negro-e-coisa-do-passado/>. Consultado em: 24/08/2014.
- Araújo, L. de F. (2009). *Rompendo o contrato didático: a utilização de estratégias metacognitivas na resolução de problemas algébricos*. (Dissertação de Mestrado). Disponível em http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/3933/arquivo3414_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Consultado em: 31/03/2014
- Lourenço, C. E. (2012). *“O “Estado da Arte” da produção de teses e dissertações sobre games - entendidos como forma de comunicação - no banco de dados Capes realizadas entre 1987 e 2010”*. (Dissertação de Mestrado). USP. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-17052013-114516/pt-br.php>. Consultado em 31/03/2014.
- Maraschin. M. L. M. (2012). *Formação Continuada do Professor da Educação Superior Promovida por Ações Institucionais* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/56397>. Consultado em: 31/06/2014
- Mercado, P. L. (1999). *Formação Continuada de Professores e Novas Tecnologias para o Ensino*. Disponível em <https://books.google.com.br>. Consultado em 18/08/2015.
- Ministério da Educação, Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC, SASE). (2014). *Planejando a Próxima Década: Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação*. Disponível em http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf. Consultado em: 21/08/2015.
- Piatti, C. B. (2006). *Formação continuada: reflexos na prática dos professores participantes do programa de formação de professores alfabetizadores – profa* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=107636. Consultado em: 31/03/2014.
- Sales, M. P. da S. (2012). *Docência no Ensino Superior nas Representações Sociais de Estudantes*. Disponível em <http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/12873/Docencia%20no%20Ensino%20Superior%20as%20Representacoes%20Sociais%20de%20Estudantes.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Consultado em: 26/08/2015.
- Santiella, T. (2015). *Excesso de estresse no trabalho pode causar a síndrome de burnout*. Disponível em <http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2015/07/excesso-de-estresse-no-trabalho-pode-causar-a-sindrome-de-burnout-4800383.html>. Consultado em: 17/08/2015.
- Serra, G. M. Debei. (2009). *Contribuições das TIC no ensino e aprendizagem de ciências: tendências e desafios* (Dissertação). USP. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-05012010-142158/pt-br.php>. Consultado em: 31/03/2014.
- Universidade Federal do Amazonas. (s.d.) *Programa Institucional de Formação Docente: Formação Continuada de Professores da Educação Superior*. Disponível em: <http://proeg.ufam.edu.br/component/content/article/646-programa-institucional-de-formacao-docente-formacao-continuada-de-professores-da-educacao-superior>. Consultado em: 18/08/2015.

LEGISLAÇÃO

Brasil. (2011) *Constituição Federal de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil*: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com alterações adotadas pelas Emendas Constitucional nº1/92 a 67/2010 e pelas emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94.-Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas.

Brasil. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Congresso Nacional.

Brasil. (2014). Lei nº 13.005, de 25 de Junho de 2014: *Plano Nacional de Educação*. PNE e dá outras providências. Brasília. Presidência da República.

Brasília, (2007) *Plano de Desenvolvimento da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação*. FNDE. Ministério da Educação, MEC.

Pernambuco, Secretaria de Educação. (2008). *Base Curricular Comum para as Redes Públicas de Ensino de Pernambuco*. BCC: Língua Portuguesa. Recife: SE.

APÊNDICES

APÊNDICE I. CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA DE CAMPO



CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA DE CAMPO

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Docente: Soraia Barboza Botelho do Nascimento
E-mail: soraiabotelhos@gmail.com

Recife, ____ de ____ de 2016.

Ilmo (a). Senhor(a) _____.

Percebe-se na atualidade que o uso da tecnologia é um assunto recorrente na sociedade, inclusive, no meio acadêmico, devido ao constante avanço nos processos diários do fazer humano. Diante da importância da tecnologia para a sociedade, foi percebida a necessidade de uma pesquisa focada na formação continuada de professores para o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), no cotidiano escolar.

Com o objetivo de compreender o processo de utilização das NTICs no cotidiano escolar e qual relação do uso das NTICs com a formação continuada dos professores convidamos o corpo docente desta universidade a participar da presente pesquisa a partir de uma entrevista semi-estruturada a ser realizada em dia e horários previamente agendados.

Mais informações poderão ser conseguidas pelo telefone (81) 9 9872-9309 ou pelo E-mail: soraiabotelhos@gmail.com.

Antecipadamente agradecemos a V. S.^a pela colaboração neste estudo e aguardamos resposta. Ressalvamos que oportunamente serão encaminhados os resultados gerais obtidos por meio da presente pesquisa.

Atenciosamente,

Soraia Barboza Botelho do Nascimento
Docente - Mestrado em Ciências da Educação
Especialista em Administração Escolar – Especialista em Docência do Ensino Superior
Docente no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

APÊNDICE II. GUIÃO DE ENTREVISTA



Prezado Professor,

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo compreender o processo de uso pelos docentes das novas tecnologias de informação e comunicação e as possíveis relações entre o uso e a capacitação continuada do professor. Não há respostas corretas ou incorretas, todavia, faz-se necessária a observância da fidedignidade nas respostas para que possamos obter resultados significativos. Os dados serão mantidos em sigilo e somente utilizados como componente desta pesquisa.

Agradeço, desde já, sua atenção e participação.

Q.1 . Identificação do Entrevistado.

- Idade:
- Formação:
- Tempo de formação:
- Tempo na função:

Q.2. Docentes e Formação Continuada.

- De que forma ocorre a formação continuada dos docentes para o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's)?
- Qual a relação entre os saberes construídos na formação continuada dos docentes e o uso no cotidiano de sala de aula?
- Quais as concepções dos docentes acerca do papel da formação continuada para o uso das NTIC's?

Q.3. Atuação dos professores e o uso das NTIC's no cotidiano escolar.

- De que forma ocorre o acesso às NTIC's por parte dos professores?
- Como ocorre a atuação dos professores frente ao uso das NTIC's no cotidiano escolar?

Q.4. Dificuldades na adequação em sala de aula frente ao uso das NTIC's.

- Existe dificuldade na adequação do uso das NTIC's no que diz respeito a didática do docente?
- Que implicações são geradas a partir da necessidade do uso das NTIC's pela atividade dos professores?

APÊNDICE III. RESPOSTAS TRANSCRITAS DA ENTREVISTA COM O DOCENTE D1



DOCENTE D1

Q1. Identificação

Idade: 36 anos

Formação:

Tempo de formação: 14 anos

Tempo de docência: 13 anos

Q2. De que forma ocorre a formação continuada dos docentes para o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's)?

R. Normalmente aqui na instituição, nós não temos uma formação continuada específica. Mas, nós temos acesso a diversas atuais tecnologias como Datashow, etc. Mas, numa perspectiva geral, eu vejo que esta formação dos docentes para as atuais tecnologias ainda é muito carente. Ainda existem muitas brechas. Ainda existem muitas lacunas no campo da formação dos docentes para essas atuais tecnologias. Como também eu vejo que ainda existem muitas restrições de alguns profissionais da educação para estas atuais tecnologias. Que não consegue se adequar aquilo que alguns autores das atuais tecnologias chamam de nativos digitais, por exemplo. Eu acho que eu vejo uma necessidade muito grande dessas formações para que o professor consiga dialogar não nativos digitais, ou seja, jovens, esses estudantes que nasceram nesse universo das atuais tecnologias. Como também com os próprios imigrantes digitais, que seriam esses jovens, esses adultos. Aqui nós teríamos muito mais os imigrantes digitais que são senhores, idosos, que estão se inserindo agora nesse campo das atuais tecnologias. Então, voltando à pergunta, eu vejo que ainda existe uma carência no campo da formação. Tanto para lidar com os nativos, como com os imigrantes digitais.

Q3. Qual a relação entre os saberes construídos na formação continuada dos docentes e o uso no cotidiano de sala de aula?

R. Nas formações que são oferecidas, eu vejo que, nas poucas formações que são oferecidas na área, existe um saber teórico que transmitido para esses docentes, mas que muitas vezes esse saber não se materializa na prática. Por exemplo, hoje nós sabemos que é possível utilizar os celulares numa perspectiva pedagógica. Mas, muitas vezes, uso do celular em sala de aula ele não é permitido ou ele é visto de maneira negativa. O uso de computadores, de redes sociais. Enfim, existe um saber teórico que é transmitido nas formações continuadas. Mas, ao meu ver nesse saber não é materializado numa prática em sala de aula.

Q4. Quais as concepções dos docentes acerca do papel da formação continuada para o uso das NTIC's?

R. É como eu acabei de dizer, esse docente vai ter um papel fundamental nesse processo, porque não basta ele ter esse é saber. Ele ter acesso a esse saber e não transformar e não ressignificar esse saber na sua prática cotidiana. Então, é fundamental que ele tem acesso a esse saber. Mas, que esse saber seja adequado a sua realidade, ao seu cotidiano, a realidade do seu do seu aluno. E assim sucessivamente.

Q5. De que forma ocorre o acesso às NTIC's por parte dos professores?

R. No ensino superior esse acesso é muito restrito a aparelhos, a instrumentos que eles possam usar em sala de aula. Como eu já disse. O Datashow, o computador, a sala de informática e assim por diante. Mas, ainda existe uma lacuna muito grande na utilização desses materiais numa perspectiva pedagógica. No campo da educação básica, eu vejo que, existem mais formações. Porém, a lacuna ainda existe. Do que é transmitido nas formações e do que é materializado na prática. Por exemplo, a gente tem alguns projetos na educação básica. Como alguns projetos que levam jogos digitais. O acesso aos professores nos ambientes virtuais de aprendizagem e assim sucessivamente. Mas, esses professores ainda não estão fazendo uso adequado desses materiais em sala de aula, numa perspectiva pedagógica. E muitas universidades, falando especificamente do ensino superior, eles ainda não estão utilizando os ambientes virtuais de aprendizagens (AVAs), de uma maneira adequada. E os próprios ambientes virtuais de aprendizagem, ao meu ver, eles ainda precisam ser extremamente aprimorados. Porque algumas instituições ainda não compreenderam o que de fato são esses ambientes virtuais de aprendizagens. Algumas instituições ainda não compreenderam o que é de fato utilizar as redes sociais, os blogs, os celulares, e assim sucessivamente.

Q6. Como ocorre a atuação dos professores frente ao uso das NTIC's no cotidiano escolar?

R. Num primeiro momento eu vejo com certo distanciamento. Esse professor, volto a dizer, que na sua maioria ainda são Imigrantes digitais. Eles não nasceram nesse universo das atuais tecnologias. Eles estão se adequando. Então, num primeiro momento, eu vejo que ainda existem muitas restrições. Por que não utilizar o celular numa perspectiva pedagógica? Por que não solicitar que esse estudante faça um blog? Como se fosse um diário para que se professor tenha acesso a realidade desse aluno, a sua leitura de mundo (trazendo aí uma perspectiva Freiriana). Existem várias possibilidades Mas eu vejo que ainda existem muitas carências, muitas lacunas. Quando essas atuais tecnologias são utilizadas ainda são utilizado numa perspectiva muito restrita. Muito restrita mesmo. É algo muito técnico. Muito pontual. Ligar o Datashow e de estar ali o material. De solicitar que o aluno faça uma pesquisa na internet e assim por diante. Mas, ao meu ver, ainda falta percorrer um longo caminho.

Q7. Existe dificuldade na adequação do uso das NTIC's no que diz respeito a didática do docente?

R. Sim. Sim, sem dúvida. Como a gente já vem falando. Existe uma didática. Existe uma metodologia de ensino ainda, ao meu ver, extremamente tradicionais, ainda extremamente bancárias. Onde esse docente apenas deposita informações (como diz o Freire) na mente dos alunos. Mas não existe uma perspectiva de “linkar” esse saber teórico com as próprias atuais tecnologias. Por que não trabalhar o conteúdo de história fazendo um tour virtual em vários museus do mundo? Por que não trabalhar geografia tendo acesso a diversos documentários, imagens, enfim, que existem dentro do contexto desse ambiente virtual? Volto a dizer: Por que não trabalhar com blogs? Porque não trabalhar com jogos pedagógico dentro desse ambiente virtual? Já que existem vários jogos que podem ser utilizados em matemática, em língua portuguesa, e assim, sucessivamente. Então, o docente, a didática do docente ainda é presa a um modelo muito tradicional, a um modelo muito bancário que precisa ser rompido para que se utilize essas atuais tecnologias.

Q8. Que implicações são geradas a partir da necessidade do uso das NTIC's pela atividade dos professores?

R. O professor desenvolve uma atividade pedagógica, uma atividade docente. Existe, sim, uma necessidade desse professor utilizar essas atuais tecnologias. Porém, esse professor não se sente aptor a utilizar essas atuais tecnologias. E aí vem uma grande lacuna nesse processo de formação. Eu já participei de algumas formações continuadas e eu vejo que

nessas formações existem um saber teórico, que é construído nessas formações, mas não existe um link com a prática docente. Com a prática desse professor. Então, muitas vezes quando esse professor chega em sala de aula ele se vê perdido. Como utilizar essas atuais tecnologias? Eu lembro que eu participei de uma formação continuada em uma empresa específica (não vou citar o nome da empresa, mas era voltada à área das tecnologias) e ao chegar na escola a empresa trouxe uma série de jogos de caráter virtual em tablets para que os docentes pudessem utilizar em salas de aula. Mas, muitas vezes, o que se percebeu com muita clareza é que o próprio não sabia manusear esses materiais, essas atuais tecnologias. Então, se eu não sei sequer manusear essas atuais tecnologias, como eu vou trabalhar com jogos? Como eu vou orientar o meu aluno para que ele possa trabalhar com os jogos? Como eu vou adequar essas atuais tecnologias à minha didática, à minha prática pedagógica se eu sequer sei lidar com essas atuais tecnologias? Então, eu vejo que, inicialmente é preciso que esse professor saiba manusear essas novas tecnologias para que ele possa adequar essas tecnologias à sua prática pedagógica, à sua didática de ensino e assim por diante.

APÊNDICE IV. RESPOSTAS TRANSCRITAS DA ENTREVISTA COM O DOCENTE D2



DOCENTE D2

Q1. Identificação

Idade: 46 anos

Formação:

Tempo de formação: 25 anos

Tempo de docência NCIA: 28 anos

Q2. De que forma ocorre a formação continuada dos docentes para o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's)?

R. Existe muita capacitação muito interessantes. Com profissionais realmente qualificados. Com carga horária realmente compatível. Agora, normalmente eu observo isso quando esses cursos são oferecidos pelos órgãos públicos. São capacitação muito interessante. Eu vejo realmente um eficaz contundente.

Q3. Qual a relação entre os saberes construídos na formação continuada dos docentes e o uso no cotidiano de sala de aula?

R. Às vezes realmente acontece algumas contradições. Porque, querendo ou não, ainda existem alguns profissionais resistentes ao uso dessas tecnologias. Sabendo da necessidade, que realmente é necessário. Mesmo adquirindo essas informações sempre alguns colocam as informações que o material não é interessante, a escola não oferece de recurso. Mas, eu vejo assim o não comprometimento de alguns profissionais da área, infelizmente.

Q4. Quais as concepções dos docentes acerca do papel da formação continuada para o uso das NTIC's?

R. Eles observam de forma muito positiva. Eles observam realmente tem que ter esse atrativo porque competir com o mundo aí fora sem esses recurso eletrônico fica muito difícil. Principalmente quando há a necessidade de se fazer um parâmetro com relação à

ludicidade. Eu estou lhe falando isso porque como trabalho aqui na universidade e a gente trabalha com pedagogia e é direcionado justamente para a educação infantil então a ludicidade é realmente muito forte.

Q5. De que forma ocorre o acesso às NTIC's por parte dos professores?

R. Para ser muito sincero, às vezes, infelizmente tem instituição que não tem o material. Eu por exemplo, que acredito muito nessa ferramenta, eu comprei todo esse material. Trago o meu computador. Trago minha caixa de som. Trago o meu Datashow. Porque é muito importante fazer isso em paralelo. Então, às vezes, alguns professores têm razão em informar que algumas instituições não tem interesse ou não tem comprometimento de oferecer essa ferramenta a todos nós profissionais. O que carrega realmente um déficit.

Q6. Como ocorre a atuação dos professores frente ao uso das NTIC's no cotidiano escolar?

R. Acontece de uma forma, ao meu ver, tranquila. Porque é observa procurando fazer a aplicabilidade dessa ferramenta com relação ao cotidiano do nosso alunado. Aparece uma matéria, ele pode fazer uma gravação disso aí. Aparece, na minha área de matemática, um jogo interessante. Uma estratégia que pode socializar com os alunos. Então, essa ferramenta pode otimizar muita coisa.

Q7. Existe dificuldade na adequação do uso das NTIC's no que diz respeito à didática do docente?

R. Sim. Tem alguns soft, por exemplo, que alguns professores não conhecem. A gente observa até, eu não sou funcionário público, mas observo que na área de tecnologia Pernambuco não deve nada ao país. E agente observa que o governo do estado daqui ofereceu os computadores para os alunos. Ofereceu também para os professores. E não houve realmente uma interação, não casou direito. Até porque ficamos sabendo que teve alguns alunos, e até alguns profissionais, que se desfizeram dessas ferramentas. Alunos vendendo isso aí. Coisas que acresceriam muito com relação ao conhecimento acadêmico dessas pessoas. Eu vejo por aí.

Q8. Que implicações são geradas a partir da necessidade do uso das NTIC's pela atividade dos professores?

R. Algumas implicações quanto a você fazer até um desempenho avaliativo. Com relação a interpretação de alguns dados estatísticos você pode fazer através de alguns softs que já existem na área de matemática. Com relação a construção, que a turma fala tanto, essa

construção textual existem também alguns ferramentas que facilita muito a construção com algumas dinâmicas audiovisuais que na área de matemática é muito importante nessa área de abstração. Então, algumas coisas pontuais também aconteceram nessa área com relação até a algumas salas que não têm adequação para esse tipo de recursos, com relação à acústica. Tem sala que não proporciona uma aula dessa, infelizmente.

APÊNDICE V. RESPOSTAS TRANSCRITAS DA ENTREVISTA COM O DOCENTE D3



DOCENTE D3

Q1. Identificação

Idade: 31 anos

Formação: Licenciatura em Pedagogia

Tempo de formação: 7 anos

Tempo de docência: 13 anos

Q2. De que forma ocorre a formação continuada dos docentes para o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's)?

R. Eu acredito que as instituições hoje têm prestado muito mais atenção a esse aspecto da tecnologia. Na universidade, na escola básica, a gente tem visto os professores terem um contato muito maior com as novas tecnologias. Mas, acredito que ainda falta um certo planejamento mais adequado, tanto da universidade quanto na escola básica, para que o professor faça uso da tecnologias de informação e comunicação de forma planejada, coerente e com objetivos bem claros. Eu acho que hoje a gente tem muito mais uma experiência modal. Uma experiência de modismo mesmo da utilização das novas tecnologias do que se utilizassem as tecnologias como, verdadeiramente, uma estratégia de ensino. Acho que tem caminhado muito mais nesse aspecto. A universidade hoje, as universidades públicas eu desconheço um pouco os passos que eles têm para formação e como isso se dá, nas privadas que eu tenho contato, essa questão da formação continuada ela tem sido muito pouco trabalhada nas faculdades privadas. Devido à própria estrutura. Isso não é um pré-requisito que faça relevância frente as avaliações que o ministério da educação promove sobre essas faculdades. Então, o que geralmente não é prioridade, que o MEC não aponta como prioridade, como meta, nos planos de desenvolvimento institucionais delas, eles não trabalham. Então, acho que tem muito a avançar ainda as universidades privadas nesse aspecto.

Q3. Qual a relação entre os saberes construídos na formação continuada dos docentes e o uso no cotidiano de sala de aula?

R. Acho que são fundamentais. Essa relação de construção de saberes. Seja no âmbito das novas tecnologias de informação e comunicação como no âmbito da educacional de uma forma geral. Fazer com que o docente associe essa compreensão dos saberes a sua prática é fundamental. Acho que essa construção só pode ocorrer quando o docente percebe que esses conhecimentos, essas estratégias fazem sentido para a sua prática. Fazer essa identificação acho que é o grande desafio. Tanto da universidade como do próprio docente na medida em que ele busca a formação continuada de si própria.

Q4. Quais as concepções dos docentes acerca do papel da formação continuada para o uso das NTIC's?

R. Eu acho que o docente hoje da educação básica, eu tenho experiência na educação básica, acho que o docente, como eu falei, ele percebe essas tecnologias como algo bom quando ele consegue associar elas a sua prática. Ver essas tecnologias fazerem sentido para o seu dia a dia de trabalho. Acho que se isso não acontece ele não consegue fazer esse link. A formação continuada na escola básica, na faculdade tem que fazer esse papel. Fazer com que o docente perceba que é mais uma ferramenta, mais um conjunto de ferramentas que só tem a contribuir com a sua prática. E fazer com que ele veja isso é um processo diário. É um processo do próprio docente e as instituições têm sua parcela de responsabilidade em fazer com que esses docentes se apropriem desses conteúdos, dessas ferramentas e perceba como isso vai ajudar ele no dia a dia. A visão tem sido essa. Se é bom para o meu dia a dia de trabalho, se é importante, se faz sentido vou usar. Mas, enquanto eu não percebo que isso é importante, eu conheço, mas não utilizo. Acho que isso tem sido assim desde que as tecnologias eram restritas apenas ao quadro e ao giz.

Q5. De que forma ocorre o acesso às NTIC's por parte dos professores?

R. Eu acho que o grande meio, o grande porte de acesso para esses novos conhecimentos, tem sido a internet. Hoje o papel que a escola tem tido efetivamente na formação de professores, na informação e na disponibilização de informação dessas tecnologias tem sido muito restrito. Até da própria universidade, pois acredito que culturalmente isso não foi ainda apropriado pela universidade e pela escola básica para que comece a fazer parte da própria formação continuada em que o docente tem nas instituições. Então, o docente tem esse feedback muito mais por um acesso que é próprio dele, que é autônomo que ele faz da internet. Hoje, através da internet ele conhece várias ferramentas que podem ser utilizadas no dia a dia da sala de aula e que na troca de experiências seja por rede social, seja em

blog, enfim em vários meios, em vários espaços da web ele consegue ter essa formação que a escola e a universidade dificilmente proporcionam. Então, acho que está muito mais atrelado a ouvir a experiência do outro, seja na internet, em revistas, em jornal e tentar replicar aquilo para si do que propriamente um estímulo da instituição em fazer com que o docente utilize essa tecnologia ou promovam a formação continuada dentro da instituição para que esse docente utilize. Acho que está muito mais na questão da busca mesmo. Então, se o professor hoje é um professor pesquisador, se ele vai buscar, se está sempre antenado às novas tecnologias ele consegue fazer links e utilizar a formação continuada que ele mesmo promove através desses meios digitais para incorporar esses elementos a sua prática. Caso não, acho que dificilmente ocorre.

Q6. Como ocorre a atuação dos professores frente ao uso das NTIC's no cotidiano escolar?

R. Hoje esse acesso tem ocorrido de forma esporádica, como eu lhe falei é a minha percepção. E o uso no dia a dia ainda é muito restrito. Então, são poucos os professores que conseguem fazer uso das novas tecnologias. Sejam elas tecnologias digitais, sejam elas tecnologias que tenham a ver diretamente com a sua prática. Esse uso ainda é muito restrito pela própria compreensão desse professor de que pode utilizar essas tecnologias para melhoria da sua didática, da sua prática de ensino. Acho que esse uso vai ser alargado na medida que a escola e a universidade se comprometerem a promoverem informações continuadas. A instrumentalizar esse aluno que sai do curso de pedagogia, que sai do curso de licenciatura a utilizar essas tecnologias no dia a dia da sua formação. Se esse aluno sai da universidade com essa instrumentalização que, possivelmente deve ser dada pelos docentes que ministraram aula para esse aluno, ele sai instrumentalizado ao menos conhecendo que essas ferramentas estão a disposição dele, sejam gratuitas ou as pagas, e que ele pode usar isso ao seu benefício, ele sai conhecedor. Então, ele vai poder fazer uso disso. Aí no dia a dia da sua sala de aula ele pode utilizar esse conhecimento. Agora, se a universidade não tem essa estrutura, se não promove essa educação continuada, se não instrumentaliza esse docente, ele chega na ponta e o que ele vai encontrar na ponta da escola básica é um quadro, um piloto e, acho que hoje, talvez, as escolas já têm mais equipamentos eletrônicos mas que ele já consegue associar. Quando se fala a tecnologia de informação e comunicação ele vai logo associar a um projetor na sala de aula, por exemplo. Porque talvez seja a tecnologia mais atual, embora a gente saiba que a gente tem muitas outras tecnologias, que são utilizadas, mas o que está hoje muito na escola pública é o projetor, é o trabalho com powerpoint que é algo que a gente trabalha em algum determinado momento mas você vê que existem várias outras possibilidades, várias outras

ferramentas que conseguem fazer com que o docente potencialize as suas aula e isso a universidade não tem, na minha compreensão, se apropriado dentro dos últimos anos. Então, eu acho que para ele fazer essa ligação ele precisa ter de fato uma formação sólida. Acho que no âmbito da universidade de resume a isso. A que esses conhecimentos, que essas discussões entrem no dia a dia da graduação, da licenciatura.

Q7. Existe dificuldade na adequação do uso das NTIC's no que diz respeito à didática do docente?

R. Eu acho que ainda é nesse aspecto do próprio conhecimento. Eu acho que ele nunca vai associar essas novas tecnologias. Perceber o uso delas. E como elas podem ser trabalhadas na sala de aula, se ele não tem um estímulo para isso na formação. Porque aí a gente vai se restringir ao perfil do docente. Se o perfil do docente for um perfil de docente pesquisador, ele vai atrás, ele vai buscar inovações para a sua prática. Mas, se esse docente não for e a universidade não cumprir o seu papel, então ele vai escorado na formação. Ou seja, sair da universidade e a universidade não apontou esse caminho. Então, eu vou usar o quadro, o piloto. Eu vou usar as ferramentas que me apresentaram. E se a prefeitura, o sistema, me der outras ferramentas, eu posso usar. Caso não, foi à formação que eu tive. Eu acho que tem muitos docentes, e eu compartilho essa vivência no dia a dia, que falam, não diretamente, mas indiretamente dessa forma: a universidade me formou assim. E a estrutura, a prefeitura, o estado, não promove essa formação e não dá, não tem dado, instrumentos para que o docente potencialize a sua aula. Muito embora a gente tem visto discurso, aqui ou ali, algumas escolas de referência, que dizem que estão fazendo essa prática. Eu desconheço porque não trabalho nesses espaços. Mas nos espaços que eu trabalho vai muito disso. Essa associação só vai ocorrer quando ele perceber que isso é importante e que ele seja instrumentalizado. Ele precisa conhecer essas ferramentas. Saber como elas devem ser utilizadas. E daí sim fazer o link com o seu dia a dia: essa aqui eu posso usar em tal aspecto da minha aula. Na medida que ele não conhece, pra mim, acho que ele não consegue ver essa ferramenta como um ganho para o seu dia a dia de trabalho.

Q8. Que implicações são geradas a partir da necessidade do uso das NTIC's pela atividade dos professores?

R. Acho que na medida em que o professor usa essas tecnologias algumas questões elas aparecem. A primeira é você questionar o lugar comum que você se encontrou ao longo de toda a sua prática. Na medida em que eu uso as novas tecnologias, que eu consigo ver nelas um caminho, um outro caminho para repensar, para refazer minha prática docente, eu começo a olhar para o lugar que eu estou. O lugar mais como do quadro, do piloto, da aula

expositiva. E visitar esse lugar, esse lugar comum em que o docente se encontra, acho que, é algo que é provocado por esse contato com as novas tecnologias. Então, acho que as implicações que ocorrem é isso. Faz com que o docente repense a sua prática. Pense que além do quadro, do giz, da aula expositiva, do mais tradicional, ele tem infinitas possibilidades de trabalho e que ele deve explorar isso. E essas são as implicações que me parece que se apresentam para esse docente.

APÊNDICE VI. RESPOSTAS TRANSCRITAS DA ENTREVISTA COM O DOCENTE D4



DOCENTE D4

Q1. Identificação

Idade: 60 anos

Formação: Historiador

Tempo de formação: 30 anos

Tempo de docência: 37 anos

Q2. De que forma ocorre a formação continuada dos docentes para o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's)?

R. As novas tecnologias invadiram as academias e, sobre tudo, a sociedade em todos os seus segmentos. E isso fez com que cada professor, cada profissional buscasse, muitas vezes, essas informações a partir das suas próprias necessidades. Então, muitas vezes as instituições não desenvolvem um trabalho sistemático de formação continuada e aí o próprio professor acaba buscando isso paralelamente ao desempenho da sua função. É isso que a gente tem percebido.

Q3. Qual a relação entre os saberes construídos na formação continuada dos docentes e o uso no cotidiano de sala de aula?

R. Muitas vezes, aquele saber que é repassado ele se encontra, muitas vezes, não chega com a mesma probabilidade, com a mesma essência como deveria. Justamente por conta dessa falta de continuidade das novas tecnologias no trabalho docente. Então, as vezes a gente recebe as informações e na hora de aplicar a gente sente uma certa dificuldade. Então, há uma relação que ainda precisa caminhar lado a lado. Precisa equilíbrio. Falta equilíbrio da informação com a prática. Então, é preciso que haja um equilíbrio maior daquilo que eu apresento com aquilo que eu faço. Daquilo que eu utilizo.

Q4. Quais as concepções dos docentes acerca do papel da formação continuada para o uso das NTIC's?

R. As instituições, elas não têm ainda um olhar específico para as novas tecnologias dentro desse processo de formação continuada. Então, acredita-se sempre que tudo que está acontecendo, as novas tecnologias vêm como algo secundário. Quando elas são elementares para essas aplicações. Tudo que nós fazemos hoje nós utilizamos as novas tecnologias. Então, é preciso que esse olhar das instituições para as novas tecnologias enquanto ferramenta da formação, do docente. Essa formação continuada, ela precisa ter um olhar maior e ter um investimento maior. A formação continuada, ela precisa ser maior investida para que o próprio docente possa senti-la dentro da sua aplicação, no seu papel.

Q5. De que forma ocorre o acesso às NTIC's por parte dos professores?

R. Hoje, há uma facilidade muito grande de acesso às novas tecnologias. Desde as mais simples até as mais complexas. O que, pela própria necessidade de modernizar essa prática docente as instituições foram se adequando. Então, isso fez com que houvesse uma aproximação maior das novas tecnologias. Eu diria, há uma aproximação, mas, às vezes, não há uma prática de utilizar. Mesmo estando próxima, às vezes, existe uma dificuldade no manuseio.

Q6. Como ocorre a atuação dos professores frente ao uso das NTIC's no cotidiano escolar?

R. Eles utilizam. Então, hoje é muito comum se trabalhar com os elementos mais simples. Eu falei da complexidade, mas hoje existe o elemento básico de trabalhar as novas tecnologias na sala de aula. Hoje a gente tem os Datashows, os notebooks e outros equipamentos auxiliares. Então, isso é o mais comum. Mas, partindo disso já existe um equipamento muito mais sofisticado com um alto grau de complexidade que são as lousas, os quadros. Então, existe uma série de equipamentos que muitas vezes nem chega ao alcance nem ao conhecimento de toda comunidade acadêmica. Então, a gente se baseia com o mais simples e mesmo esse simples, às vezes, tem uma limitação na sua utilização. Às vezes, por nós não conhecermos o equipamento por inteiro, a gente acaba utilizando um percentual muito pequeno dele. Quando o seu potencial é muito maior. Mas, a falta de informação deixa que os professores utilizem de uma maneira muito, às vezes, insignificante. O que eu queria dizer é isso: a gente pode se utilizar desses equipamentos na sua essência, na sua totalidade. A falta de formação continuada também leva a isso. A não utilizar-se desses equipamentos ainda na sua totalidade.

Q7. Existe dificuldade na adequação do uso das NTIC's no que diz respeito a didática do docente?

R. Sim. O docente, ainda, envolvido no seu processo de trabalho, no seu acúmulo de atividade, ele acaba por não receber essa formação. Que deveria ser dada de uma forma mais continuada mesmo. Essa formação continuada ajudaria ao docente utilizar melhor e conhecer melhor dessa, eu poderia dizer, não só da necessidade que os equipamentos, as novas tecnologias são para a formação e também para a sua prática enquanto docente, mas também pela necessidade que se tem de se apresentar a um trabalho mais rápido, de maior qualidade, maior efetividade e de maior eficácia. Eu vejo isso até porque o professor acaba se envolvendo muito com a sua prática docente e a prática pedagógica acaba ficando fragmentada. A prática pedagógica ela acontece. Ela tem um resultado quando o docente também contribui. Mas, às vezes, essa prática docente, essa prática pedagógica, acaba não acontecendo na sua totalidade porque falta essa informação dentro do processo de ensino.

Q8. Que implicações são geradas a partir da necessidade do uso das NTIC's pela atividade dos professores?

R. Eu volto a dizer que seria resultado satisfatório. Eficácia e eficiência no trabalho. Porque as novas tecnologias, pela sua própria concepção, ela veio justamente para minimizar tempo, apresentar melhores qualidades dentro do processo ensino e aprendizagem e facilitar, mesmo, a compreensão e a criticidade do trabalho. Então, quando não se aplica bem as novas tecnologias acaba por interferir no resultado final do processo de ensino. Então, demora-se mais em apresentar-se conteúdo. Demora-se mais em formar uma visão estratégica daquilo que se pretende mostrar. Então, com as novas tecnologias é preciso você se utilizar desses elementos para dar toda essa ênfase na exposição dos conteúdos.

APÊNDICE VII. RESPOSTAS TRANSCRITAS DA ENTREVISTA COM O DOCENTE D5



DOCENTE D5

Q1. Identificação

Idade: 35 anos

Formação:

Tempo de formação: 10 anos

Tempo de docência: 10 anos

Q2. De que forma ocorre a formação continuada dos docentes para o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's)?

R. Ao meu ver, atualmente, a dificuldade para professores é em formação continuada. A gente tem o curso, ministra o curso, mas a gente não tem essa questão de manter essa atualização que pede via mercado. O próprio mercado pede uma atualização. E atualmente a gente não tem muito essa questão. Tem como curso e depois a gente não tem essa continuação. Não dá continuidade a isso.

Q3. Qual a relação entre os saberes construídos na formação continuada dos docentes e o uso no cotidiano de sala de aula?

R. Dificuldade no uso da tecnologia. A geração que a gente abrange como universidade hoje, o período que a gente ministra aula, a dificuldade dos professores, assim de um modo geral, em utilizar a questão tecnológica em sala de aula. Então, é mínimo o uso, ainda, da tecnologia para a sala de aula. Seja ela tecnologia rádio, seja ela televisão. O pessoal usa mais o tradicional que é o livro didático. E é o meio mais fácil de se dar aula hoje, utilizando apenas o livro didático.

Q4. Quais as concepções dos docentes acerca do papel da formação continuada para o uso das NTIC's?

R. Muito se tem visto falar em tecnologia, em nova tecnologia, seja ela pra educação. O mundo hoje, a globalização está voltada sempre para questão tecnológica. Como

profissional a dificuldade é a geração. Nossa geração não aprendeu, não nasceu aprendendo a tecnologia. Nós aprendemos a usar a tecnologia no decorrer da vida acadêmica, principalmente, pela faixa etária. Como concepção nisso eu vejo a questão da dificuldade do uso, da questão do manuseio. Do medo de usar para não quebrar. Do medo de usar para não entrar vírus. Do medo de não usar o rádio, porque vou quebrar o rádio. Não sei usar. Enfim, tem essa questão do não uso devido a nossa própria geração, nossa faixa etária, não crescer no mundo tecnológico. Como a gente já vê os meninos hoje crescendo já com a tecnologia.

Q5. De que forma ocorre o acesso às NTIC's por parte dos professores?

R. Depende da instituição. Algumas instituições elas já disponibilizam o material tecnológico para a gente utilizar em sala de aula. Material tecnológico não se resume apenas ao computador e o Datashow. Mas, se resume também a rádio, ao DVD. Algumas instituições disponibilizam isso para a gente. Outras não. Então, cabe ao professor se manter atualizado no mundo tecnológico. Até o próprio mercado exige isso. Como profissional a gente precisa estar se atualizando. E a tecnologia está aí batendo na porta e muito rápido e agente como profissional precisa também está atualizado para se manter no mercado de trabalho.

Q6. Como ocorre a atuação dos professores frente ao uso das NTIC's no cotidiano escolar?

R. É necessário o professor querer fazer. Tem recurso disponível? Tem. Porque são diversos recursos que podem ser utilizados como tecnologia. Mas, cabe ao professor querer fazer a mudança. É querer o novo. Se o professor não quer trabalhar, ele não trabalha. Ele utiliza somente o que a escola disponibiliza que é o quadro, um lápis e o livro didático. Mas, se o professor quer melhorar, e se manter no mercado de trabalho como profissional, ele precisa estar atento às novas tecnologias a serem inseridas em sala de aula.

Q7. Existe dificuldade na adequação do uso das NTIC's no que diz respeito à didática do docente?

R. A nossa maior dificuldade, como docente, na utilização da tecnologia em sala de aula é a prática. Nós não tivemos prática. Eu digo a questão do manuseio. Do uso da tecnologia em sala de aula, da tecnologia na educação. Então, a nossa dificuldade é como utilizar os meios de comunicação que nós temos hoje em dia. É a questão de se adequar ao novo, a mudança. Porque a tecnologia em sala de aula, as novas tecnologias elas estão aí. A gente precisa se adequar a elas. Então, a nossa maior dificuldade, que inclusive eu tenho

trabalhado isso com meus alunos, é a questão do querer fazer. Mas, para se manter no mercado de trabalho a gente precisa estar disposto à mudar, à mudança.

Q8. Que implicações são geradas a partir da necessidade do uso das NTIC's pela atividade dos professores?

R. A questão mercadológica. Uma coisa que eu tenho percebido muito na fala dos alunos, como geração que teve que aprender a usara tecnologia, é a questão de se manter no mercado de trabalho. Principalmente na área de educação nós temos um crescimento muito grande tecnológico. Em sala de aula nós temos disponíveis vários aparelhos que nós podemos usar como recurso em tecnologia. Nossa dificuldade é justamente na questão do uso. Como manusear esse aparelho? A gente precisa se adequar a realidade escolar. Então, o meio que eu tenho vivido e visto hoje como professor e aluno dessa geração é se manter no mercado de trabalho. Então, uma das maiores implicações em nova tecnologia é você se manter no mercado de trabalho. Então, é necessário que você eu saiba. Que eu utilize também. Não só saber. A questão é que eu tenho que saber e eu tenho que utilizar essa tecnologia em sala de aula. Senão, como profissional em educação, eu não consigo me manter no mercado de trabalho.

APÊNDICE VIII. RESPOSTAS TRANSCRITAS DA ENTREVISTA COM O DOCENTE D6



DOCENTE D6

Q1. Identificação

Idade: 47 anos

Formação: Direito e Comunicação Social

Tempo de formação: 26 anos

Tempo de docência: 28 anos

Q2. De que forma ocorre a formação continuada dos docentes para o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's)?

R. Eu acho ainda muito precária. Embora hoje a gente fale muito em tecnologia. Nas formas que a gente pode trabalhar. Eu acho que ainda precisa-se trabalhar muito, principalmente, o professor para que ele esteja apto a passar isso. Na minha visão, a maioria dos professores ainda não tem conhecimento suficiente para trabalhar e passar essas informações. A não ser aqueles que, realmente, estão focados nessa área. Eu acho que os recursos são muitos, mas ainda não são tão fornecidos em determinadas áreas de trabalho. Então, acho que ainda está muito falho. Precisa melhorar muito.

Q3. Qual a relação entre os saberes construídos na formação continuada dos docentes e o uso no cotidiano de sala de aula?

R. Em termos teóricos tem uma formação razoável, mas a nível tecnológico eu ainda acho precário. O que eu sinto é que o material que trabalhado hoje para os professores trabalharem ainda é muito básico. Hoje a maioria dos professores tem em mãos um Datashow, um notebook e, geralmente, para nisso. As outras tecnologias, na realidade, a gente ainda não tem muito alcance. E, mesmo assim, esses que ainda têm esses instrumentos, uma boa parte, tem dificuldade em trabalha-los. Isso a gente percebe quando o próprio aluno muitas vezes está à frente dessa tecnologia e ele indaga e o próprio professor ele não sabe como administrar aquilo. E, muitas vezes, pede ajuda do próprio aluno, para que ele ajude em sala de aula.

Q4. Quais as concepções dos docentes acerca do papel da formação continuada para o uso das NTIC's?

R. O papel eu acho que ele é fundamental. Eu acho que o professor ele ainda é um formador de opiniões. E ele tendo essa formação ele vai conseguir influenciar positivamente no progresso de pesquisa. De utilização desses materiais em prol da Educação. Se o professor ele tem essa formação ele vai ter no norte e vai ter, realmente, como passar isso de forma coerente. Se ele não tiver sua formação ele vai passar, mas nem sempre de uma forma capacitada. Ele vai passar o que ele aprendeu. E nem sempre é a correta. Então, a segurança do professor vai estar na formação. Se eu me formo e sei exatamente o que eu estou fazendo vou conseguir passar com segurança isso para o aluno. Se eu sei, mas eu aprendi de qualquer jeito, eu posso passar, mas não com tanta segurança como se tivesse essa formação.

Q5. De que forma ocorre o acesso às NTIC's por parte dos professores?

R. Hoje a maioria dos professores tem em mãos um Datashow, um notebook e, geralmente, para nisso. As outras tecnologias, na realidade, a gente ainda não tem muito alcance.

Q6. Como ocorre a atuação dos professores frente ao uso das NTIC's no cotidiano escolar?

R. Uma tem a ver com a outra. Ele atua, eu acho hoje na minha visão particular, eu vejo que ele ainda atua de forma muito precária. Eu acho que é essa formação continuada que precisa para que essas pessoas entendam e saibam o que estão fazendo para poder atuar de forma coerente. Como na prática eu acho que isso ainda é muito falho. Isso ainda precisa melhorar muito. Eu acho que ele vem atuando ainda de uma maneira muito vamos dizer assim vaga que fica a desejar. Que não prenda realmente e utilize os meios de forma mais coerente. Eu acho que é essa formação continuada que falta para que o aluno possa aprender melhor com professor. Agora, lógico, tem professores que já tem determinadas formação que eles conseguem, de certa maneira, utilizar não só esses meios que foram citados, mas todos os meios de forma coerente. Então, é assim quando você trabalha no estado ou você trabalha no município, que geralmente, tem essa formação, certamente, esses professores vão passar isso com maior qualidade. Mas, em outras situações, principalmente nas particulares, que isso não existe e você de uma certa maneira não tem condições ou não tem tempo para tentar fazer isso por conta própria ainda vai ficar ainda vai ficar muito defasado.

Q7. Existe dificuldade na adequação do uso das NTIC's no que diz respeito a didática do docente?

R. Só quando o professor não está sabendo ou não tem esses instrumentos. Quando ele tem os instrumentos adequados e tem conhecimento eu acho que isso flui bem. O grande problema é o professor ter esses instrumentos e saber manuseá-los. Quando isso existe, não acho problema nenhum. Pelo contrário, eu acho que a aula enriquece, o aprendizado é melhor e as pessoas têm mais acesso à informação. Eu vejo isso como benefício. Desde que o professor tenha e saiba utilizar esses instrumentos. Aí vem novamente a formação.

Q8. Que implicações são geradas a partir da necessidade do uso das NTIC's pela atividade dos professores?

R. Quando elas bem utilizadas eu acho que ela vai obter sucesso, êxito. Eu acho que o aprendizado flui. Quando ele não tem, certamente, vai ficar. Hoje eu não consigo ver você trabalhar sem as tecnologias. Não, não consigo. A sociedade mudou. Os tempos mudaram. E elas existem. E todo mundo quer. Principalmente quem está em sala de aula quer utilizar as tecnologias. Se você não tem um acesso ou você não sabe trabalhar isso, então, os próprios alunos vão ficar a quem. Até porque eles esperam que isso seja trabalhado, Principalmente na área de comunicação. Hoje comunicação é tudo. E causa, eu acho, que fica realmente a desejar. Tanto a nível de educação como na expectativa dos dos alunos.

APÊNDICE IX. RESPOSTAS TRANSCRITAS DA ENTREVISTA COM O DOCENTE D7



DOCENTE D7

Q1. Identificação

Idade: 41 anos

Formação:

Tempo de formação: 18 anos

Tempo de docência: 18 anos

Q2. De que forma ocorre a formação continuada dos docentes para o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's)?

R. Aqui na universidade a gente tem uma disciplina. É Tecnologia na Educação.

Q3. Qual a relação entre os saberes construídos na formação continuada dos docentes e o uso no cotidiano de sala de aula?

R. A falta de aplicabilidade. Parece que a formação é só para a gente aprender para gente. E muitas vezes eu questiono ao professor, por que é que ele não coloca em prática o que ele aprendeu. Essa falta de aplicabilidade. Tudo bem que às vezes depende de recursos. Mas, hoje nós temos uma ferramenta não básica que é o celular que todo mundo tem. Você pode tirar fotos, fazer vídeos. Você pode consultar na internet. Então, por mais simples que seja um celular hoje você pode trabalhar com ele. Mas, o professor, ele não faz isso.

Q4. Quais as concepções dos docentes acerca do papel da formação continuada para o uso das NTIC's?

R. Eu acho que ainda está a desejar. Parece que a gente não estamos no século vinte e um. Eu acho que falta muito para que se entenda que nós precisamos. Hoje, a escola, ela tem que trabalhar com as ferramentas. E a gente não ver isso. Uma ou outra você ver. Mas, não deveria ser uma ou outra deveria ser todas. Eu fico dizendo: poxa, se alfabetiza com informática. Existem software específicos para música, para alfabetização, para ciências,

para física. Então, é uma forma diferenciada que os alunos têm de aprender e prazerosa. Eles gostam. Novas épocas, novas formas de trabalhar.

Q5. De que forma ocorre o acesso às NTIC's por parte dos professores?

R. Aqui na universidade a gente tem uma disciplina. É Tecnologia na Educação.

Q6. Como ocorre a atuação dos professores frente ao uso das NTIC's no cotidiano escolar?

R. Aqui na universidade, eu não vejo dificuldade, por conta dos alunos, em trabalhar com as novas tecnologias. Inclusive até porque eu trabalho muito. Procuro utilizar tipos de textos modais em sala de aula. Então, eu não uso só um tipo de ferramenta, trabalho diversas formas e vejo que não tem dificuldade. Há nove anos tínhamos. Hoje não. Hoje nós temos outro perfil de alunos. A gente tem outro perfil. A própria universidade em si também, ela tem os equipamentos ofertando para que o aluno ele tenha interesse em aprender a usar.

Q7. Existe dificuldade na adequação do uso das NTIC's no que diz respeito a didática do docente?

R. Tem. Tem dificuldade. Como eu disse. Como ele tem medo de não saber. O que acontece? São duas gerações. A gente tem os imigrantes digitais, que somos nós, e temos os nativos digitais, que são nossos alunos. Então, os imigrantes digitais eles têm muito sotaque. E tem o medo. E esse medo muitas vezes impede que o professor ele venha trazer algo diferente para sala de aula. Esse professor ele precisa ter um olhar e ouvir diferenciado do professor da minha época e que eu era aluna. Esse olhar que ele precisa ter um olhar que veja que o aluno pode produzir um blog. E que o aluno quando vai produzir um blog ele vai ter que ter um texto. Então, ele vai se preocupar com a escrita. Então, ele vai ter que pesquisar o conteúdo. E o professor não ver que isso é importante. Ele está postando. Mas, é o nome dele que está para rede. O professor como não sabe utilizar não faz. É uma pena porque eu insisto e às vezes a gente acaba só no planejamento. Vou dar um exemplo, na minha escola a gente tem computadores. Internet perfeita. Agora só estou com oito máquinas. Então, não tem como trabalhar com turma de quarenta alunos com oito máquinas. Também, às vezes, tem a questão do recurso físico. Eu tenho a internet, mas não tenho computador. Aí eu digo para os professores que tenho esse programa. Porque esse programa educacional é bom. Porque ele trabalha esse assunto, mas bate na questão mais da estrutura física.

Q8. Que implicações são geradas a partir da necessidade do uso das NTIC's pela atividade dos professores?

R. Eu vejo que são cognitivas. Por quê? Eu estou trabalhando com o computador. Ele é um instrumento. Ele não é a ferramenta. Então, eu quero que o aluno, ele aprenda junto com a ferramenta. E quando a gente ver é como se fossem dois saberes separados. O aluno vai ter que aprender a mexer só com o computador, mas ele não aprende o que fazer com um computador. É onde entra a questão da inclusão digital. Ele tem que ter uma funcionalidade. E a gente não vê essa funcionalidade por parte do professor. Eu andei observando algumas aulas e vi isso que o professor só dava aula meramente técnica. Não havia essa preocupação que nós educadores temos, ou deveríamos ter, em relação à questão cognitiva. Que o meu objetivo é que o aluno aprenda. Então, quando eu digo que vou trabalhar com blog, ele vai aprender porque ele está pesquisando. Ele está escrevendo. Ele está sendo estimulado. Se ele vai postar um vídeo de matemática, então ele vai se preparar. Ele vai organizar. Se ele vai fazer um filme, produção de movie maker. Então, tudo isso é mais voltada há uma temática não é ser feito por ser feito.

APÊNDICE X. RESPOSTAS TRANSCRITAS DA ENTREVISTA COM O DOCENTE D8



DOCENTE D8

Q1. Identificação

Idade: 33 ANOS

Formação: Licenciatura em História, Pós-graduação em História e Artes das Religiões, Mestrado em História Europeia.

Tempo de formação: 12 ANOS

Tempo de docência: 11 ANOS

Q2. De que forma ocorre a formação continuada dos docentes para o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's)?

R. No meu caso, e acho que, no caso de uma boa parte desses professores aqui dificilmente a gente vai ter uma formação da universidade ou da escola. Mas, quando você tem uma formação da escola é muito pouca. É muito superficial. É batida. É a mesma formação o tempo todo. No meu caso, especificamente, e acho que da maioria dos professores é buscar por si só. Eu no meu caso fazer leitura individual e ter contato com professores que trabalham nas áreas das atuais tecnologias. No caso das atuais tecnologias aqui tem uma professora e muito do que eu sei e me arrisco a ir na área é o que ela vai me estimulando a e as leituras que ela vai me indicando. Hoje é muito mais pelas indicações e acontecendo. Tentando colocar na prática o que a gente está lendo. Mas de formação dificilmente eu estou indo ou dificilmente a gente tem acesso no ambiente da gente.

Q3. Qual a relação entre os saberes construídos na formação continuada dos docentes e o uso no cotidiano de sala de aula?

R. Com relação a formação, primeiro é assim, de formação, de fato, que é a que eu tive, pelo menos, na graduação, na pós e no mestrado praticamente em nada se falou em tecnologia. Ainda a academia é uma ilha com relação a isso. Inclusive aqui, e olha que aqui tem muita coisa mudada. Mas as pessoas que eu tenho contato, meus ex-alunos que estão

em faculdade, da formação é muito pouca. Agora assim, tudo é paulatino. Você vai aprendendo uma coisa e vai testando. É difícil.

Q4. Quais as concepções dos docentes acerca do papel da formação continuada para o uso das NTIC's?

R. É essencial. É necessário, mas a gente tem que ser sincero que no tipo de trabalho que a gente faz, por mais que pareça clichê, a gente trabalha manhã, tarde e noite. Então, tem um tempo sábado e domingo. Eu trabalho no sábado. Então, o tempo que eu tenho para mim, de vida, que eu faço greve, no caso, é no domingo. Então, quando eu tenho tempo é fundamental. A formação continuada é fundamental, mas a gente sabe aqui na nossa área dificilmente a gente vai conseguir, de fato, equilibrar isso e buscar essa informação. Eu não consigo.

Q5. De que forma ocorre o acesso às NTIC's por parte dos professores?

R. É como eu te falei naquela hora, pra mim, no meu caso, ocorre muito mais com o contato com os professores que já usam ou que tiver algumas experiências, do que propriamente num curso ou numa ação que eu vá buscar. Pra mim acontece muito mais nos contatos que a gente tem. Nas trocas que a gente tem. Em sala dos professores. E principalmente naqueles momentos em comum, no intervalo onde cada um dá uma dica. E, também, muito dos alunos. Eu aprendo muito mais com os alunos do que comigo mesmo.

Q6. Como ocorre a atuação dos professores frente ao uso das NTIC's no cotidiano escolar?

R. Eu vejo muito assim como eu te falei. Eu vejo das conversas que eu tenho com as pessoas é muita dificuldade de fazer essa atuação. Pra mim o que torna mais fácil é que como eu tenho um diálogo muito aberto com meus alunos. Eu converso muito com meus alunos. Eu sou amigo dos meus alunos. Porque minha área é mais fácil. Eu sou de história. Eu tenho a facilidade muito maior da humanidade, de conversar e tudo mais. Então, desse contato com eles, por exemplo, em algumas escolas, a gente tem. Eu trabalho em uma escola que a gente tem vez de ter só provas e testes, você tem um contrato didático. E esse contrato didático é feito a partir da discussão entre os alunos professor. Vale dez pontos e são três atividades. A gente discute com os alunos como seria a melhor forma de avaliar. E uma boa parte desse contrato é feita através das tecnologias. Eles falam: Eu quero postar um vídeo no face, então, a gente discutir uma tarde no face. Ok, vale como nota. A gente marca o dia e eles fazem. Mas, é fácil fazer isso? Não é.

Q7. Existe dificuldade na adequação do uso das NTIC's no que diz respeito a didática do docente?

R. Como eu te falei existe muita dificuldade. Eu me formei e não tive nenhuma aula na faculdade que falasse sobre como utilizar as novas tecnologias em sala de aula.

Q8. Que implicações são geradas a partir da necessidade do uso das NTIC's pela atividade dos professores?

R. Depende muito de cada atividade. Você não tem um retorno garantido. Eu sei que você, por exemplo, daqueles dez ali tem um que fez uma coisa maravilhosa e deveria ser premiado. Então, as implicações horas são positivas mas eu acho que ainda hoje em dia é muito negativa.